

JULIANA ANDRADE LEITÃO

**IMAGEM JORNALÍSTICA E DESENVOLVIMENTO LOCAL: AS REPRESENTAÇÕES
DOS SERTÕES NO JORNAL O GLOBO E AGÊNCIA GLOBO.**

Recife

2011

Ficha catalográfica

L533i Leitão, Juliana Andrade

Imagem jornalística e desenvolvimento local: as
representações dos sertões no Jornal O Globo e Agência Globo/ Juliana
Andrade Leitão. -- 2011.

105 f.: il.

Orientadora: Salett Tauk Santos.

Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e
Desenvolvimento Local) – Universidade Federal Rural de
Pernambuco, Departamento de Educação, Recife, 2011.

Referências.

1. Representações sociais 2. Mídia 3. Sertão 4. Imagem
fotográfica 5. Desenvolvimento local I. Santos, Salett Tauk,
orientadora II. Título

CDD 338.09

JULIANA ANDRADE LEITÃO

**IMAGEM JORNALÍSTICA E DESENVOLVIMENTO LOCAL: AS REPRESENTAÇÕES
DOS SERTÕES NO JORNAL O GLOBO E AGÊNCIA GLOBO.**

Dissertação apresentada por JULIANA ANDRADE LEITÃO ao programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre sob a orientação da professora doutora Maria Salett Tauk Santos.

Recife
2011

JULIANA ANDRADE LEITÃO

**IMAGEM JORNALÍSTICA E DESENVOLVIMENTO LOCAL: AS REPRESENTAÇÕES
DOS SERTÕES NO JORNAL O GLOBO E AGÊNCIA GLOBO.**

Aprovado em: ____ de _____ de 2011

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Maria Salett Tauk Santos – Posmex/UFRPE

Profa. Dra. Aline Grego - Unicap

Prof. Dr. Angelo Brás Callou – Posmex/UFRPE

Profa. Dra. Maria Luiza Pires Lins e Silva – Posmex / UFRPE

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Rosário Andrade, pelo apoio incondicional, pelo carinho e sensibilidade; e ao meu pai, Ivan leitão, pela força e torcida de sempre.

A minha orientadora, Sallet Tauk Santos, por apoiar o meu projeto e pelas ideias e paciência que contribuíram muito nesta pesquisa.

A minha tia Graça Andrade Ataíde de Almeida pelos livros emprestados e pela constante atenção.

Aos meus professores no Posmex: Irenilda Lima, Paulo de Jesus, Angelo Brás Callou, Sallet Tauk, Maria das Graças A. A. Almeida, pelas valiosas contribuições nas aulas.

A banca de qualificação pelas contribuições oferecidas na ocasião: professoras Maria Luiza Pires Lins e Silva e Maria das Graças A.A Almeida.

Ao meu namorado Paulo Rebêlo pelo carinho, paciência e compreensão.

Ao meu amigo Marcelo Santos pelo incentivo a continuar estudando.

Aos colegas de sala por compartilhar esse processo juntos nos debates, conversas e momentos de descontração.

A minha vó pela torcida e conselhos carinhosos.

A Cléia Lima pelas correções normativas.

A Rebeca Amorim pela revisão ortográfica.

A Marcia e Nadja pela ajuda sempre prestativa.

RESUMO

Este estudo analisa as representações sociais que a imprensa de circulação nacional faz dos Sertões do Nordeste nas reportagens de alcance nacional. O foco da pesquisa está centrado na análise das imagens que são utilizadas pelo jornal para ilustrar o Sertão. Assim, identifica os elementos que fazem parte do imaginário e do discurso jornalístico que mostram o Sertão ao resto do país. A pesquisa está fundamentada na teoria das Representações Sociais, imagem fotográfica e desenvolvimento local a partir dos autores Serge Moscovici, Celso Pereira de Sá, Roland Barthes, Philippe Dubbois, Boris Kossoy, Sandra Jatahy Pesavento, Jacques Aumont, Graziano da Silva, Froehlich, Markus Brose, Mauro Del Grossi, José Eli da Veiga, Durval Albuquerque Junior, Mauro Wolf, Patrick Charaudeau, Augusto de Franco, Tauk Santos, Michael Kunzlik. Trata-se de um estudo de caso que analisa as imagens fotográficas disponíveis pela agência Globo e o jornal O Globo em seu portal online de notícias. São analisadas as temáticas, títulos e subtítulos de todas as fotografias disponíveis no site, correspondentes ao tema Sertão no período de 2003 a 2010. O estudo evidenciou que as imagens denotam uma representação do Sertão como local de isolamento, de seca, miséria, sem acesso a tecnologia, a saneamento, com sistema precário de transporte e rudimentares práticas agrícolas.

Palavras-chave: Representações sociais. Mídia. Sertão. Foto-Jornalismo. Desenvolvimento local.

ABSTRACT

The current study analyzes the social representations made by the national press about the hinterlands (Sertão) in northern Brazil. The research focus is centered on photographs published by newspapers, therefore, identifying elements that take place on people's mind due to the those published stories that introduce the Sertão to the rest of Brazil. The research is based on the Theory of Social Representations, photo images and local development from authors Serge Moscovici, Celso Pereira de Sá, Roland Barthes, Philippe Dubbois, Boris Kossoy, Sandra Jatahy Pesavento, Jacques Aumont, Graziano da Silva, Froehlich, Markus Brose, Mauro Del Grossi, José Eli da Veiga, Durval Albuquerque Junior, Mauro Wolf, Patrick Charaudeau, Augusto de Franco, Tauk Santos and Michael Kunczik. It is a case study to analyze photographs, available from Agência Globo and O Globo newspaper website, related to Sertão between 2003 and 2010. The case study presents evidence that those images led to a representation of Sertão as a place of isolation, dry, poverty, with no access to technology and sanitation, with a very poor structure of transportation and farming.

Keywords: Social representations. Press. Media. Photojournalism. Local development.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Geraldo Alckmin nas eleições 2006	13
Figura 02	Reprodução página do Orkut	18
Figura 03	Sertão no site Google	19
Figura 04	Reprodução de pintura de Candido Portinari	27
Figura 05	Mapa sub-regiões do Nordeste	48
Figura 06	Aluna da Unidade Acadêmica de Serra Talhada – UAST-UFRPE	49
Figura 07	Aluno da Unidade Acadêmica de Serra Talhada – UAST-UFRPE	49
Figura 08	Aluno da Unidade Acadêmica de Serra Talhada – UAST-UFRPE	50
Figura 09	Aluno da Unidade Acadêmica de Serra Talhada – UAST-UFRPE	50
Figura 10	Campus da Unidade Acadêmica de Serra Talhada – UAST-UFRPE	50
Figura 11	Campus da Unidade Acadêmica de Serra Talhada – UAST-UFRPE	50
Figura 12	Fabrica Bom Sinal Indústria e Comercio LTDA	52
Figura 13	Metrô do Cariri	52
Figura 14	Metrô do Cariri	52
Figura 15	Metrô do Cariri	52
Figura 16	Estação do Metrô do Cariri	52
Figura 17	Metrô do Cariri e carroça	52
Figura 18	Mel de Picos – Piauí	54
Figura 19	Mel de Picos – Piauí	54
Figura 20	Mel de Picos – Piauí	54
Figura 21	Mel de Picos – Piauí	54
Figura 22	Colméias – Piauí	54
Figura 23	Apicultor – Piauí	54
Figura 24	Fábrica de Dormentes em Salgueiro	55
Figura 25	Fábrica de Dormentes em Salgueiro	55
Figura 26	Fábrica de Dormentes em Salgueiro	56
Figura 27	Fábrica de Dormentes em Salgueiro	56
Figura 28	Fábrica de Dormentes em Salgueiro	56
Figura 29	Fábrica de Dormentes em Salgueiro	56
Figura 30	Motos em São Bento	57
Figura 31	Feira em São Bento	57
Figura 32	Feira em São Bento	57
Figura 33	Feira em São Bento	57
Figura 34	Feira em São Bento	57
Figura 35	Fábrica em São Bento	57
Figura 36	Reprodução de pintura de Candido Portinari	60
Figura 37	Reprodução de pintura de Candido Portinari	60
Figura 38	Reprodução de fotografia de escultura de Vitalino	60
Figura 39	Gráfico de sistematização das cores	68
Figura 40	Imagem Agencia Globo	69
Figura 41	Imagem Agencia Globo	69
Figura 42	Imagem Agencia Globo	70
Figura 43	Imagem Agencia Globo	72
Figura 44	Imagem Agencia Globo	72
Figura 45	Jornal O Globo: Seca em Alagoas	75
Figura 46	Jornal O Globo: Seca em Alagoas	76
Figura 47	Jornal O Globo: Seca em Alagoas	77
Figura 48	Jornal O Globo: Seca em Alagoas	78

Figura 49	Jornal O Globo: Seca em Alagoas	79
Figura 50	Jornal O Globo: Seca em Alagoas	80
Figura 51	Jornal O Globo: Seca em Alagoas	81
Figura 52	Jornal O Globo: Semana Santa na Bahia	84
Figura 53	Jornal O Globo: Semana Santa na Bahia	84
Figura 54	Jornal O Globo: Estação ecológica do Seridó (RN)	86
Figura 55	Jornal O Globo: Estação ecológica do Seridó (RN)	86
Figura 56	Jornal O Globo: Estação ecológica do Seridó (RN)	87
Figura 57	Jornal O Globo: Seca no Nordeste	89
Figura 58	Jornal O Globo: Seca no Nordeste	91
Figura 59	Jornal O Globo: Seca no Nordeste	92
Figura 60	Jornal O Globo: Seca no Nordeste	93
Figura 61	Jornal O Globo: Seca no Nordeste	94
Figura 62	Jornal O Globo: Seca no Nordeste	95
Figura 63	Jornal O Globo: Seca no Nordeste	96
Figura 64	Jornal O Globo: Seca no Nordeste	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Nordeste nos sites pesquisados	30
Quadro 02	Pernambuco nos sites pesquisados	31
Quadro 03	Sertão nos sites pesquisados	31
Quadro 04	Infográfico sobre VLT – Veículo Leves sobre Trilhos	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADDIPER	AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE PERNAMBUCO
AAPI	ASSOCIAÇÃO DOS APICULTORES DA MICROREGIÃO DE SIMPLICIO MENDES
CO2	DIÓXIDO DE CARBONO
COMAPI	COOPERATIVA MISTA DOS APICULTORES DA MICROREGIÃO DE SIMPLÍCIO MENDES.
COOPASC	COOPERATIVA DOS APICULTORES E PRODUTORES RURAIS DO TERRITÓRIO SERRA DA CAPIVARA
COOPARN	COOPERATIVA APÍCOLA DA MICROREGIÃO DE SÃO RAIMUNDO NONATO
IBAMA	INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS
FIFA	FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL ASSOCIADO
MDA	MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO
ORKUT	REDE SOCIAL FILIADA AO GOOGLE QUE POSSUI O NOME DO SEU CRIADOR: ORKUT BÜYÜKKOKTEN.
PNADs	PESQUISA NACIONAL DE AMOSTRA POR DOMICÍLIOS DO IBGE
SEBRAE	SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS
SESC	SERVIÇO SOCIAL DO COMERCIO
UFAL	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
UFSM	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
VLT	VEICULO LEVE SOBRE TRILHOS
UEPAS	UNIDADES DE EXTRAÇÃO DE PRODUTOS APÍCOLAS
UOL	UNIVERSO ONLINE

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 O PROBLEMA, SUA ORIGEM E IMPORTÂNCIA E O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO	12
1.2 O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO: TEORIA DA REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA COMO PONTO DE PARTIDA.	20
1.3A IMAGEM FOTOGRÁFICA COMO FOCO DE ANÁLISE	26
2. CAPÍTULO I: JORNALISMO, IMAGEM E DESENVOLVIMENTO LOCAL	35
3. CAPÍTULO II: OS SERTÕES: DA REALIDADE ÀS REPRESENTAÇÕES	48
3.1 COMO TEM SIDO REPRESENTADO ESSE SERTÃO	58
4. CAPÍTULO III: AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO NA MÍDIA BRASILEIRA	65
4.1 AGÊNCIA GLOBO	68
4.2 SECA EM ALAGOAS	74
4.3 QUINTA FEIRA SANTA PELO MUNDO	83
4.4 EU- REPÓRTER: SEMI-ARIDO	85
4.5 SECA NO NORDESTE	89
5. CONCLUSÃO	98
REFERÊNCIAS	101

1. INTRODUÇÃO - O PROBLEMA, SUA ORIGEM E IMPORTÂNCIA E O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO

“Mas os céus persistem sinistramente claros; o sol fulmina a terra; progride o espasmo assombrador da seca”. (CUNHA, 1901, p.134).

O objetivo deste estudo é analisar as representações sociais que a imprensa de circulação nacional faz dos Sertões do Nordeste nas reportagens de alcance nacional.

O foco da pesquisa está centrado na análise das imagens que são utilizadas pelo jornal para ilustrar o Sertão. Assim, identifica os elementos que fazem parte do imaginário e do discurso jornalístico que mostra o Sertão ao resto do país.

As questões que norteiam o estudo estão centradas na forma como são veiculadas as matérias de vários jornais de alcance nacional¹, como, por exemplo, o Globo, o Estado de São Paulo, a Folha de São Paulo e o Correio Brasiliense, que historicamente retratam o Sertão, reduzindo-o à seca, à presença de caveiras e da terra rachada. A argumentação para a escolha do tema se fundamenta na forma como tem sido estigmatizada a Região, seus costumes e sua população no senso comum com simbolismos e mitos, reforçados pelo discurso midiático.

Vale ressaltar, ainda, a razão da escolha do objeto de pesquisa a representação na mídia do Nordeste brasileiro e, principalmente, o Sertão da região: a mídia agenda o que o cidadão comum irá privilegiar discutir, acreditar. A existência de pobreza no Sertão é inegável, mas a exclusividade dela na mídia é o que se questiona nesta pesquisa. No momento em que geralmente é veiculada a existência de uma única visão do Sertão, como um local austero e sem desenvolvimento, onde as pessoas morrem de fome, no qual não existe comunicação nem transportes ou tecnologia, as pessoas de outras regiões olham para o lugar como isolado e perdido, sem atrativo algum para empreendimentos econômicos, por exemplo. Isto contradiz a realidade local, considerando que o Sertão de Pernambuco, por exemplo, possui Universidade Federal Rural em Serra Talhada, pesquisa agropecuária e tecnologias na produção e exportação de frutas, tais como manga e uva, que vão para Europa seguindo

¹ São jornais distribuídos para várias cidades do país. A relação na elaboração da notícia, seja local ou nacional é operacionalizada na captação da mesma por meio de contratação de jornalistas em sucursais nas regiões, o que possibilita cobrir todo o território nacional ou pelo menos boa parte dele.

padrões internacionais de cultivo e armazenamento em Petrolina, Lagoa Grande e outras cidades daquela região. As cidades sertanejas possuem internet, arte de projeção nacional, como é o caso do Cordel do Fogo Encantado em Arcoverde. Ao invés disso o que aparece é o sertanejo que ratifica a imagem dos Retirantes de Portinari, reducionismo que pode contribuir para a diminuição de investimentos na região.

O tema é muito próximo à realidade desta pesquisa. Trabalhando como foto-jornalista, em 2006, tal estereótipo chamou a atenção na cobertura da campanha política de Geraldo Alckmin (TERRA,2006), que concorria ao cargo de Presidente da República. Ele vestiu o Gibão de vaqueiro, novo e limpo, subiu no cavalo e posou para os fotógrafos. Possivelmente utilizando esta imagem típica do homem do Sertão e que alimenta talvez o estereótipo do homem sertanejo provavelmente para ser identificado como um candidato próximo ao Nordeste. Esta foto, feita para o Diário de Pernambuco, foi parar na Revista Época e em mídias do país inteiro.



FIGURA 01: fotografia do candidato Geraldo Alckmin vestido de vaqueiro em Petrolina nas eleições presidenciais de 2006. Foto: Juliana Leitão/DP/D.A Press

Produzir uma fotografia acarreta que a imagem produzida converse com a memória de imagens e com as referências culturais que cada individuo possui. A pessoa que vai ler essa imagem pode ter uma percepção completamente diferente. Pesavento diz que:

As imagens portam, ainda, a tensão entre o subjetivo e o social, ou entre os traços individualizantes e pessoais de seu autor ou autores e a dimensão do coletivo e da historicidade de um tempo e de um espaço determinados. Nesse tempo e espaço,

insere-se não somente a produção da imagem como também a sua recepção, leitura e consumo. (PESAVENTO, 2008, p. 107)

A foto feita de Geraldo Alckmin faz parte de uma série de imagens dele em Petrolina, no Bodódromo², na feira, em uma palhoça de forró, em comício, onde ele circula de carro pela cidade de Petrolina urbanizada, asfaltada. O momento dessa foto foi o único no qual ele se afastou para a área rural da região, esse local é um sítio de um vereador da região e os seus aliados políticos locais produziram esse momento. Trouxeram um gibão novo para o candidato para que fosse feito o registro. Várias imagens dele foram enviadas para os jornais e agências, mas esse momento específico foi o que apareceu na revista *Época*, na capa do *Diário de Pernambuco* etc., Essa era imagem que o Sudeste entenderia que ele estava de fato em campanha no Nordeste, porque é essa imagem de Nordeste que todos associam. O nordestino talvez visse aquela a foto e soubesse que aquele gibão é novo e que aquela imagem é de um falso vaqueiro, mas a imagem que ele quis passar é que usa as roupas do povo do Nordeste e que assim se assemelha ao povo nordestino.

Dessa maneira a mídia vai reforçar estereótipos do atraso, da falta de tecnologia, do isolamento, o que dificulta a formação de uma imagem do rural que o projete para uma situação propícia ao desenvolvimento. Esta identificação do Sertão é a encontrada pelos empresários quando procuram informação sobre o Nordeste. As imagens que chegam são de atraso e de abandono, de terra rachada e árvores secas, casas de taipas e crianças morrendo de fome. Isto possivelmente traz um impacto na medida em que induz a acreditar que investimentos nesses locais não sejam viáveis.

Observando esse formato de representação do Nordeste, especificamente do Sertão, utiliza-se como base teórica deste trabalho o estudo das Representações Sociais. A representação tem por função preservar e justificar a diferenciação social, por isso ela pode estereotipar as relações entre os grupos, contribuir para discriminação ou para a manutenção da distância social entre eles. As funções das Representações Sociais são as de compreender e explicar a realidade; definir a identidade e proteger a especificidade dos grupos; guiar os comportamentos e as práticas e, por fim, elas servem para explicar e justificar suas condutas. (ABRIC, 1998, P.30). Na perspectiva metodológica se explica detalhadamente os conceitos desta teoria e sua aplicação no presente trabalho.

² Bodódromo: conhecido ponto turístico de Petrolina, Sertão de Pernambuco, é considerado um complexo gastronômico ao ar livre com vários bares e restaurantes servindo carne de bode. Com mais de dez restaurantes, o local, situado na Av. São Francisco.

O Norte e o Nordeste são vistos como as regiões rurais e o Sul e Sudeste como as regiões urbanas. Essas delimitações conceituais existentes no senso comum limitam as possibilidades do termo rural e do termo urbano.

São Paulo é visto, na maioria das vezes, como a área da cultura moderna e urbano-industrial, omitindo-se sua cultura tradicional e a realidade do campo. Já com o Nordeste se verifica o inverso. Este é quase sempre pensado como região rural, em que as cidades, mesmo sendo desde longa data algumas das maiores do país, são totalmente negligenciadas, seja na produção artística, seja na produção científica. As cidades nordestinas, quando tematizadas, parecem ter parado no período colonial, são abordadas como cidades folclóricas, alegres, cheias de luz e arquitetura barroca. Já São Paulo é vista como uma cidade que passou do burgo pobre, feio, triste e sem luz do período colonial, para a cidade moderna, rica, movimentada, multicolorida, polifônica e cheia de luminosidades contemporâneas. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001 p.104, 105)

As novas teorias sobre o desenvolvimento local propõem um novo olhar sobre as regiões sem que se caia em um erro reducionista de achar que o micro ou pequeno seria o local, mas uma forma de ver o todo de forma mais apurada. Na esfera local é que são melhor identificados os problemas e suas possíveis soluções. Franco (1998) traz uma definição importante para conceituar desenvolvimento local:

Desenvolvimento local integrado e sustentável é um novo modo de promover o desenvolvimento, que possibilita o surgimento de comunidades mais sustentáveis, capazes de suprir suas necessidades imediatas, descobrir ou despertar suas vocações locais e desenvolver suas potencialidades específicas, além de fomentar o intercâmbio externo, aproveitando-se de suas vantagens locais. (FRANCO, 1998, p.7)

Um aspecto importante na promoção do desenvolvimento local é a informação sobre as regiões, as culturas locais, a comunidade, os recursos, o capital humano e social que de fato possibilitem o planejamento de estratégias eficazes para uma nova realidade sustentável e integrada. Para tal, a mídia ou os meios de comunicação de massa tanto locais como nacionais exercem uma função fundamental para integrar as discussões, levantar o debate e trazer até as pessoas a realidade do que acontece nas regiões. O autor fala da necessidade de “desenvolver e aplicar estratégias de comunicação social e de marketing compatíveis” ao desenvolvimento local sustentável e integrado. (FRANCO 1998, p.19).

O desenvolvimento preocupa-se com o aproveitamento dos recursos materiais e humanos da comunidade. Investimentos em educação, aproveitamento da cultura e conhecimentos da comunidade, preocupação com a preservação das reservas naturais, a inclusão de jovens e mulheres no setor produtivo, nas decisões coletivas são fundamentais para que de fato ocorra equidade de gênero e igualdade nas questões geracionais.

Os meios de comunicação de massa podem trazer à tona os diversos problemas que afligem a região, ao mesmo tempo em que podem divulgar as potencialidades locais, vocação social e econômica para certas atividades, o que possibilita que um maior número de pessoas tenha acesso ao conhecimento sobre as comunidades refletidas nas reportagens jornalísticas.

A pesquisa tem como preocupação os meios de comunicação de massa e sua função social de trazer à discussão assuntos voltados à promoção do desenvolvimento local. Os jornais são formados por uma equipe de editores, repórteres, foto-jornalistas, diagramadores e ilustradores que irão dar o tratamento à notícia que será veiculada. De acordo com a importância dada por aquele determinado jornal, aquela notícia será veiculada com chamada na capa do jornal, área nobre que coloca a ordem de importância das notícias do dia. Michael Kunczik diz o seguinte: “A principal função dos jornais é comunicar à raça humana o que seus membros fazem, sentem e pensam”. (KUNCKZIK,2001,p.109). Este autor discute a função dos jornalistas trazendo os Princípios adotados em Bordéus, em 1954, pela Federação Internacional de Jornalistas, que diz no primeiro item que : “O primeiro dever do jornalista é o respeito à verdade e ao direito do público em conhecer essa verdade”. (KUNCKZIK,2001,p.110).

Neste contexto, vale ressaltar que no campo dos estudos da Comunicação existem dados levantados no conhecimento da agenda-setting, ou seja, a pesquisa do impacto nos receptores no que se refere a uma ordem de importância semelhante à ordem dada pelo veículo de comunicação. Vários autores procuram saber como, por exemplo, eleitoralmente a televisão, o impresso, o rádio, a internet colocam na ordem do dia de interesse das pessoas os assuntos e acontecimentos da política.

Segundo Wolf, o público dá importância a acontecimentos enfatizados pelos meios de comunicação de massa. O autor explica que a mídia coloca na ordem do dia da atenção do público os assuntos, dando importância, salientando sua centralidade, assim: “as notícias são enquadradas em temas, a mídia fornece categorias nas quais o receptor situa as matérias de modo significativo”. (WOLF, 2008, p.145).

Patrick Charaudeau fala que na sociedade atual é preciso que muitos cidadãos tenham acesso à informação. No entanto nem todos conseguem ter acesso a essa informação, por isso os meios de comunicação de massa se colocam como os mensageiros dessas informações e para que elas sejam aceitas por um grande grupo de indivíduos, esse sistema de comunicação precisa ter credibilidade, fazendo com que se acredite na versão e na forma com a qual os dados estão sendo passados ao leitor. O autor resume da seguinte forma: “gozar da maior

credibilidade possível com o maior número possível de receptores”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 86).

A realidade aparece refletida nas matérias jornalísticas por meio de títulos, diagramação, texto, fotografias e infográficos (representações visuais de informação geralmente em tabelas ou outros gráficos explicativos), esses elementos irão proporcionar formas de elucidação ao leitor sobre a realidade que se quer mostrar, no entanto nem sempre a tal realidade da reportagem é evidenciada tal e como ela de fato é.

A mídia muitas vezes tem contribuído para perpetuar esse modelo estagnado de pensamento e percepção sobre o que acontece nas regiões do Nordeste, principalmente no Sertão. Parece que em muitos casos existe um certo descompasso entre o que acontece de mudanças efetivas no meio rural e o que é representado pela mídia. Um exemplo disso são as representações que existem ainda do meio rural no Nordeste retratando-a a partir de formatos pré-estabelecidos. Desta forma, a mídia representa a ruralidade de forma caricata, reforçando estereótipos através de uma visão única do que acontece nas regiões rurais. Aparecendo freqüentemente pessoas esqueléticas, locais sem casa, sem ruas, dando uma idéia de abandono e solidão.

Pensando na forma reducionista que muitas vezes o Sertão aparece representado nos meios de comunicação de massa, nas possibilidades jornalísticas ainda pouco exploradas sobre aspectos de desenvolvimento econômico, social e cultural dessa rica região e do que tem aparecido na mídia, se chegou a dois questionamentos:

1. De que formas a imprensa de alcance nacional reforça a imagem do Sertão como local desprovido de riquezas e sujeito somente à seca?
2. No tratamento dado pela mídia ao Sertão identificam-se elementos que possam contribuir para o desenvolvimento local da região?

A importância do conhecimento que será gerado com esta pesquisa consiste na observação de representações socialmente enraizadas na sociedade brasileira no que diz respeito ao Nordeste, ao povo nordestino e especificamente ao Sertão e ao povo sertanejo. A representação do Nordeste precisa ser questionada e re-avaliada por aqueles que se colocam como vozes que falam para o Brasil sobre este Brasil, que muitas vezes desconhecem. Essa atitude e a forma de fazer jornalismo têm reforçado preconceitos consolidados no país até hoje. Um exemplo desse preconceito ainda presente são as comunidades discriminatórias no site de relacionamentos Orkut, como é o caso da Comunidade no Orkut “Eu odeio Nordestinos”. Depois das enchentes no mês de junho de 2010 apareceram comentários nessa

comunidade, formada por 281 membros, tais como: “No fundo, no fundo, tenho dó de nordestino, explico: Numa metade do ano morrem na seca e na outra metade morrem na enchente... rs, Obrigado, meu Deus, por não ser nordestino!”; “Pessoal com essas enchentes no Nordeste acho que os cabeçudos vão vir em massa pra SP, tô muito preocupada com isso. Vai ter mais lixo do que já tem aqui.” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 2010 a); "Não tenho medo de nada e nem devo nada a ninguém. Eu e os demais membros dessa comunidade somos cidadãos de bem, que pagamos nossos impostos e estamos inconformados com a situação de nossa cidade... que piora a cada dia que passa, com favelas, mendigos defecando no meio da rua, aumento dos crimes, gente sem educação que impõe sua cultura".(TERRA, 2010).



FIGURA 02: reprodução de página do site de relacionamentos Orkut onde aparece a comunidade Eu odeio nordestinos, com 281 membros.

Este é um exemplo claro de que a imagem do Nordeste e da população que vive nessas regiões é estereotipada nos meios de comunicação e preconceituosa por boa parte da população, que não tem acesso, ou não procura ter, a outras fontes de informação.

A imagem do Sertão está bastante estigmatizada no senso comum. Um exemplo disso é a pesquisa de imagens por uma ferramenta de busca internacional como é o Google, se colocarmos a palavra Sertão na busca de imagens aparecem fotos que remetem aos temas citados acima (GOOGLE, 2009).

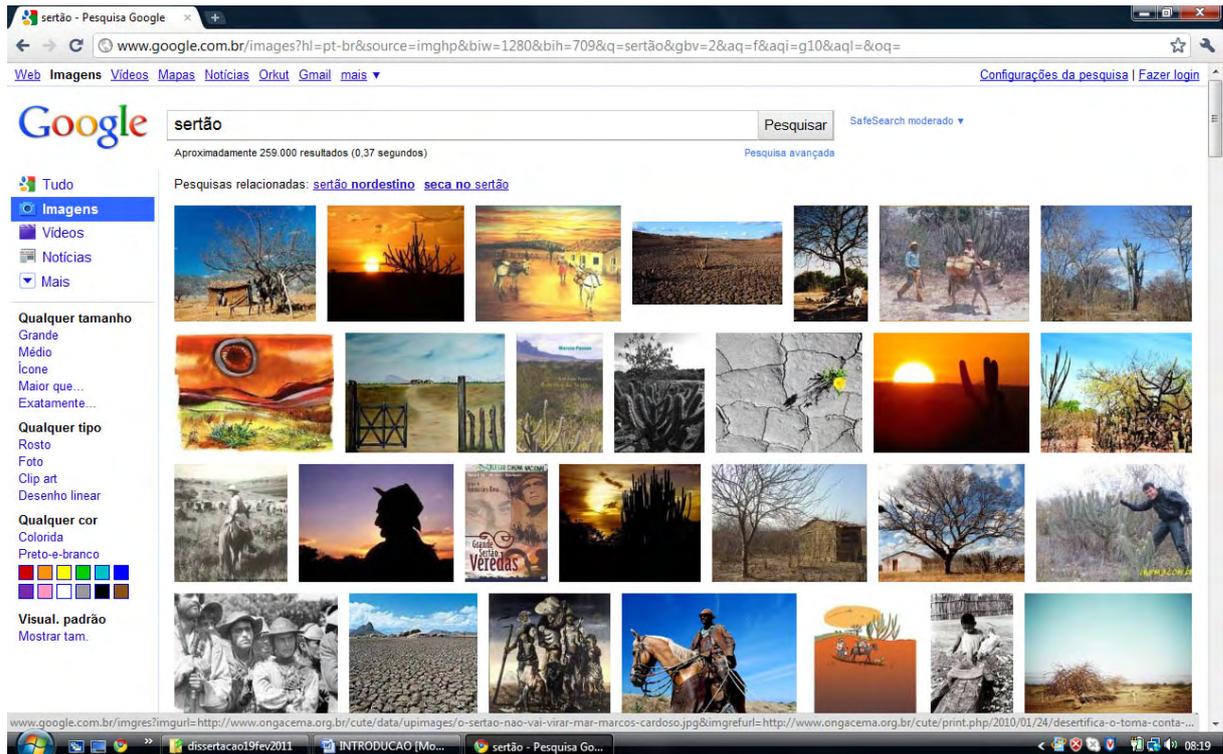


FIGURA 03: reprodução da página do site de pesquisa Google correspondente à busca do tema Sertão.

Neste processo argumentativo, é necessário definir o conceito de Nordeste, nesta pesquisa:

O Nordeste é uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país. E é tal a consistência desta formulação discursiva e imagética que dificulta, até hoje, a produção de uma nova configuração de ‘verdades’ sobre este espaço. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001 p.49).

O historiador ALBUQUERQUE JUNIOR (2001), autor de *A Invenção do Nordeste*, traz um resgate detalhado de como a idéia que hoje se tem de Nordeste e de Sertão foi impregnado na cultura brasileira da forma que foi. Ao falar sobre música, pintura e literatura, o autor mostra como seca e miséria fazem parte do conceito de Nordeste como um todo, sem especificações de regiões, ou período histórico. É precisamente por conta do contraste entre o que é o rural hoje e como ele é representado na mídia por meio das imagens que a pesquisa se faz relevante para quem trabalha com jornalismo, para que esse debate proporcione uma autocrítica sobre escolhas feitas, linha editorial entre outros.

1.1. O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO: TEORIA DA REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA COMO PONTO DE PARTIDA.

O estudo das representações sociais se faz imprescindível neste trabalho por vários motivos, a teoria aborda mídia e imagem, modelos e comportamentos sociais, visão de mundo e senso comum, todos esses temas são importantes na elaboração desta dissertação. Representar uma coisa é reconstituí-la, retocá-la, a comunicação se estabelece entre o conceito e a percepção.

Moscovici afirma que todas as pessoas enxergam o que as convenções, a cultura, a memória social e histórica permite ver, e que não se está nunca livres de todos os preconceitos, a representação iguala toda imagem a uma idéia e toda idéia a uma imagem. Para o autor, ancorar é classificar, rotular e categorizar. O segundo conceito trazido pela Teoria das Representações sociais é o da objetivação, ou seja, “produzir um conceito em uma imagem”. (MOSCOVICI, 2009, p.72). Assim, a classificação traz consigo uma série de normas, que influencia as pessoas a se comportarem de acordo com as exigências e expectativas determinadas pelo grupo específico. O autor fala em protótipo ou caso-teste a partir do qual as pessoas se guiam, assim, quando alguém ou alguma coisa passa a pertencer a uma determinada categoria, os outros indivíduos passam a estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele.

Para Moscovici, ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. Ancoragem mantém a memória em movimento e está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, classificando e rotulando com um nome. A objetivação junta imagens e conceitos para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido. Para as Representações Sociais as imagens simbólicas enraizadas no olho da mente, conformam a linguagem e o comportamento usual, e estas são sempre retocadas. Daí o papel da mídia no processo de realimentação. Por isso as representações adquirem uma autoridade maior, “na medida em que recebemos mais e mais material através de sua mediação – analogias, descrições implícitas e explicações dos fenômenos, personalidades, a economia, etc., juntamente com as categorias necessárias para compreender o comportamento de uma criança, por exemplo, ou de um amigo”. (MOSCOVICI, 2009, p.95).

O autor explica que nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, como por sua cultura. Para o ele: “nós vemos apenas o que as convenções subjacentes nos permitem ver e nós permanecemos inconscientes dessas convenções”. (MOSCOVICI, 2009, p.35). E mesmo que, através de um

esforço seja possível tornar-se consciente de que a realidade é uma convenção, não se é capaz de escapar da influência dessas convenções nas percepções e pensamentos.

Para que se possa classificar todas as imagens e descrições que circulam dentro de uma sociedade, até mesmo as científicas, faz-se necessária a existência de um elo de “prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente”. (MOSCOVICI, 2009, p.37). Assim “o que nós percebemos e imaginamos, essas criaturas do pensamento, que são as representações, terminam em se constituir em um ambiente real, concreto”. (MOSCOVICI, 2009, p.40).

Interessante observar que o autor diz que:

mesmo que nós estejamos perfeitamente conscientes que elas não são nada mais que idéias. O peso da história, cultura, costumes que fez com que se criasse uma percepção que ao longo do tempo foi se solidificando, de forma cumulativa dificulta a resistência a estes conceitos. Ou seja confrontar imagens e idéias é mais difícil do que objetos e pessoas: “o que é invisível é inevitavelmente mais difícil de superar do que é visível. (MOSCOVICI, 2009, p.40).

Moscovici explica que “pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente”. (MOSCOVICI, 2009, p.41). Isso indica que a comunidade aceita as representações, passa para as gerações seguintes e vão reforçando, realimentando até serem totalmente legitimadas pelo grupo.

O que estamos sugerindo, pois, é que pessoas e grupos, longe de serem receptores passivos, pensam por si mesmos, produzem e comunicam incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos colocam. Nas ruas, bares, escritórios, hospitais, laboratórios, etc. as pessoas analisam, comentam, formulam “filosofias” espontâneas, não oficiais, que têm um impacto decisivo em suas relações sociais, em suas escolhas, na maneira como eles educam seus filhos, como planejam seu futuro, etc. Os acontecimentos, as ciências e as ideologias apenas lhes fornecem o “alimento para o pensamento”. (MOSCOVICI, 2009, p.45).

Importante lembrar que as Representações Sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que já se sabe. “Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que tem como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa”. (MOSCOVICI, 2009, p.46).

Moscovici traz três hipóteses que talvez expliquem o porque de criarmos Representações Sociais. A primeira hipótese é a de que pessoas ou grupos procuram criar sentenças e imagens que poderão revelar ou ocultar intenções, atuando como distorções

subjetivas de uma realidade objetiva. A segunda hipótese é a de que as ideologias e concepções de mundo são compensações imaginárias para fracasso, falta de integração social etc. A terceira hipótese é que as representações servem para controle social, assim informações são filtradas, exercendo uma coerção forçada. (MOSCOVICI, 2009).

A informação principal das representações sociais refere-se ao conceito de ancoragem que é classificar e dar nomes a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nomes são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras:

Ancoragem – Esse é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. [...] Nós experimentamos uma resistência, um distanciamento, quando não somos capazes de avaliar algo, de descrevê-lo a nós mesmos ou a outras pessoas. O primeiro passo para superar essa resistência, em direção à conciliação de um objeto ou pessoa, acontece quando nós somos capazes de colocar esse objeto ou pessoa em uma determinada categoria, de rotulá-lo com um nome conhecido. (MOSCOVICI, 2009, p.561,62).

Assim, representação é fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes. (MOSCOVICI, 2009, p.62). O mais interessante está no fato de que “classificar algo significa que nós o confinamos a um conjunto de comportamentos e regras que estipulam o que é, ou não é, permitido, em relação a todos os indivíduos pertencentes a essa classe”. (MOSCOVICI, 2009, p.63).

A partir de um protótipo os membros de uma sociedade são capazes de mostrar e exemplificar que normas de comportamentos se aplicam a cada classe social, racial, gênero e assim por diante e forçar comportamentos específicos, assim escolhem paradigmas estocados na memória, trazidos pela cultura social e estabelecem uma relação positiva ou negativa com ele.

Muitos de nós, por conseguinte, temos, como nossa representação visual de uma cidadão francês, a imagem de uma pessoa de estatura abaixo do normal, usando um boné e carregando uma grande peça de pão francês. (MOSCOVICI, 2009, p.63).

Interessante como as Representações sociais obrigam comportamentos, como diz Moscovici (2009) dar nome a uma pessoa ou coisa é precipitá-la (como uma solução química é precipitada) e que as características daí resultantes são tríplexes:

- a) uma vez nomeada, a pessoa ou coisa pode ser descrita e adquire certas características, tendências etc.;
- b) a pessoa, ou coisa, torna-se distinta de outras pessoas ou objetos, através dessas características e tendências;

c) a pessoa ou coisa torna-se o objeto de uma convenção entre os que adotam e partilham a mesma convenção. (MOSCOVICI, 2009, p.67).

A partir disso: “os que falam e os de quem se fala são forçados a entrar em uma matriz de identidade que eles não escolheram e sobre a qual eles não possuem controle”. (MOSCOVICI, 2009, p.68).

O senso comum é constantemente modificado, seu conteúdo, suas imagens simbólicas estão constantemente sendo retocadas. Ao estocar esses elementos da memória coletiva a sociedade se comunica, ao se representar ela se relaciona e define a realidade. Ao longo do tempo as representações se fortalecem, recebem explicações, novas imagens que reforçam suas categorias que nos permite compreender o mundo e o comportamento humano dentro da sociedade.

A única realidade disponível é a que foi estruturada pelas gerações passadas ou por outro grupo e, por outro lado, nós a re-produzimos no mundo exterior e por isso não podemos evitar a distorção de nossas imagens e modelos internos. O que nós criamos, na verdade, é um referencial, uma entidade à qual nós nos referimos, que é distinta de qualquer outra e corresponde a nossa representação dela.[...] O resultado mais importante dessa re-construção de abstrações em realidades é que elas se tornam separadas da subjetividade do grupo, das vicissitudes de suas interações e conseqüentemente, do tempo, e adquirem, por tanto, permanência e estabilidade. (MOSCOVICI, 2009, p.90).

A convenção tem sido a forma como a realidade tem sido representada, “entre a ilusão total e a realidade total existe uma infinidade de graduações” (MOSCOVICI, 2009, p.71). Dentro da sociedade circulam elementos da linguagem, palavras, imagens, conceitos, metáforas e os grupos sociais precisam estar constantemente dando a esses objetos sentidos concretos que se busca na nossa memória e no acervo que foi construindo ao longo da vida.

O elemento principal que compõe o corpus de análise deste trabalho são as imagens,

se existem imagens, se elas são essenciais para a comunicação e para a compreensão social, isso é porque elas não existem sem realidade (e não podemos permanecer sem ela), do mesmo modo que não existe fumaça sem fogo. Se as imagem devem ter uma realidade, nós encontramos uma para elas, seja qual for. (MOSCOVICI, 2009, p.74).

A linguagem é como uma espécie de espelho que pode separar a realidade a aparência da realidade, separar o que é visto do que realmente existe assim a “conversação está no centro de nossos universos consensuais, porque ela configura e anima as representações sociais e desse modo lhe dá uma vida própria”. (MOSCOVICI, 2009, p.90).

Através da comunicação, as pessoas e os grupos concedem uma realidade física a idéias e imagens, a sistemas de classificação e fornecimento de nomes. Os fenômenos e pessoas com que nós lidamos no dia-a-dia não são, geralmente, um material bruto, mas são os produtos, ou corporificações, de uma coletividade, de uma instituição, etc. Toda realidade é a realidade de alguém, ou é uma realidade para

algo, mesmo que seja a de laboratórios onde nós fazemos nossos experimentos. (MOSCOVICI, 2009, p.90).

O estudo das representações sociais é feito por autores brasileiros em pesquisas de diferentes áreas. Na construção do objeto de pesquisa em representações sociais, Celso Pereira de Sá, chama a atenção de jovens pesquisadores sobre a importância das manifestações culturais ou matérias veiculadas pela mídia como fonte de dados. (SÁ, 1998, P.58)

No que se refere à objetivação, em vez de buscar pesquisá-lo junto a sujeitos específicos do grupo estudado, talvez seja mais viável tentar evidenciá-lo nos meios de comunicação de massa. Além de constituírem importantes fontes de formação das representações no mundo contemporâneo, é neles – na televisão em especial – que melhor se configura a tendência à concretização das idéias em imagens. Como já assinalamos esta não é uma prática corrente de pesquisa, cabendo, pois incentivá-la junto aos novos pesquisadores das representações sociais. (SÁ, 1998, P.71).

No texto Núcleo Central das Representações Sociais, Celso Pereira de Sá explica que as Representações circulam por meio da difusão: “típica da imprensa de grande circulação, caracterizada por uma ausência de diferenciação entre a fonte e os receptores de comunicação e cujo principal interesse comum sobre um dado assunto como adaptar-se ao interesse dos seus leitores”. (SÁ, 1996, P.35).

Outro texto importante na definição das categorias de análise desta pesquisa se refere ao texto: *Objectivação e Ancoragem das Representações Sociais do Suicídio na Imprensa Escrita*, de Olga Ordaz e Jorge Vala (1998, p.87-114). No livro *Estudos Interdisciplinares de Representação Social* se observa algumas estratégias metodológicas na aplicação do estudo das representações sociais em uma pesquisa que tem como objeto de análise a mídia impressa. A autora utilizou o conceito de protótipo de Moscovici. Para estudar a objetivação do suicídio por metáforas, foi feito um levantamento de todas as metáforas referentes ao suicídio nos artigos em análise, um total de 240 metáforas. As categorias de análise são agrupadas em grupos temáticos: desistência da vida, recompensa, ato heróico vingança ou força incontrolável. Nas metáforas ontológicas, os métodos ganham vida, a dor vence, o vício, as emoções, o suicida como vítima.

Para utilizar o conceito das Representações Sociais da objetivação por protótipo, utilizou-se a visão do ‘caso puro’ que objetiva uma dada categoria. Nessa reconstrução do protótipo foram levadas em consideração características sócio-gráficas. Ou seja: homem, jovem, nacionalidade, residência, estado civil, tóxico dependente, mendigo. Na reconstrução do protótipo do suicida: foram observados os traços e atributos psicológicos: loucura, desvio,

fraqueza, abandono, desespero, culpa, desilusão, tóxico dependência, agressividade. (ORDAZ, 1998).

Outro trabalho que interessou a esta pesquisa apresenta questionamentos que envolvem comunicação, mídia nacional, Representações Sociais e Pernambuco, feito na Universidade Federal de Pernambuco com autoria do professor Dr. Alfredo Vizeu e duas bolsistas de PIBIC do curso de jornalismo: Bruna Bandeira e Mariana Pires. O texto intitula-se Rede Globo Nordeste: as representações sociais de Pernambuco nas notícias do Jornal Nacional. O interesse neste texto deve-se ao fato de assemelhar-se à presente pesquisa ao tratar das Representações Sociais, utilizando Moscovici, e por identificar aspectos de como o estado de Pernambuco é representado cotidianamente em instâncias midiáticas que se colocam como nacionais, e por partir da hipótese de que a Representação Social do estado nas notícias sobre Pernambuco preocupa-se mais com aspectos pitorescos e curiosidades. O trabalho no entanto difere-se desta pesquisa porque preocupa-se com aspectos relacionados à rotina jornalística, às escolhas e decisões prévias; além de se tratar de um estudo sobre televisão.

O autor argumenta que não é possível ver o que está diante dos olhos. O estudo das Representações Sociais está atento a essa preocupação, à percepção do mundo. O autor explica que a sociedade atua como se estivesse cega para determinadas coisas e pessoas, traz o exemplo de jovens que não enxergam velhos e vice versa e traz como exemplo principal um trecho do romance de 1965 de Ralph Ellison: Homem Invisível, onde ele relata sua realidade como pessoa negra que era invisível àquela sociedade.

Os conceitos de ancoragem e objetivação das Representações Sociais estabelecem um diálogo com a presente pesquisa ao relacionar os rótulos e classificações do Sertão nordestino na mídia nacional e seus impactos para o desenvolvimento local da região. Moscovici afirma que ao classificar algo ou alguém, o limita sob uma série de normas e no momento em que alguém ou alguma coisa passa a pertencer a uma determinada categoria, fazendo parte de paradigmas na memória, é que se pode estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele. O autor argumenta, ainda, que a hostilidade está sempre presente nessas comparações e classificações entre raças, nações ou classes.

De modo geral, minhas observações provam que dar nome a uma pessoa ou coisa é precipitá-la (como uma solução química é precipitada) e que as características daí resultantes são tríplexes: a) uma vez nomeada, a pessoa ou coisa pode ser descrita e adquirem certas características, tendências etc.; b) a pessoa, ou coisa, torna-se distinta de outras pessoas ou objetos, através dessas características e tendências; c) a pessoa ou coisa torna-se o objeto de uma convenção entre os que adotam e partilham a mesma convenção. (MOSCOVICI, 2009, p.67).

O segundo conceito trazido pela Teoria das Representações sociais é o da objetivação, ou seja, “produzir um conceito em uma imagem” (MOSCOVICI, 2009, p.72). Para o autor, ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. Ancoragem mantém a memória em movimento está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, classificando e rotulando com um nome. A objetivação junta imagens e conceitos para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido.

No que se refere ao conceito de imagem, Moscovici (2009) diz que se as imagens devem ter uma realidade, a sociedade encontra uma para elas, seja qual for; então, como por uma espécie de imperativo lógico, as imagens se tornam elementos da realidade, em vez de elementos do pensamento.

O aporte teórico sobre Representações Sociais trata do senso comum: como ele se cria e recria na sociedade, assim como é socialmente construída e reconstruída determinada realidade social. A Teoria das Representações sociais leva em consideração o sujeito como produtor de sentido e não são receptores passivos que somente reproduzem o que recebem. Moscovici (2009) diz que nas ruas, bares, escritórios as pessoas analisam, comentam e esse comportamento possui um impacto decisivo em suas relações sociais.

1.2. A IMAGEM FOTOGRÁFICA COMO FOCO DE ANÁLISE

Nesta pesquisa, a fotografia consiste num recorte metodológico para análise da representação na mídia do Nordeste brasileiro e principalmente do Sertão da região. Esta escolha se justifica por seu forte poder de impacto no imaginário popular, além disso, nesta pesquisa piloto se identifica que as reportagens sobre Nordeste e sobre o Sertão sempre são ilustradas com imagens que reforçam a veracidade daquela matéria. As imagens possuem a característica principal de serem apreendidas pelos sentidos, por meio da sensibilidade e emoções. Aqui cabe o debate sobre objetividade e subjetividade da imagem, o que representa da realidade social e como confere legitimidade ao discurso.

Como a pesquisa fez o recorte do foto-jornalismo, ou seja, uma fotografia para informar o leitor do jornal, “A fotografia de imprensa é uma mensagem”. (BARTHES, 2009, p.11). Utiliza-se este autor que discute quem produz quem escolhe e como esta imagem comunica com os textos aos quais faz referência, como título, legenda e até mesmo o nome do jornal. Para Barthes “A fonte emissora é a redação do jornal, o grupo dos técnicos, dentro do

qual uns tiram a fotografia, outros a escolhem, compõem-na, tratam-na, e outros, por fim, intitulam-na, legendam-na e comentam-na”. (BARTHES, 2009, p.11).

Para compreender as possíveis leituras que se fazem de uma imagem é importante levar em consideração os dois componentes principais da imagem (KOSSOY, 1999) que podem ser de ordem material (recursos técnicos, óticos e eletrônicos) e de ordem imaterial (mentais e culturais). Então a imagem com suas especificidades técnicas irão traduzir aquele objeto em uma fotografia, havendo uma redução: “do objeto à imagem deste há evidentemente uma redução de proporção, de perspectiva e de cor”. (Barthes, 2009, p. 12). Dentro desse recorte, se considera a cor, como elemento a ser observado nesta pesquisa. “o sentimento de cor provêm de suas reações ao comprimento de onda das luzes emitidas ou refletidas por esses objetos: contrariamente à nossa impressão espontânea, a cor-bem como a luminosidade- não está ‘nos objetos’ mas ‘em’ nossa percepção”. (AUMONT, 1994, P.25).

O autor explica as cores e sua percepção:

A classificação empírica das cores faz-se com a combinação de três parâmetros: - o comprimento de onda, que define a matiz (azul, vermelho, laranja, ciano, magenta, amarelo...); - a saturação, isto é a ‘pureza’ (o rosa é vermelho ‘menos saturado’, ao qual se adicionou branco; as cores do espectro solar têm saturação máxima; - a luminosidade, vinculada à luminância; quanto mais elevada for esta, mais a cor parecerá luminosa e próxima do branco; o mesmo vermelho, igualmente saturado, poderá ser mais luminoso ou mais escuro. (AUMONT, 1994, P.25).

Outro aspecto importante para quem estuda imagem e que é recorrente em vários autores é o da memória. O que Pesavento, chama de “arquivo de memória” ou “museu imaginário” que todo homem carrega, e que abarca o visto, o sabido, o lido, o adquirido, o ouvido. (PESAVENTO, 2008, p. 101), as imagens que o espectador vê comunica com aquelas imagens guardadas na memória. Aumont fala que ao ver uma imagem a memória é ativada “Reconhecer alguma coisa em uma imagem é identificar o que nela é visto, pelo menos em parte. Muitas características visuais do mundo real encontram-se tais quais nas imagens, e que até certo ponto vê-se a mesma coisa, bordas, cores, tamanhos, textura etc.”. (AUMONT, 1994, P.82). Ou seja, quando uma pessoa observa uma imagem do Sertão com cactos e terra seca, essa pessoa está em uma zona de conforto porque ela não terá que fazer adaptações ou até mesmo mudanças efetivas no que ela sempre achou que seria o Sertão, simplesmente irá reafirmar os antigos valores, lembrando talvez os Retirantes de Portinari (PORTINARI, 2010).



FIGURA 04: reprodução de pintura óleo sobre tela de Cândido Portinari. Obra: os Retirantes.1944.

Isso implica também na auto-imagem das pessoas do Nordeste que convivem com a idéia de como eles devem ser para se encaixar na representação social que se faz deles. “vemos, hoje, que o estudo da imagem é fundamental para o entendimento dos múltiplos pontos de vista que os homens constroem a respeito de si mesmos e dos outros.”(ALEGRE,1998, p.76).

Jacques Aumont, traz a importância do recorte ou enquadramento. Esse processo que ele chama mental e material “pelo qual se chega a uma imagem que contém determinado campo visto sob determinado ângulo e com determinados limites exatos”. (AUMONT, 1994, P.153). Interessante a explicação dada pelo autor ao dizer que a moldura separa o que é imagem do que não é imagem, ou seja, o fotógrafo decide dentro de um universo de possibilidades de cores, de pessoas, objetos, além de lentes e iluminação e determina dentro de um espaço o que irá entrar no quadro: “A moldura limite é o que irrompe a imagem e lhe define o domínio ao separá-la do que não é imagem”. (AUMONT, 1994, P.144).

Nesse sentido a fotografia irá mostrar o ponto de vista daquele lugar ou situação do fotógrafo: “lugar onde uma coisa deve ser colocada para ser bem vista”. (AUMONT, 1994, P.156). O ponto de vista do fotógrafo será percebido pelo leitor da imagem:

1. Um local, real ou imaginário, a partir do qual uma cena é olhada;
2. O modo particular como uma questão pode ser considerada;
3. Enfim, uma opinião, um sentimento com respeito a um fenômeno ou a um acontecimento. (AUMONT, 1994, P.156)

Um aspecto importante do enquadramento refere-se ao seu valor conotativo:

Tudo o que nas imagens narrativas lhe faz traduzir uma visão subjetiva, “focalizada”; mais amplamente, a tudo o que faz com que um enquadramento traduza um julgamento sobre o que é representado, ao valorizá-lo, ao desvalorizá-lo, ao atrair a atenção para um detalhe no primeiro plano etc. (AUMONT, 1994, P.156)

Os enfoques teórico-metodológicos desta pesquisa: representações sociais, teorias da imagem e do jornalismo, assim como o desenvolvimento local proporcionam a base para a elaboração das categorias semânticas de análise.

Na perspectiva teórica das Representações Sociais utilizam-se os conceitos de ancoragem e objetivação, conceitos que explicam como a sociedade estabelece categorias e as relaciona a outros objetos ou pessoas de um grupo já conhecido, rotulando o que é novo para que não nos cause mais estranhamento. Para utilizar o conceito das Representações Sociais da objetivação por protótipo, utilizou-se a visão do ‘caso puro’ que objetiva uma dada categoria com a qual todos os elementos são comparados.

Na perspectiva dos estudos da imagem se considera os recursos técnicos utilizados pelos fotógrafos tais como cor, enquadramento e perspectiva entre outros. Levando em consideração o conceito de que leitura de imagem é rememoração, ou seja, comparar o visto com o que está se vendo no momento (AUMONT, 1994), considerando o fato de que questões culturais agem diretamente na compreensão das fotografias, sendo sempre necessária uma contextualização das fotografias analisadas, esta é uma característica que dialoga com o conceito de objetivação por protótipo das representações Sociais.

A pesquisa é qualitativa com fundamentação teórica em Representações Sociais combinada com Teorias da Imagem. A partir da combinação dessas linhas teóricas decidimos elaborar categorias de análise das imagens escolhidas.

No caso desta pesquisa, considerando a linha teórica e a amostra encontrada, se trabalha as seguintes categorias para analisar as imagens:

- **Arquétipos de pessoas, objetos, vegetação**

O Sertão possui imagens vindas de relatos, do imaginário coletivo, dos quadros e fotos de pessoas com características físicas e de vestimenta específicas relembrando o vaqueiro e o retirante da seca. Os cactos e a terra seca rachada mostram uma forma específica de retratar a vegetação e o solo da região assim como o sol quente e por fim objetos de utensílio para a agricultura e transporte que preservam uma imagem de outros tempos.

- **Recorte espaço-temporal**

Época e localização em que as fotografias foram feitas.

- **Técnicas fotográficas utilizadas**

Enquadramento, recorte, horário da luz, entre outros elementos da imagem fotográfica que venham aparecer e que sirvam de instrumento para a análise da imagem.

- **A notícia mostrada pela imagem.** O título, a legenda, texto que de alguma forma traga informações sobre a fotografia.
- **O aparecimento de algum dos indicadores de desenvolvimento local**

A presença de equipamentos sociais como meios de comunicação, postos de saúde, hospitais, rodovias, escolas, universidades, inclusão digital, tecnologias aplicadas à agricultura e pecuária, associativismo e cooperativismo, atividades produtivas agrícolas e não agrícolas, capital social, novos modos de produção, igualdade de gênero, racial e geracional são alguns dos aspectos a serem observados.

Serão analisadas as temáticas das imagens, os títulos e subtítulos de cada uma delas e sua relação com as fotografias. As categorias foram estabelecidas a partir dos itens que aparecem nas imagens da amostra para assim facilitar a interpretação do que seria a representação midiática do Nordeste, principalmente do Sertão.

Trata-se de um estudo de caso, que instrumentaliza a análise das Representações Sociais que a Imprensa de circulação nacional faz dos sertões do Nordeste nas reportagens especiais disponibilizadas no site do jornal O Globo.

Iniciou-se com uma pesquisa piloto onde foram coletados dados sobre os temas Sertão, Nordeste e Pernambuco nos seguintes jornais: Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo e o site de notícias UOL. Encontra-se um grande número de matérias sobre esses assuntos.

Neste trabalho piloto tomou-se como fonte de pesquisa os sites de notícias utilizados pelos jornais, que têm a mesma estrutura de repórteres e editores que existem no jornal impresso, algumas matérias foram feitas para o impresso e foram republicadas, outras matérias foram feitas para as duas mídias simultaneamente.

A opção pela coleta de dados da internet se deve a diferentes fatores:

- O crescimento exacerbado do meio de informação online consultado pelas pessoas nos últimos anos;
- Por se constituir numa fonte de pesquisa cada vez mais comum, para a modalidade de pesquisa exploratória;
- Pela facilidade de acesso às matérias de jornais de outros estados.

O critério para escolha dos sites selecionados, jornalismo online, para pesquisa, se fundamentou no pertencimento a grupos de comunicação jornalística, preferencialmente os

que possuem matérias e linha editorial de importantes jornais impressos de circulação nacional. Fez-se um levantamento de todas as matérias relacionadas a Nordeste, a Sertão e a Pernambuco, diferenciando por formato da notícia, fotografias, vídeos, podcasts, Especiais. Depois de olhar o montante, chegou-se aos seguintes resultados.

Sobre o tema Nordeste foram encontrados os seguintes dados:

1. O Globo. Entre 01/01/2003 e 25/10/2009, 4.463 resultados.
2. Jornal O Estado de São Paulo. 2007-2009. Notícias: 11.425. EDITORIAIS (11456). Fotos: 17 Vídeos: 6, Podcasts; 3, Especiais: 5.
3. Folha de São Paulo. 01/01/1994 a 25/10/2009. Folha de São Paulo - (16.888) folha online - (20.468).
4. UOL. 1996-2009 . Resultados: 419.221 encontrados. Imagens: Resultados: 145.000 encontrados. Vídeos: Resultados: 75 encontrados. Notícias: 37265 resultados

QUADRO 1: elaborado pelo próprio autor, constam as datas, com os referidos períodos disponibilizados por cada mídia e o quantitativo encontrado nas buscas.

Sobre o tema Pernambuco foram encontrados os seguintes dados:

1. O Globo. Entre 01/01/2003 e 25/10/2009, 4.514 resultados.
2. Jornal O Estado de São Paulo. 2007-2009 .Notícias: 6241. EDITORIAIS (6241). Fotos: 36.
3. Folha de São Paulo. 01/01/1994 a 25/10/2009. Resultados (1 - 26 de 9.970) de São Paulo e (1 - 26 de 8.919) folha online.
4. UOL. 1996-2009 . <i>Imagens: 142.000 encontrados. Vídeos: 6. Notícias: 11870 resultados</i>

QUADRO 2: elaborado pelo próprio autor, constam as datas, com os referidos períodos disponibilizados por cada mídia e o quantitativo encontrado nas buscas.

Sobre o tema Sertão foram encontrados os seguintes dados:

1. O Globo. Entre 01/01/2003 e 25/10/2009, 931 resultados.
2. Jornal O Estado de São Paulo. 2007-2009 . Notícias 1.309. Fotos: 7. Vídeos: 3.
3. Folha de São Paulo. 01/01/1994 a 25/10/2009. Resultados (3.178) Folha de São Paulo e (1.280) folha online.

4. UOL. 1996-2009 . Resultados na web: 86.986 encontrados. Imagens: 125.000.
Notícias: 2594 resultados

QUADRO 3: elaborado pelo próprio autor, constam as datas, com os referidos períodos disponibilizados por cada mídia e o quantitativo encontrado nas buscas.

O recorte da amostra desta pesquisa foi estabelecido considerando as matérias especiais, matérias com foto e fotogaleria (galeria de imagens agrupadas correspondentes a um mesmo assunto, ou seja conjunto de fotos que estão juntas por serem da mesma temática) para uma análise qualitativa das imagens mostradas e uma relação com os textos que as acompanham.

Todas as fotografias acima mencionadas no quadro foram vistas e observadas atentamente para fazer posteriormente uma decisão criteriosa de recorte metodológico para esta pesquisa. Esse levantamento demandou um processo de dois meses, para abrir todos os sites e páginas, olhar as galerias, ver a seleção que os jornais escolhem para mostrar e o que deixam de mostrar, após concluída essa primeira fase, fez-se um recorte necessário para a análise, considerando a grande quantidade de matérias acima identificadas.

Outro critério no recorte metodológico do tema foi a apresentação de imagem, considerando que a fotografia consiste num dos importantes elementos nesta pesquisa sobre a representação social do Nordeste e do Sertão na mídia nacional. Assim foram priorizadas as matérias especiais, fotogalerias e matérias com foto: o Globo que possui 16 matérias especiais em fotogaleria foi escolhido para análise.

Ainda na pesquisa piloto fez-se uma redução para dois jornais, comparou-se os dados de informação sobre a temática pesquisada no O Estadão e o Globo, confirmando a proeminência do site delimitado na pesquisa. Assim, os dados quantitativos dos dois sites estão abaixo identificados:

- O Estadão disponibiliza de 2007 a 2009 : 11.425 notícias, 17 fotografias e 5 especiais com o Tema Nordeste. Com o tema Sertão: 1.309 notícias e 7 Fotos, com o Tema Pernambuco: 6241 Notícias, 36 Fotos.
- O Globo traz 2.898 resultados encontrados para matérias com o tema Nordeste e 5 especiais em fotogaleria, Sertão tem 383 matérias, a mais antiga é de 26/02/2008, e tem 16 especiais em fotogalerias. E Pernambuco tem 2.942 matérias e 12 especiais em fotogaleria.

A justificativa para a escolha do site de notícias do jornal O Globo, deve-se ao fato de ser um jornal que possui repórter e fotógrafos a serviço desse veículo aqui em Pernambuco

para cobrir o Nordeste, diferentemente do Estadão e da Folha de São Paulo que possuem somente jornalista de texto, trazendo eventualmente da sede algum fotógrafo para alguma cobertura especial. A opção pelo O Globo deve-se também ao fato dele disponibilizar uma quantidade grande de imagens em fotogalerias sobre os diversos assuntos. Outro critério estabelecido para a escolha do site do jornal O Globo e Agência Globo do mesmo grupo, foi a farta quantidade de matérias e informações e organização do referido site.

Depois de observar as 16 fotogalerias que O Globo disponibiliza, foram selecionadas aquelas de cunho jornalístico, ou seja, as que se propõem informar aos leitores sobre o Sertão de Pernambuco.

1. A galeria da Agência Globo
2. Seca em Alagoas
3. Quinta-feira Santa pelo mundo
4. Eu-Repórter: Semi-árido
5. Seca no Nordeste

Uma observação importante a ser feita diz respeito à galeria Seca no Nordeste. Esta galeria foi colocada no site no segundo semestre de 2010, por causa das eleições presidenciais, desta forma ela não foi vista na época do levantamento de dados comparativos sobre a produção de matérias e fotos dos jornais pesquisados. No entanto ela foi incluída por pertencer às galerias sobre o Sertão do globo atualmente e pela importância dessas imagens e sua utilização política em época de eleição presidencial.

O estudo compõe-se de três capítulos, conclusão e referências. No Capítulo I, intitulado “Jornalismo, Imagem e Desenvolvimento Local”, será discutido o papel do jornalista, assim como do jornal dentro dos meios de Comunicação de massa, sua função e representatividade no contexto de sociedade no qual está inserido. Dentro desse diálogo se traz as funções da imagem de mobilizar, atrair a atenção para a discussão sobre certos assuntos, assim como a sua importância como fotografia de imprensa dentro dos meios de comunicação de massa. A imagem, especificamente o foto-jornalismo é um meio de causar impacto e de deixar uma marca no leitor atuando diretamente na memória e assim sair do local onde foi publicada e ir para as mesas de discussão, debates em escolas e universidades entre outros locais. O jornalismo e a imagem fazem parte de um contexto social que dá a eles o poder da credibilidade junto à sociedade na qual se encontram e com a qual dialogam e assim assumem uma função estratégica na promoção do desenvolvimento local sustentável e integrado e por

isso neste capítulo se dialoga com os três temas, jornalismo, foto-jornalismo e desenvolvimento local, que se entrelaçam, conceituando cada um deles e o seu papel dentro da sociedade.

No Capítulo II, “Os sertões: da realidade às representações”, será abordado a multiplicidade da realidade política, social, cultural, artística, ambiental e produtiva existente no Sertão do Nordeste brasileiro. Um levantamento sobre áreas de desenvolvimento, investimentos financeiros e industriais, assim como se considera as regiões ainda carentes e necessitadas de apoios políticos e sociais, mostrando os contrastes e as mudanças recentes ocorridas. A partir de uma amostra do que existe de fato no Sertão se realizou um comparativo com o que tem aparecido nos meios de comunicação de massa sobre essa região brasileira. Este capítulo trata também de como autores como Euclides da Cunha; artistas plásticos como Portinari; músicos como Luiz Gonzaga entre outros; contribuíram para esse Sertão imagético que será discutido na presente pesquisa.

No Capítulo III: “As Representações do Sertão na mídia brasileira”, acontece o aprofundamento de fato na análise do corpus desta pesquisa. A amostra escolhida como recorte metodológico, as reportagens especiais disponibilizadas pelo jornal O Globo e agência globo no seu site de notícias, são analisadas a partir das categorias semânticas que levarão em conta os recursos da técnica fotográfica; arquétipos de pessoas; objetos; vegetação; estigmatizados na sociedade para representar o Sertão, o recorte espaço-temporal das imagens, a notícia que contextualiza aquela imagem rodeada de legenda, título e outros textos, assim como a ocorrência de indicadores de desenvolvimento local.

2. CAPÍTULO I - JORNALISMO, IMAGEM E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Neste capítulo se discutirá sobre as funções atribuídas ao jornal e ao jornalista na sociedade: o papel dos meios de comunicação de massa, o contrato de credibilidade dado pelas pessoas aos meios de comunicação, a ordem de importância estabelecida às notícias que irão ser depois analisadas e discutidas dentro das comunidades, escolas, repartições públicas entre outros. Dentro da discussão sobre meios de comunicação de massa, será abordado fotografia mensagem do foto-jornalismo, a imagem como fonte de informação e como prova da realidade que mostra. E por fim, se levantam as preocupações pertinentes ao desenvolvimento local, quais são os indicadores que se observam dentro dessa temática.

O primeiro item a ser observado é o jornalismo.

“A imprensa é essencialmente uma área escritural, feita de palavras, de gráficos, de desenhos e, por vezes, de imagens fixas, sobre um suporte de papel”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 113).

Para que um jornal se sustente mercadologicamente e alcance prestígio dentro do grupo social, onde ele está inserido é necessário credibilidade junto a seus leitores. “À instância midiática cabe autenticar os fatos, descrevê-los de maneira verossímil, sugerir as causas e justificar as explicações dadas”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 88).

Para o jornal, “tornar verossímil é tentar fazer crer que o relato corresponde à reconstituição mais provável, apresentando-se o dito como o mais fiel possível ao fato tal como se realizou” (CHARAUDEAU, 2006, p.89). Essa credibilidade, que traz a sensação de veracidade acarreta várias implicações. “Dizer o exato é dar a impressão de controlar o mundo no instante em que ele surge, e nada nem ninguém poderia se opor a essa verdade capturada no momento em que sai da fonte”. (CHARAUDEAU, 2006, p.90).

O cidadão irá ser informado sobre o que está acontecendo no mundo, o que Charaudeau chama de visada de informação, que acontece por meio de dois tipos: “descrição-narração, para reportar os fatos do mundo” e “explicação, para esclarecer o destinatário da informação sobre as causas e as conseqüências do surgimento desses fatos” (CHARAUDEAU, 2006, p. 87).

Dizer “a realidade é isso aí” (CHARAUDEAU, 2006, p. 88). Esse é o que os jornais tentam passar a seus leitores, sem que sejam notados os filtros. Nesse sentido, outra discussão interessante para esta pesquisa sobre a objetividade no jornalismo é a de Michael Kunczik

quando pergunta se “é possível refletir a realidade de maneira ‘objetiva’” e completa dizendo que objetividade é a “representação da realidade tal como ela é” (2001, p. 223).

O jornalista está consciente do perigo de promover a discriminação através dos meios de comunicação e fará todo o possível para evitar a promoção dessa discriminação, fundamentada, entre outras coisas, na raça, no sexo, na orientação sexual, no idioma, na religião, nas opiniões políticas ou de outro tipo e na origem racial ou nacional. (KUNCZIK, 2001, p.110).

Mesmo os meios de comunicação de massa passando a ideia para o leitor de mostrar uma realidade objetiva, é importante salientar que a construção da notícia passa por diversos filtros.

Não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular, o qual constrói um objeto particular que é dado como um fragmento do real. Sempre que tentamos dar conta da realidade empírica, estamos às voltas com um real construído, e não com a própria realidade. (CHARAUDEAU, 2006, p. 131).

Acontecem diversos fatos na sociedade, a mídia registra e divulga a seus leitores/ouvintes/espectadores somente uma parcela desses fatos. Para Charaudeau essa seleção dos fatos noticiosos deve-se a três fatores: ao tempo, ao espaço e à hierarquia. O tempo, diz respeito à atualidade, o que acontece naquele exato momento, o que atualmente percebe-se principalmente no web-jornalismo, o tempo dá o caráter factual.

A atualidade é, pois, o que corresponde à pergunta: “o que se passa neste momento?” É o que dá à notícia seu caráter factual desprovido, em seu princípio de qualquer qualificação subjetiva e de qualquer tentativa de explicação de sua razão de ser. (CHARAUDEAU, 2006, p. 133)

O segundo fator importante é o que se refere ao espaço, à territorialidade, fatos próximos ao receptor da notícia e fatos longínquos conseguem destaque nos noticiários, fazendo com que se tenha a sensação de que a informação é completa, absoluta, quase onipresente, porque chega dos locais mais distantes do globo terrestre no mesmo tempo e velocidade do que acontece na cidade onde está localizado o leitor:

As mídias estão presas a esses dois imaginários que determinam dois tipos de público: aqueles que se apegam à aldeia (a imprensa regional, com a caça, a pesca, a política local, os faits divers que envolvem as pessoas do local) e aqueles que sonham com o planeta (a imprensa nacional, com a política interna e externa, os esportes, os acontecimentos sociais). (CHARAUDEAU, 2006, p. 137)

O terceiro fator refere-se ao critério de importância na hierarquia dos acontecimentos. Esses critérios podem ser externos: o primeiro seria o que o autor chama de acontecimento acidente, tais como catástrofes e inundações, que não podiam ser previstos; o segundo seria o acontecimento programado por um calendário social, como por exemplo, campeonato de futebol, inaugurações, eleições; o terceiro chama-se acontecimento suscitado, que é preparado

por órgãos institucionais para desviar a atenção para outros assuntos numa tentativa de manipulação. Já os critérios internos dizem respeito à própria imprensa, que seleciona assuntos que supostamente vão despertar o interesse da opinião pública ou emocionar o leitor.

Essa seleção de assuntos funciona como uma agenda-setting, “que se baseia na ideia de que os indivíduos participantes da vida social organizam seus comentários sobre o que acontece no espaço público de acordo com aquilo que as mídias lhe apresentam”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 139).

No estudo da agenda-setting leva-se em consideração o conhecimento prévio das pessoas, que é atualizado pelos noticiários. Observa-se que a memorização se concentra mais no já adquirido do que nas informações novas. Um fato interessante que mostra que o receptor combina os dados que recebe com o que adquiriu ao longo da vida está no que Wolf (2008) postula: a receptividade para a informação nova depende da capacidade cognitiva de tratá-la adequadamente e inseri-la nos esquemas de informações que já possui. Outro aspecto da agenda é o que o autor chama de agenda intrapessoal: relevância pessoal dada pelo indivíduo e agenda interpessoal: temas sobre os quais o indivíduo discute com outros dentro de uma rede de relações e de comunicação.

A hipótese da agenda-setting sustenta que a mídia é eficaz na construção da imagem da realidade que o indivíduo começa a estruturar. Essa imagem – que é simplesmente uma metáfora representativa da totalidade de toda a informação sobre o mundo que cada indivíduo tratou, organizou e acumulou- pode ser pensada como um padrão em relação ao qual a informação nova é confrontada para dar-lhe o seu significado. Esse padrão inclui o quadro de referência e as necessidades, valores, crenças e expectativas que influenciam o que o destinatário extrai de uma situação de comunicação (ROBERTS, 1972, p.366 apud WOLF, 2008, p. 153).

É importante salientar que a agenda inclui além dos fatos o tratamento dado a estes fatos (CHARAUDEAU, 2006). Dessa forma, o autor prefere usar o termo filtragem dos fatos. O autor fala também em outros assuntos que despertam o interesse midiático tais como drama do destino humano, o insólito que não tem lógica, o enorme ou pequeno e frágil, o misterioso, o repetitivo, o trágico, o horror, a desordem, o triunfo.

No jornalismo impresso, online e televisivo, existe um componente cada vez mais importante dentro da notícia, que é a credibilidade da mesma conferida à imagem. O autor ao falar em designação traz a importância da imagem dentro do imaginário social, porque traz a ilusão de verdade e porque confunde o que representa com o objeto em si. Para este autor, a imagem possui três funções: de designação, de figuração e de visualização. Mesmo dizendo respeito à imagem televisual, se levará em consideração essas funções para a imagem

fotográfica dentro do jornalismo. A designação diz que o objeto está aí presente sem nada no meio, dando a ideia de que aquela visão seria a do leitor/espectador. A figuração reconstitui o ocorrido por simulação, fazendo uma analogia trazendo um imaginário da realidade. Por fim, a visualização, que representa através de um sistema de códigos, tais como representações gráficas, um close ou uma imagem virtual por exemplo.

A fotografia é um tema central dentro dessa pesquisa. Kossoy afirma que:

Desde sempre as imagens foram vulneráveis às alterações de seus significados em função do título que recebem, dos textos que 'ilustram', das legendas que as acompanham, da forma como são paginadas, dos contrapontos que estabelecem quando diagramadas com outras fotos etc (KOSSOY, 1999, p.54).

O autor debate sobre os interesses que atuam diretamente sobre a produção fotográfica.

Se por um lado, ela tem valor incontestável por proporcionar continuamente a todos, em todo o mundo, fragmentos visuais que informam das múltiplas atividades do homem e de sua ação sobre os outros homens e sobre a Natureza, por outro ela sempre se prestou e sempre se prestará aos mais diferentes e interesseiros usos dirigidos. (KOSSOY, 1999, p.19).

O aspecto da realidade na fotografia é outro fator importante na discussão sobre o foto-jornalismo. Como afirma Kossoy as imagens estão cheias de ambigüidades, significados não explícitos, omissões pensadas, assim precisam de contextualização para serem compreendidas. O autor chama de “desdobramentos sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos, culturais enfim que circunscreveu no tempo e no espaço o ato da tomada de registro”. (KOSSOY, 1999, p.22). A fotografia possui uma realidade própria. Cabe portanto aos “historiadores e especialistas no estudo das imagens, a tarefa de desmontagem de construções ideológicas materializadas em testemunhos fotográficos”. (KOSSOY, 1999, p.22,23).

Kossoy descreve os componentes estruturais de uma fotografia: o assunto, a tecnologia e o fotógrafo. O autor fala também que a fotografia registra um micro-aspecto do contexto histórico.

Na imagem fotográfica, encontram-se, indissociavelmente incorporados, componentes de ordem material, que são os recursos técnicos, ópticos, químicos ou eletrônicos, indispensáveis para a materialização da fotografia e, os de ordem imaterial, que são os mentais e os culturais. Estes últimos se sobrepõem hierarquicamente aos primeiros e, com eles, se articulam na mente e nas ações do fotógrafo ao longo de um complexo processo de criação.(KOSSOY, 1999, p.27).

Kossoy explica que as decisões que o fotógrafo toma são importantes na produção da foto: a seleção do próprio assunto, a escolha dos equipamentos, das lentes, do momento de fazer o *click*, escolhas feitas na pós-produção, se poderia dizer no *photoshop*. Em toda fotografia há “um recorte espacial e uma interrupção temporal, fato que ocorre no instante

(ato) do registro. Decorre daí a relação fragmentação/congelamento, um dos alicerces sobre o qual se ergue o sistema de representação fotográfica". ((KOSSOY, 1999, p.29). O autor considera a fotografia "um signo à espera de sua desmontagem". (KOSSOY, 1999, p.144).

A fotografia tem uma característica diferente de outras formas de representação da realidade, ela é confundida com a própria realidade, sobre este tema Barthes (1984) explica que o referente adere, ou seja, a fotografia parece que é a realidade em si ali presente na imagem.

Aumont fala em imagem realista: “a imagem que fornece, sobre a realidade o máximo de informação”. (AUMONT, 1994, p.207).

A fotografia de imprensa possui a função de informação e comunica com pelo menos uma outra estrutura que é o texto, título, legenda e/ou artigo. A imagem ela é resultado de uma série de decisões editoriais e é trabalhada por diferentes profissionais dentro do meio de comunicação, a fonte emissora é a redação do jornal, dentro dela uns tiram a fotografia, outros editam, tratam, legendam, intitulam e comentam (Barthes 2009).

Para Barthes a imagem é polissêmica, implicando uma “cadeia flutuante de significados”, o leitor pode escolher uns e ignorar outros. Assim a forma como essa informação codificada será decodificada pelo leitor, a partir de vários aspectos culturais e sociais. O autor ao falar de texto e imagem diz que:

Antigamente, a imagem ilustrava o texto (tornava-o mais claro); hoje, o texto sobrecarrega a imagem, confere-lhe uma cultura, uma moral, uma imaginação; antigamente, havia redução do texto à imagem, hoje há amplificação da imagem ao texto: a conotação já não é vivida senão como a ressonância natural da denotação fundamental constituída pela analogia fotográfica; estamos, pois, perante um processo caracterizado de naturalização do cultural. (BARTHES, 2009, p.21).

A fotografia de imprensa é um objeto “trabalhado, escolhido, composto, construído, tratado segundo normas profissionais, estéticas ou ideológicas”. (BARTHES, 2009, p.15). A conotação é a imposição de um segundo sentido à mensagem fotográfica:

Descrever consiste precisamente em acrescentar à mensagem denotada um suporte ou uma mensagem segunda, extraída de um código que é a língua, e que constitui fatalmente, faça-se o que se fizer para ser exacto, uma conotação em relação ao análogo fotográfico. (BARTHES, 2009, p.14)

Importante salientar a relevância da linguagem para a compreensão dessa imagem: “o problema do sentido da imagem é pois o da relação entre imagens e palavras, entre imagem e linguagem”. “Não há imagem ‘pura’, puramente icônica, já que para ser plenamente compreendida uma imagem necessita do domínio da linguagem verbal” (AUMONT, 1994, p.248)

Barthes ainda destaca que existe o aspecto cognitivo, estético e emocional. O que o autor chama de *studium* é a informação na foto, codificada, intencional. E o *Punctum*: associação subjetiva, desejo, não-codificada, não intencional. (Barthes, 1984 p.127).Essa explicação dada à imagem irá direcionar o olhar e as sensações do leitor, não permitindo que este a aprecie e tire suas conclusões estéticas e cognitivas. Para Barthes “o homem adora os signos e adora-os de preferência claros” (BARTHES, 2009, p.24). Neste contexto é importante lembrar que: “a leitura da fotografia depende do “saber” do leitor”.

Pesavento diz que existe uma relação entre as imagens que são vistas hoje com as que estão na memória que cada um possui:

A imagem mental visual entra em contato com outras imagens, presentes no “arquivo de memória” que cada um traz consigo, ou no “museu imaginário” que todo homem carrega, e que abarca o visto, o sabido, o lido, o adquirido, o ouvido. Esse verdadeiro museu imaginário de representação do mundo varia em extensão e qualidade de acordo com os referenciais de tempo e espaço, importando em experiência de vida, formação profissional, universo cultural, geração, territorialidade, etc. (PESAVENTO, 2008, p. 101).

Jacques Aumont, professor e pesquisador na Universidade de Paris III, no livro “A Imagem” publicado em 1990, na coleção *Ofício de Arte e Forma* da Papyrus Editora, discute a questão da imagem em cinco capítulos, tratando: do “olho”; do espectador; do dispositivo; da própria imagem; e da arte. O autor fala que busca virtual “é um processo que consiste em encadear sucessivas fixações sobre uma mesma cena visual a fim de explorá-la em detalhe” (AUMONT, 1994, p. 60). Destaca que os pontos que fixam o nosso olhar e o faz deter-se é um processo vinculado à atenção e à informação. Como o exemplo de uma colina trazida no texto, onde essa busca será feita de diferente ritmo com pontos de fixação também diferentes por um geólogo e um agricultor, mesmo os dois estando diante de uma mesma imagem.

Na sua elaboração teórica, o autor afirma que “a imagem tem por função primeira garantir, reforçar, reafirmar e explicitar nossa relação com o mundo visual”. (AUMONT, 1994, p. 81). “Reconhecer traz um prazer específico, na arte representativa se encontra uma satisfação psicológica em reencontrar uma experiência visual em uma imagem sob forma ao mesmo tempo repetitiva, condensada e dominável”. (AUMONT, 1994, p. 83). O autor afirma que os indivíduos são capazes não só de reconhecer, mas de identificar os objetos, apesar de eventuais distorções quando reproduzidos pela imagem.

Até as imagens mais automáticas, as das câmeras de vigilância, por exemplo, são produzidas de maneira deliberada, calculada, para certos efeitos sociais. Pode-se perguntar a priori se, em tudo isso, a imagem tem alguma parte que lhe seja própria: será tudo na imagem produzido, pensado e recebido como momento de um ato social, comunicacional, expressivo, artístico “(AUMONT, 1994, p.197).

Em sua reflexão teórica sobre a importância da autoria na produção de imagem, Jacques Aumont ao falar em enquadramento, o recorte dado a uma situação pelo autor da imagem reflete a materialização do ponto de vista desse fotógrafo/artista etc.

Aumont observa que fenômeno da analogia da imagem é mal apreciado, “ao relacioná-lo de modo inconsciente a um tipo de ideal, de absoluto, que é a semelhança perfeita entre a imagem e seu modelo” (AUMONT, 1994, p.198)

Sandra Jatahy Pesavento trata das principais características da imagem, que é o fato de significarem para além do que é mostrado, elas são apreendidas pelos sentidos, fazendo parte dessa possibilidade dada aos homens de conhecer o mundo por meio das sensações:

Se evocarmos os primeiros registros de imagens, dados, por exemplo, pelas figuras rupestres do Paleolítico – imagens de bisontes e de outros animais pré-históricos, assim como de mãos, pintadas nas paredes das cavernas -, teremos, já, nessas figurações, o exemplo claro de tal propriedade apontada: a imagem é fruto de uma ação dotada de significado, participando dessa condição tão humana que é a de refazer o mundo através de um conjunto de sinais. (PESAVENTO, 2008, p. 100).

Outra informação importante trazida pela autora diz que

a imagem é portadora de significados que são construídos e/ou descobertos por aquele que pensa, enquanto olha...[...] Nessa instância da percepção, a imagem visual será complementada por uma imagem mental, que classifica, qualifica e confere sentidos àquilo que é visto. (PESAVENTO, 2008, p. 101)

A autora destaca ainda que o modo de representar uma realidade faz parte do comportamento social de uma época. Pesavento teoriza, também, sobre os poderes definidos que as imagens possuem quando vistas por seus leitores:

São sedutoras, captando o olhar, de modo a envolver aquele que as contempla; são mobilizadoras, instigando à ação, por vezes mesmo de forma impensada e imediata; proporcionam a evasão, libertando a imaginação para fora do campo da imagem vista, de forma a conduzir o pensamento para outras instâncias imaginárias; são evocativas, despertando a memória e conectando a outras experiências; têm, ainda, um poder cognitivo, traduzindo uma forma de saber sobre o mundo para além do conhecimento científico. (PESAVENTO, 2008, p. 106)

Outra questão que a autora aborda, refere-se ao fato de a fotografia ser parte ou construção de uma tensão entre o fotógrafo e seus traços individuais, a época e espaço da produção dessa imagem que serão também atuantes na recepção dessa mesma imagem. (PESAVENTO, 2008).

Dubbois questiona o consenso existente de que o documento fotográfico presta contas do mundo com fidelidade. Para este autor à imagem foi-lhe atribuída uma credibilidade, um peso de real. Para ele, existem três linhas gerais a serem consideradas ao longo da história na análise de imagens: a primeira é a que considera a imagem como espelho do real, uma mimese. A segunda linha considera a fotografia como transformação do real (a fotografia

como instrumento de análise, interpretação e até transformação do real). A terceira vertente considera a fotografia traço do real: mesmo sabendo seus códigos de produção, persiste um sentimento de realidade. Ele cita Barthes³, que diz que o "referente adere" (DUBBOIS, 1993), querendo mostrar que a sensação de realidade que a fotografia passa é inegável.

As preocupações nas pesquisas com imagem recaem sobre a sensação que ela desperta e como é capaz de fixar na memória das pessoas que ao pensar sobre um assunto, irão relacioná-lo rapidamente à lembrança imagética correspondente aquele assunto. Com relação a esta pesquisa a imagem do cacto, da terra seca, do retirante fica de certa forma colada na memória e só será substituída ou complementada quando outras imagens passarem a também explicar a o Sertão, então as pessoas poderão ter na memória informações imagéticas múltiplas para explicarem aquela realidade.

O Sertão do Nordeste brasileiro tem uma gama de assuntos a serem ainda abordados e mostrados pelos meios de comunicação de massa essa região estigmatizada há muitos anos faz parte do meio rural brasileiro. No entanto o rural contemporâneo é muito mais complexo e múltiplo do que muitas vezes é retratado pela imprensa, o autor José Eli da Veiga dedica um capítulo de seu livro *Cidades Imaginárias* para mostrar como a imprensa reforça valores ainda arcaicos que reproduzem preconceitos da sociedade brasileira, querendo de todo jeito urbanizar o campo. O termo “cidades imaginárias” se refere ao fato de que quase cinco mil municípios são considerados cidades, quando na verdade são vilarejos ou vilas, e que nem sempre se transformarão em cidades. Para o autor: “O Brasil essencialmente rural é formado por 80% dos municípios, nos quais residem 30% dos habitantes”. (VEIGA, 2003, p.34). Ele ainda ressalta que: “O que já se sabe é suficiente para que se rompa com a visão de que todo o Brasil rural é formado por municípios que estão se esvaziando”. (Veiga, 2003, p.36).

O meio rural contempla não apenas as atividades agrícolas como também as não agrícolas, que compõem uma grande quantidade de novas atividades e formas de vida, como por exemplo: a piscicultura (atividade de pesque e pague), criação de aves ornamentais, turismo rural e ecológico, criação de rãs, jacarés, capivaras, javalis, produção orgânica de erva medicinal, frutas e verduras para fast-food, fazenda-hotel, leilões, exposições, festas de rodeio. Mesmo a produção sendo agricultura ou criação de animais, muda a forma e o conteúdo, muda a base técnica, a integração ao circuito das mercadorias. Surgem novos ramos de produção, agregação de valor: embalagens, pré-processamento, entrega em domicílio (DEL GROSSI, 2002).

³ Ver a Câmara Clara de Roland Barthes.

A partir da constatação de que a agropecuária precisa de um número cada vez menor de pessoas na atividade e ao mesmo tempo novas atividades vêm surgindo. Os autores Mauro Eduardo Del Grossi e José Graziano da Silva, no texto O Novo Rural: uma abordagem ilustrada, chegam a interessantes análises que fazem um retrato da realidade do meio rural no Brasil. Mostrando um novo quadro chamado de “Novo Rural” que enquadra agropecuária moderna, atividades não agrícolas e novas atividades agropecuárias ligadas a nichos de mercado, evidenciam como atividades antes dispersas e utilizadas mais como hobbies são importantes fontes geradoras de renda para as famílias rurais. “as atividades agropecuárias já não respondiam pela maior parte da renda da nossa população rural no final do século XX” (DEL GROSSI, 2002, p.13).

Os autores, a partir de dados da PNADs, Pesquisa Nacional de Amostra por domicílios do IBGE chegam a interessantes conclusões. Por meio dos dados que os entrevistadores do órgão colhem sobre os residentes nas casas como idade, local de nascimento, escolaridade, número de filhos, ramo da atividade em que atua entre outras, Del Grossi e Graziano (2002) observam fatores como o crescimento da população rural depois de décadas de esvaziamento, conseqüência do rápido crescimento das atividades não agrícolas e do fato do meio rural ter se transformado em local de residência também de aposentados, desempregados e trabalhadores que vão exercer suas atividades nas cidades próximas e fazem do campo sua moradia, pelas facilidades da legislação habitacional, bem menos restritivas que a dos centros urbanos, entre outros motivos como, por exemplo, o fato dos centros urbanos próximos impulsionarem o desenvolvimento de atividades não agrícolas nas zonas rurais próximas. Incluindo a região do Sertão na discussão de:

- Diversificação produtiva e de novas formas de produção que aproveitem as potencialidades e as vocações locais;
- De territórios ricos em capital social. Organizados, inteligentes, articulados, informados;
- Da descentralização da gestão pública;
- De parcerias entre o estado local e a sociedade civil, com adensamento das energias sociais; maior eficácia na implementação dos objetivos e das metas;
- Do fortalecimento e das articulações do tecido empresarial;
- Do ordenamento territorial que oriente o uso e o manejo racional dos recursos naturais;
- Da inserção estrutural das mulheres rurais nas atividades produtivas e nas esferas de decisão;
- Dos vínculos produtivos e simétricos entre agentes rurais e urbanos;

- Dos territórios inovadores, competitivos, informados e com capacidade técnicas gerenciais;
- Da formação de capital humano, com prioridade para os quadros jovens, com conhecimentos que capacitem para criar meios de inserção socioeconômica em seu ambiente local;
- De maior auto-suficiência e menos dependência de apoios externos. (JARA, 2001, p.119).

Os ramos de atividades que se sobressaem são prestação de serviços, indústria de transformação, indústria de construção civil, comércio (de alimentos e ambulante) e serviços sociais, administração pública. O setor de emprego doméstico é o que mais tem mão de obra não agrícola no meio rural. As populações desses setores são de baixa escolaridade e qualificação profissional. Com relação às questões de gênero, muda o ramo da atividade, as mulheres se dedicam mais a serviços domésticos, costura e ensino de primeiro grau, já os homens são pedreiros, motoristas entre outros. As atividades que são exercidas tanto pelos dois são atendentes, balconistas, ambulantes.

Na pesquisa sobre o Novo Rural percebe-se que ocorreram mudanças na realidade dessas regiões, como um aumento de famílias rurais tem atividade por conta própria (3 milhões), sendo a maior parte agrícola, existindo também uma quantidade relevante de pluriativas (1 milhão) (DEL GROSSI, 2002). Existem hoje programas de incentivo à agricultura familiar de assistência técnica, linhas de crédito, etc que observam essas novas realidades. No site do MDA tem uma reportagem mostrando que agricultura familiar produz mais em menor área (MDA,2009).

Existem incentivos à agricultura de base agroecológica. Além disso se faz o manejo sustentável da Caatinga (PROJETO CAATINGA,2009) que envolve pesquisadores da Universidade Federal Rural de Pernambuco, IBAMA, Ministério de Meio ambiente, Fundação Araripe, Fundação Esquel Brasil, Fundação Amigos da Reserva da Biosfera da Caatinga etc.

O autor José Marcos Froehlich fala em revalorização do rural por meio de atividades de lazer e consumo além de preocupações ambientais que estimulam uma harmonia com a natureza entre outros aspectos que têm confrontado o progresso desenfreado dos processos de modernização.

Para a história moderna e sua ideologia do progresso, a cidade tem constituído, tanto para os cidadãos como para os rurícolas, uma representação de liberdade, de desenvolvimento, de civilização, um lugar que possibilitava o pluralismo e uma grande variedade de estilos de vida, enquanto que o meio rural fomentava o autoritarismo, o tradicionalismo, o conservadorismo e a ignorância. Porém, parece que tal perspectiva tende a inverter-se no presente, de tal forma que hoje muitos

urbanos tratam de encontrar no rural âmbitos socioespaciais abarcáveis e idôneos para a realização de sua identidade individual e coletiva em um mundo cada vez mais globalizado, imprevisível e inabarcável (ENTRENA DURÁN, 1998 apud FROEHLICH, 2000, p.p 2,3).

O economista José Graziano Silva, em seu livro *O Novo Rural Brasileiro*, explica que o novo rural agrega basicamente quatro grandes sub-conjuntos: a agropecuária moderna, intimamente ligada à agroindústria ou agrobusiness. As atividades não-agrícolas ligadas à moradia, ao lazer, atividades industriais e prestação de serviços. E, as atividades agropecuárias em nichos específicos de mercado, como floricultura e criação de certos animais que geraram serviços pessoais e produtivos relativamente complexos e sofisticados nos ramos de distribuição, comunicações e embalagens. (GRAZIANO SILVA, 2002). Muitos dos estereótipos estão ligados à falta de informação sobre os novos debates que mostram que o meio rural e o meio urbano têm muito em comum e se diferenciam por razões que vão além de demarcações geográficas.

O desenvolvimento local traz para as populações a possibilidade de um modo de vida sustentável que só será alcançado com uma política pública voltada a esse projeto de desenvolvimento que precisa da participação do poder local assim como do estado, mercado e sociedade civil para que se forme uma dinâmica integrada que gere uma cadeia sustentável. Franco fala da importância da “transferência de recursos exógenos e a mobilização de recursos endógenos, públicos e privados”. (FRANCO, 1998, p.16). Essa perspectiva local observa o meio rural em um novo formato, preocupado com as novas ruralidades.

Os autores Del Grossi e Graziano (2002) fazem uma indagação importante sobre o que seria necessário para que exista uma melhoria na qualidade de vida no meio rural. Eles apontam vários setores ligados a políticas públicas como programa de moradia, áreas de lazer, reforma agrária não agrícola, infra-estrutura (transporte, comunicação, água, luz saúde e educação), investimentos no turismo, qualificação profissional, investimento no artesanato e alimentos locais, agroindústrias, principalmente investimento na qualificação das pessoas.

Jara complementa da seguinte forma:

As organizações locais sustentáveis necessitam de marcos legais flexíveis; políticas adequadas; capacitação dos quadros técnicos gerenciais; sistemas de gestão simples; informação; acompanhamento e avaliação; mecanismos contábeis transparentes; canais de participação. São necessários ainda apoios e subsídios específicos externos, em reforço às articulações e ao empoderamento para consolidar as redes de organizações sociais e as instituições locais. (JARA, 2001, p.38).

A mídia poderia contribuir para o desenvolvimento local sustentável e integrado. Para isso, os meios de comunicação, precisariam de uma postura política engajada, refletir a realidade multifacetária do meio rural sem reducionismos ou ponto de vista único e unilateral. O jornalista pode atuar como pessoa que recebe a função dentro da sociedade de informar sobre os acontecimentos e que alcança a credibilidade junto a seus leitores/ telespectadores ao contar o que acontece nas regiões.

O desenvolvimento local, como linha importante de observação e pesquisa dentro deste trabalho, aborda questões relativas à cultura local e o impacto da mídia nas regiões rurais do Nordeste brasileiro. A comunicação integra a rede de informações que possibilita o contato entre as comunidades rurais por meio da troca de conhecimentos.

O conhecimento é cada vez mais considerado como fonte de poder. Para o desenvolvimento econômico local, o conhecimento constitui elemento muito mais importante que os outros fatores de produção. O progresso tecnológico requer capital humano para operar nos espaços que vêm sendo abertos em auto-suficiência e sustentabilidade com a adoção de tecnologias. (JARA, 2001, p.44).

O jornalismo poderia abarcar dentro de seus projetos de reportagens uma preocupação real com o desenvolvimento local, possibilitando a melhoria na qualidade de vida das pessoas no que se refere à segurança alimentar, igualdade de gênero, acesso à educação e à saúde pública de qualidade, observação das capacidades criativas e culturais das comunidades e a cobrança e fiscalização dos poderes públicos instituídos.

Tauk Santos (2003) diz que cabe à Comunicação Rural assessorar, planejar e executar políticas de comunicação voltadas para:

- Encorajar a solução de problemas graves do desenvolvimento econômico e social das comunidades locais
- Sensibilizar as autoridades locais, regionais e nacionais, face aos problemas ligados ao emprego, serviço de base etc.
- Promover o empoderamento das associações populares, compreendida como ação que possibilita às associações melhorarem a capacidade individual e coletiva para atuarem no cenário público.
- Fortalecer as lideranças municipais
- Sustentar a criação, no plano organizacional, de empresas comunitárias e de cooperativas de habitação, trabalho entre outras.
- Mobilizar e garantir a participação das mulheres e dos jovens nas atividades econômico- produtivas e sociais da comunidade.
- Articular as parcerias com organizações governamentais, não governamentais e população local.
- Disseminar ações de preservação ambiental.

- Articular e fortalecer os Conselhos Municipais.
- Viabilizar ações permanentes de capacitação e assistência técnica para a população envolvida no desenvolvimento local. (TAUK SANTOS, 2003, p. 41, 42).

Nesse esforço, a fotografia, por sua vez poderia utilizar uma de suas muitas características tais como impressionar, chamar atenção, mobilizar, chocar e sobretudo contribuir para a reflexão sobre questões como o Sertão brasileiro. Poderia haver uma maior preocupação com o impacto estético e cognitivo que as imagens feitas pelos fotógrafos e editadas para serem publicadas possuem no desenvolvimento local das regiões, na formação de uma memória coletiva de toda uma sociedade no que diz respeito às regiões rurais, nesta pesquisa considera-se, especificamente, o que se refere ao Sertão.

No próximo capítulo se terá a oportunidade de destrinchar as características fundamentais das Representações Sociais que se preocupam com questões relacionadas ao senso comum, às categorias que a sociedade estabelece para rotular pessoas, regiões e objetos entre outras coisas que fazem parte do meio social. As Representações Sociais proporcionam as ferramentas e as estratégias para compreender melhor como a sociedade observa, rotula, estigmatiza o Sertão do Nordeste brasileiro. As Representações Sociais possuem uma grande área de atuação, dentro da qual se encontram as pesquisas relacionadas à mídia como importante fonte difusora de comportamentos e ideias sobre diversos temas sociais.

3. CAPÍTULO II - OS SERTÕES: DA REALIDADE ÀS REPRESENTAÇÕES

contaram tantos casos esquisitos, semearam no Sertão ressequido tantas ossadas, pintaram o sol e o céu com tintas tão vermelhas (RAMOS, 1962 P. 135).

O objetivo deste capítulo é evidenciar como os Sertões têm sido mostrados ao longo da história, não somente pela mídia, mas pela pintura, pela música, literatura e por entre outros meios culturais que a sociedade usa para se representar. Outro aspecto a ser desenvolvido é o levantamento de informação sobre a multiplicidade política, social, cultural, artística, ambiental e produtiva existente no Sertão do Nordeste brasileiro. Um levantamento sobre áreas de desenvolvimento, investimentos financeiros e industriais, considerando a existência de regiões ainda carentes e necessitadas de apoios políticos e sociais, identificando os contrastes e as mudanças recentes ocorridas. A partir de uma amostra do que existe de fato no Sertão, pode-se fazer um comparativo com o que tem aparecido nos meios de comunicação de massa sobre essa região brasileira.

O Sertão brasileiro é uma sub-região do Nordeste do Brasil.



FIGURA 05: mapa das sub-regiões do Nordeste: 1 • Meio norte, 2 • Sertão, 3 • Agreste e 4 • Zona da Mata

O Sertão estende-se por grande parte da Bahia, de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte, Piauí, Ceará e por uma pequena parte de Sergipe e de Alagoas. Além disso, atinge o norte e o noroeste de Minas Gerais. Compreende as áreas dominadas pelo clima tropical semi-árido que apresenta temperaturas elevadas (entre 24 °C e 28 °C) e duas estações bem definidas: uma seca e outra chuvosa. As chuvas concentram-se em apenas três ou quatro meses do ano. A pluviosidade no Sertão atinge a média de 750 mm anuais, sendo que em

algumas áreas chove menos de 500 mm ao ano. O Sertão é a região brasileira que sofre mais com a seca, a qual dificulta a atividade produtiva de agricultores e gera uma movimentação das famílias que estão vulneráveis à miséria e à morte. Essa característica do Sertão da seca, da fome, da tristeza e da morte tem sido amplamente divulgada pelos meios de comunicação de massa, assim como pelos artistas de diversas épocas. A carência da qual as pessoas que vivem no Sertão sofrem é uma realidade a ser divulgada porque precisa de ações efetivas dos órgãos públicos e da sociedade civil organizada.

Relatar as carências, fazer uma denúncia efetiva para que a sociedade se posicione faz parte da atuação do jornalismo, assim como da literatura e da arte. No entanto, existem outros aspectos que poderiam ser evidenciados. O Sertão hoje não é o mesmo que Euclides da Cunha encontrou, nem pode ser somente representado atualmente com a estética dos retirantes de Portinari.

Existe um outro Sertão que na maioria das vezes não é mostrado. Entende-se que a mídia mesmo silenciando e não contribuindo para o desenvolvimento dessa região, esse desenvolvimento acontece de diversas formas, materializado em exemplos como o que ocorre no Sertão do Pajeú, onde está localizada a cidade de Serra Talhada, município brasileiro do estado de Pernambuco, conhecida como a capital do xaxado e cidade natal de Lampião. Além disso, há fatos históricos e culturais que dão identidade a atraem o turismo à região. A cidade possui uma unidade da Universidade Federal Rural de Pernambuco, que oferece os cursos de agronomia, bacharelado em ciências biológicas, ciências econômica – ênfase em economia rural, engenharia de pesca, sistemas de informação, licenciatura plena em química, administração, zootecnia e licenciatura em letras.



FIGURA 06 e FIGURA 07: fotografia da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST) da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE feitas em setembro de 2010, na qual aparecem estudantes da instituição. Fotos de Juliana Leitão feitas para a série de reportagens sobre educação superior em Pernambuco publicadas nos dias 12,13,14,15 e 16 de setembro de 2010, no jornal Diário de Pernambuco.



FIGURA 08 e FIGURA 09: fotografia de estudante de agronomia da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST) da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Na figura 08, ele está indo para sua casa no município de Triunfo, na figura 09 ele mostra o conhecimento sendo aplicado na horta da sua casa. Fotos de Juliana Leitão feitas para a série de reportagens sobre educação superior em Pernambuco publicadas nos dias 12,13,14,15 e 16 de setembro de 2010 no jornal Diário de Pernambuco.



FIGURA 10 e FIGURA 11: fotografia do campus da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST) da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Fotos de Juliana Leitão feitas para a série de reportagens sobre educação superior em Pernambuco publicadas nos dias 12,13,14,15 e 16 de setembro de 2010 no jornal Diário de Pernambuco.

No Sertão do Ceará, unindo as cidades do Crato e Juazeiro do Norte, foi construída uma solução inteligente e de menor impacto ambiental para transportar uma média de cinco mil usuários por dia: o metrô do Cariri. Exemplo do que acontece em cidades francesas para diminuir o caos urbano.

O Metrô do Cariri possui 9 estações e uma linha de 13,6 km de extensão. Sua implantação remodelou 13,6 km de malha ferroviária existente, recuperando a via permanente e retificando seu traçado para que as composições possam atingir maior velocidade entre as estações. Em Juazeiro foram construídas cinco estações e no Crato mais quatro (VICELMO, 2010).

São da categoria Euro III – ou seja de padrão mundial, de baixa emissão de CO₂ – os Veículos Leves sobre Trilhos (VLTs) do Metrô do Cariri, já em operação. Fabricado pela Bom Sinal em Barbalha, cada um VLT tem capacidade de transportar 350 passageiros, é tracionado por um motor Cummins de 500 HP e seu consumo é de 1,5 Km por litro de óleo diesel (SERPA, 2010).

Na cidade de Barbalha, próxima ao Crato, no Ceará, está a fábrica Bom Sinal que produz o VLT (BOM SINHAL, 2010) que está produzindo metrôs que vão para várias cidades do país para suprir a demanda exigida pela FIFA⁴ para os jogos da Copa no Brasil em 2014.

A Copa de 2014 deu o impulso que faltava ao VLT. Todas as doze cidades-sede incluíram esses veículos em seus planos para o campeonato. Em São Paulo, o novo sistema terá duas funções: ligar o Aeroporto de Congonhas ao Estádio do Morumbi e conectar algumas linhas do metrô, como ocorre em Paris. Até o início dos jogos, o Brasil investirá 23 bilhões de reais em trens urbanos - com o VLT à frente. As indústrias ferroviárias já receberam encomendas de 120 veículos e disputam licitações para montar outros 200. [...]. Desde 2008, uma empresa nacional explora o setor: a cearense Bom Sinal. Foi ela a primeira a produzir VLTs próprios para as linhas da RFFSA. Seus vagões são uma versão mais barata dos similares europeus: por dentro, são idênticos a um ônibus urbano, mas custam 40% menos que um veículo importado. Por causa das condições vantajosas que oferece, a Bom Sinal já recebeu encomendas de 69 vagões e pedidos de orçamento de cinquenta prefeituras. Com os VLTs, o país poderá voltar aos trilhos de um transporte eficiente (PLANETA SUSTENTÁVEL, 2010).

Em lugares onde acredita-se que transporte se resume a animais e charretes, existe um transporte ecologicamente correto, limpo, ágil, como é o caso dos veículos leves sobre trilhos:

MAIS BARATOS E MAIS LIMPOS

Um sistema de transporte baseado em veículos leves sobre trilhos (VLT) sai pela metade do preço de um metrô e é mais fácil de ser instalado

- Uma composição de VLT leva, em média, 270 passageiros, ou a ocupação de quatro ônibus
- Os modelos a diesel poluem 93% menos que os ônibus. Os elétricos, como os de Brasília, Santos e São Paulo, não são poluentes
- Os trens emitem 75% menos ruído do que os automóveis
- A energia consumida por um VLT para transportar um passageiro equivale a 10% da gasta por um carro

QUADRO 04: infográfico que mostra as vantagens dos veículos leves sobre trilhos.

⁴ FIFA: federação Internacional de Futebol.



FIGURA 12 e FIGURA 13: a figura 12 refere-se à imagem da fábrica Bom Sinal Indústria e Comercio LTDA, na cidade de Barbalha no Sertão Ceará onde produzem veículos leves sobre trilhos (VLT). A figura 13 mostra dentro do VLT no percurso Crato – Nazaré do Norte. Fotografia realizada em setembro de 2010 para o Caderno Especial Luiz Inacio Nordestino da Silva, publicado dia 28 de dezembro de 2010 no jornal Diario de Pernambuco. Fotos: Juliana Leitão.



FIGURA14 e FIGURA15: a figura 14 mostra a fotografia do trilho por onde passa o Metrô do Cariri, na cidade do Crato, Sertão do Ceará. A figura 15 registra o Veículo leve sobre trilhos passando pela cidade do Crato, Sertão do Ceará. Fotografia realizada em setembro de 2010 para o Caderno Especial Luiz Inacio Nordestino da Silva, publicado dia 28 de dezembro de 2010 no jornal Diario de Pernambuco. Fotos: Juliana Leitão.



FIGURA16 e FIGURA 17: a figura 16 mostra a estação do Metrô do Cariri na cidade do Crato, Sertão do Ceará. A figura 17 ilustra o a convivência das novas tecnologias no transporte e nas formas tradicionais de locomoção,

presente na carroça esperando o Metrô do Cariri passar nos trilhos do Crato. Fotografia realizada em setembro de 2010 para o Caderno Especial Luiz Inacio Nordestino da Silva, publicado dia 28 de dezembro de 2010 no jornal Diário de Pernambuco. Fotos: Juliana Leitão.

A cidade de Picos, localizada no Sertão do Piauí, com vegetação formada por Caatinga, clima Tropical semi-árido quente aspectos típicos da região, é uma das cidades que mais produzem mel do país, garantindo ao Piauí o título de maior produtor da região Nordeste. Organizados em cooperativas e/ou associações, os produtores de mel dessas áreas desenvolvem diversas iniciativas de melhoria da cadeia e de comercialização através de empreendimentos como a Central de Cooperativas Apícolas do Semi-Árido Brasileiro, Casa Apis; a Associação dos Apicultores da Microrregião de Simplício Mendes - AAPI; e a Cooperativa Mista dos Apicultores da Microrregião de Simplício Mendes - COMAPI. Na região de Picos e de Simplício Mendes, existem 1.200 apicultores beneficiados pelo projeto e organizados em trinta e cinco associações e cinco cooperativas, com vinte e três municípios representados nessas entidades (PREFEITURA MUNICIPAL DE PICOS, 2010).

O Projeto Apis Serra da Capivara, executado na microrregião de São Raimundo Nonato, a 517 quilômetros ao sul de Teresina, atende oito municípios: Anísio de Abreu, Caracol, Fartura do Piauí, Guaribas, Jurema, São Brás do Piauí, São Lourenço do Piauí e São Raimundo Nonato. Nesta região, existe uma variedade de florada típica da caatinga, que apesar da concentração da safra no primeiro semestre de cada ano e da apicultura fixa (os apicultores não fazem migração de colméias), concentra uma grande produção de mel, estimada entre 1.500 a 2.000 toneladas/ano. Entre as cooperativas que participam do Projeto Apis Serra da Capivara estão: Cooperativa dos Apicultores e Produtores Rurais do Território Serra da Capivara - COOPASC; e Cooperativa Apícola da Microrregião de São Raimundo Nonato - COOPARN.

O Projeto Apis Região Norte envolve doze Municípios, que somam cem apicultores filiados em duas cooperativas. Dentre as ações desenvolvidas na região estão a fabricação de novos produtos como pólen, cosméticos à base de mel, mel orgânico, mel com certificação para o comércio justo e solidário, além do repasse de novos conhecimentos sobre os procedimentos nas Unidades de Extração de Produtos Apícolas (UEPAS), instrumentos que auxiliam os apicultores nas etapas da cadeia produtiva do mel. (CLICA PICOS,2010)

A Casa Apis, com sede no município de Picos, é a primeira cooperativa do setor na América Latina a obter a certificação Fair Trade Para se enquadrar nesta categoria, os produtores devem se organizar em associações, adotar um processo democrático de decisões, ter a igualdade entre homens e mulheres, respeitar as leis trabalhistas e o meio ambiente. Já as empresas que compram pelo sistema comprometem-se a adquirir matérias-primas certificadas e a pagar um preço mínimo para possibilitar a

produção. As empresas ainda devem pagar bônus para investimentos em projetos sociais e fechar contratos a longo prazo com os produtores. (OLIVEIRA, 2010).

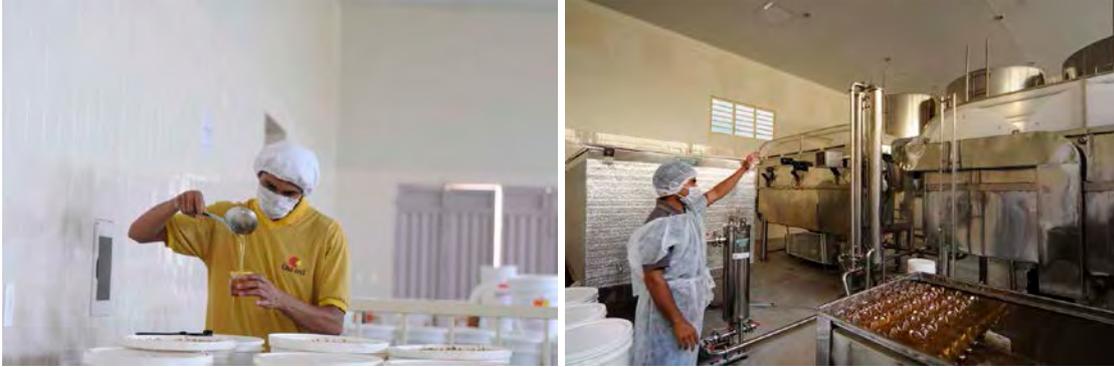


FIGURA 18 e FIGURA 19: mostram a fábrica de mel do Projeto Apis Serra da Capivara na cidade de Picos, localizada no Sertão do Piauí. Fotografia realizada em setembro de 2010 para o Caderno Especial Luiz Inacio Nordestino da Silva, publicado dia 28 de dezembro de 2010 no jornal Diario de Pernambuco. Fotos: Juliana Leitão.



FIGURA 20 e FIGURA 21: ilustram algumas das possibilidades de embalagem do mel da fábrica do Projeto Apis Serra da Capivara na cidade de Picos, localizada no Sertão do Piauí e que exporta para vários lugares do mundo e possui o selo internacional de comércio justo. Fotografia realizada em setembro de 2010 para o Caderno Especial Luiz Inacio Nordestino da Silva, publicado dia 28 de dezembro de 2010 no jornal Diario de Pernambuco. Fotos: Juliana Leitão.



FIGURA 22 e FIGURA 23: a figura 22 mostra as colméias da produção de mel na Caatinga do Piauí. A figura 23 ilustra um apicultor na região rural de Picos, localizada no Sertão do Piauí. Fotografia realizada em setembro

de 2010 para o Caderno Especial Luiz Inacio Nordeste da Silva, publicado dia 28 de dezembro de 2010 no jornal Diário de Pernambuco. Fotos: Juliana Leitão.

Em Salgueiro opera a maior fábrica de dormentes (DIARIO DE PERNAMBUCO, 2010 b) do mundo em bitola larga. Quando a fábrica estiver totalmente terminada, previsão de que isso aconteça até dezembro de 2012, a unidade terá capacidade para quase 5.000 unidades de dormentes de concreto por dia, tornando-se a maior indústria deste tipo em todo mundo. Os dormentes produzidos em Salgueiro serão utilizados nos 1.720 quilômetros da Ferrovia Transnordestina que ligará Pernambuco ao Ceará. A Transnordestina liga o município de Eliseu Martins, no Piauí, aos portos de Suape (PE) e Pecém (CE), através de 1.728 quilômetros de trilhos. Esta extensão equivale a quatro vezes a distância entre o Rio de Janeiro e São Paulo (DESENVOLVIMENTO, 2010).

Em relação à produção de dormentes, o Presidente assim se referiu: "Vamos inaugurar a maior fábrica de dormente de concreto do mundo. E vamos inaugurar uma usina de brita, que valerá pelas 40 maiores usinas de brita de São Paulo" (DIARIO DE PERNAMBUCO, 2010c).

Na construção de uma ferrovia, a brita dá o lastro para colocação dos dormentes, que por sua vez dão suporte aos trilhos. Estima-se que serão produzidos, em Salgueiro, mais de dois milhões de dormentes.

A Transnordestina, orçada em R\$ 5,4 bilhões, terá 1.730 quilômetros. A Odebrecht, contratada pela Transnordestina Logística, vai executar dez lotes da obra, cinco deles localizados em Pernambuco e o restante no Piauí. São os lotes 3 e 4 do trecho de 133 quilômetros entre Serra Talhada e Arcoverde; os lotes 6 e 7, que juntos somam 94 quilômetros entre Pesqueira e Belém de Maria; e o lote 2, que vai de São José do Belmonte a Serra Talhada, com extensão de 54 quilômetros. No segundo semestre, durante o pico das obras, está prevista a geração de 7 mil empregos diretos. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 2010c)



FIGURA 24 e FIGURA 25: a figura 24 registra o interior da fábrica de dormentes em Salgueiro, Sertão de Pernambuco, considerada a maior fábrica de dormente de concreto do mundo em bitola larga (BATISTA, 2010). A figura 25 mostra a geração de emprego para mulheres na fábrica, onde pode ser visto as operárias contratadas para a função de soldadoras. Fotografia realizada em setembro de 2010 para o Caderno Especial Luiz Inacio

Nordestino da Silva, publicado dia 28 de dezembro de 2010 no jornal Diário de Pernambuco. Fotos: Juliana Leitão.



FIGURA 26 e FIGURA 27: mostram mulheres empregadas em diferentes funções na fábrica de dormentes de concreto de bitola larga em Salgueiro, Sertão de Pernambuco. Fotografia realizada em setembro de 2010 para o Caderno Especial Luiz Inacio Nordestino da Silva, publicado dia 28 de dezembro de 2010 no jornal Diário de Pernambuco. Fotos: Juliana Leitão.



FIGURA 28 e FIGURA 29: mostram, em Salgueiro, Sertão de Pernambuco, a fábrica de dormentes de bitola larga. Fotografia realizada em setembro de 2010 para o Caderno Especial Luiz Inacio Nordestino da Silva, publicado dia 28 de dezembro de 2010 no jornal Diário de Pernambuco. Fotos: Juliana Leitão.

O município de São Bento, localizado no Sertão paraibano, possui uma grande produção de redes, empresas familiares e grandes indústrias que distribuem o produto por todo o Brasil e países vizinhos. A cidade possui mais de 300 pequenas, médias e grandes indústrias têxteis que fabricam aproximadamente 600 mil redes ao mês e consome 12 milhões de Kg de fio por ano em 1200 teares que funcionam dia e noite para atender a demanda. 80% da população economicamente ativa do município vive diretamente da produção, comercialização e distribuição de redes

São Bento, que se localiza em pleno Sertão Oeste da Paraíba, pode ser um município literalmente considerado como uma grande fábrica. Rara é a casa que não possui um tear de redes. Quem não as fabrica trabalha como terceirizador, tecendo franjas, mantas ou colocando punhos e cordões. O nível de desemprego é quase zero. Algumas profissões - como eletricitista têxtil e engenheiro eletricitista -, encontram

trabalho imediato na cidade, onde o padrão de vida da maioria dos moradores é mais que razoável. (A UNIÃO, 2006).

A cidade de São Bento fica tomada no dia da Feira, onde compradores e comerciantes de vários locais vão até lá negociar o fio, que pode vir do Ceará ou da China e ir para a cidade vizinha ou para o Rio Grande do Sul. O que mostra o crescimento são as casas, a estrutura da cidade e a proliferação de motos, com duas grandes lojas na cidade, parece que o transporte de lá oficial é o feito por meio da motocicleta.



FIGURA 30 e FIGURA 31: a figura 30 mostra a moto como principal veículo de locomoção na cidade de São Bento, Sertão da Paraíba. A figura 31 ilustra o comércio na feira de São Bento de onde saem as redes para todo o Brasil. Fotografia realizada em setembro de 2010 para o Caderno Especial Luiz Inacio Nordestino da Silva, publicado dia 28 de dezembro de 2010 no jornal Diario de Pernambuco. Fotos: Juliana Leitão.

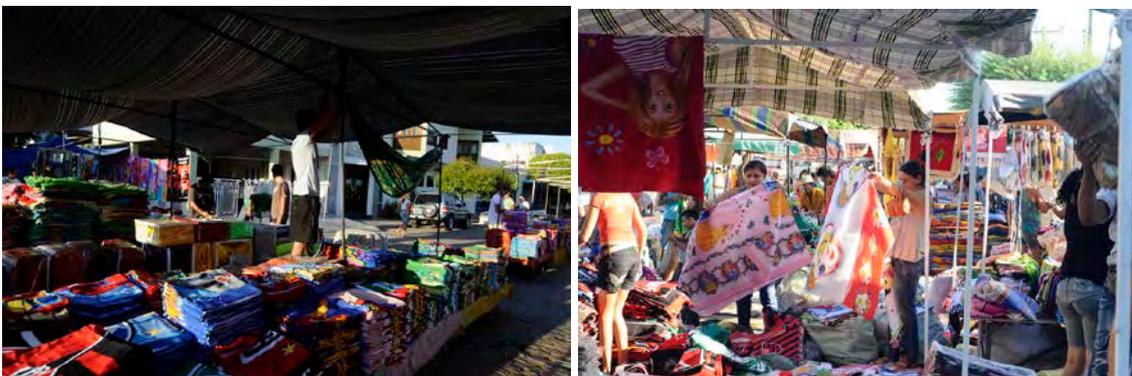


FIGURA 32 e FIGURA 33: mostram a feira de São Bento, Sertão da Paraíba, onde são comercializadas as redes que vão para vários estados do Brasil. Fotografia realizada em setembro de 2010 para o Caderno Especial Luiz Inacio Nordestino da Silva, publicado dia 28 de dezembro de 2010 no jornal Diario de Pernambuco. Fotos: Juliana Leitão.



FIGURA 34 e FIGURA 35: a figura 34 mostra a feira de São Bento, Sertão da Paraíba. A figura 35 ilustra a fabricação da rede. Fotografia realizada em setembro de 2010 para o Caderno Especial Luiz Inacio Nordestino da Silva, publicado dia 28 de dezembro de 2010 no jornal Diário de Pernambuco. Fotos: Juliana Leitão.

3.1. COMO TEM SIDO REPRESENTADO ESSE SERTÃO

Foi mostrado anteriormente alguns dos muitos exemplos de que existe um Sertão que vai além do que tem sido publicado, um Sertão com tecnologia de ponta que interage com a cultura e tradição da região. Não acredita-se que as características histórico-culturais do Sertão devam ser ignoradas e deixadas de lado, mas que não seja o único fato a ser visto no local.

A seca existe e deve ser considerada como um fator que caracteriza a região, mas não é o problema mais importante ou uma característica determinista que irá somente trazer fome e miséria ao Sertão.

Albuquerque Júnior (2001) mostrou como nas obras de 1930, época de destaque de Rachel de Queiroz e José Lins, os escritores formam um Nordeste por meio do romance, através de personagens que seriam típicos da região, com a ideia de se resgatar algo que se perdia e assim fizeram uma nova representação da região e das pessoas.

O romance de trinta instituiu uma série de imagens em torno da seca que se tornaram clássicas e produziram uma visibilidade da região à qual a produção cultural subsequente não consegue fugir. Nordeste do fogo, da brasa, da cinza e do cinza, da galharia negra e morta, do céu transparente, da vegetação agressiva, espinhosa, onde só o mandacaru, o juazeiro e o papagaio são verdes. Nordeste das cobras, da luz que cega, da poeira, da terra gretada, das ossadas de boi espalhadas pelo chão, dos urubus, da loucura, da prostituição, dos retirantes puxando jumentos, das mulheres com trouxas na cabeça trazendo pela mão meninos magros e barrigudos. Nordeste da despedida dolorosa da terra, de seus animais de estimação, da antropofagia. Nordeste da miséria, da fome, da sede, da fuga para a detestada zona da cana ou para o Sul. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001 p.121)

O autor faz uma análise interessante sobre o livro *Os Sertões* de Euclides da Cunha, e mostra como essa obra foi um marco no que se refere à construção da identidade nacional, onde traz a dicotomia que coloca em lados opostos o Sertão e o litoral. Essa dicotomia

aparece em muitas obras artísticas e o autor fala que se tornou uma questão arquetípica da cultura brasileira. O livro traz um Sertão de imagens exóticas, que não tem nada a ver com a civilização litorânea que tem influência européia.

O Sertão é aí muito mais um espaço substancial emocional, do que um recorte territorial preciso; é uma imagem-força que procura conjugar elementos geográficos, lingüísticos, culturais modos de vida, bem como fatos históricos de interiorização como as bandeiras, as entradas, a mineração, a garimpagem, o cangaço, o latifúndio, o messianismo, as pequenas cidades, as secas, os êxodos etc. [...] A relação entre o Sertão e a civilização é sempre encarada como excludente. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001 p.54)

O autor se refere à obra de Gilberto Freyre, como um dos pensadores sobre o Nordeste que ecoa até os dias de hoje da seguinte forma:

Esta construção do Nordeste será feita por vários intelectuais e artistas em épocas também as mais variadas. Ela aparece desde Gilberto Freyre e a 'escola tradicionalista de Recife', da qual participam autores como José Lins do Rego e Ascenso Ferreira, nas décadas de vinte e trinta, passando pela música de Luiz Gonzaga, Zé Dantas e Humberto Teixeira, a partir da década de cinquenta. Pintores como Cícero Dias e Lula Cardoso Ayres, o poeta Manuel Bandeira, os romancistas Rachel de Queiroz e José Américo de Almeida, embora guardem enormes diferenças entre si, possuem em comum esta visão do Nordeste e dela são construtores. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001 p.78)

O autor mostra como os termos “Nordeste”, “seca”, “tradição”, “Sertão” se confundem para significar uma mesma ideia de região e de população, fazendo parte de um mesmo discurso que vem de diferentes autores ao longo da história da literatura brasileira.

Um Sertão que é o Nordeste, espaço mítico já presente na produção cultural popular, no cordel e em romancistas do século XIX, como Franklin Távora e José de Alencar, sistematizado definitivamente por Euclides da Cunha e, agora, agenciado para representar uma região. O Sertão deixa de ser aquele espaço abstrato que se definia a partir da 'fronteira da civilização', como todo o espaço interior do país, para ser apropriado pelo Nordeste. Só o Nordeste passa a ter Sertão e este passa a ser o coração do Nordeste, terra da seca, do cangaço, do coronel e do profeta. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001 p.117)

Albuquerque Júnior (2001) fala sobre a mídia de forma de direta, dizendo que busca ainda no fim do século XX o folclórico, a miséria, a violência, seca, cangaço, beatos e coronéis. Não que não deva ser mostrado, mas falta complicar mais a região, diversificar os discursos sobre ela e evidenciar como não é uma terra só disso ou só daquilo, mas é o resultado de uma multiplicidade de histórias, de climas, de conhecimentos, de tecnologia que vão para além de uma homogeneização de terra rachada e êxodo rural: “As reportagens sobre o Nordeste não são feitas para descobrir algo novo a seu respeito, mas reafirmar a sua imagem

já estabelecida, que significa, ao mesmo tempo, reforçar a imagem construída para São Paulo, para o Sul etc.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001 p.317)

Sem pretender se exaustiva e apenas no intuito de mostrar evidências de que o Sertão não pode mais ser identificado e representado como o lugar da seca, trouxemos alguns exemplos: os quadros de Portinari mostram a série os Retirantes de 1944. A intenção não é criticar simplesmente a obra do autor. Este queria denunciar e ter uma postura de pedir ajuda para que aquela realidade de morte fosse mudada, que as pessoas de outros lugares olhassem para aquelas famílias sofridas como pode ser visto nas seguintes imagens:



FIGURA 36 e FIGURA 37: Mostram uma reprodução da pintura óleo sobre tela de Cândido Portinari. Obra: os Retirantes. 1944.

Na escultura do barro os retirantes também foram representados, tendo o Mestre Vitalino um dos seus mais conhecidos artistas. Vitalino Pereira dos Santos (Ribeira dos Campos, Caruaru PE 1909 - Alto do Moura, Caruaru 1963). Ceramista popular e músico. Filho de lavradores, ainda criança começa a modelar pequenos animais com as sobras do barro usado por sua mãe na produção de utensílios domésticos, para serem vendidos na feira de Caruaru. Ele cria, na década de 1920, a banda Zabumba Vitalino, da qual é o tocador de pífano principal. Muda-se para o povoado Alto do Moura, para ficar mais próximo ao centro de Caruaru. Vitalino participou no Rio de Janeiro da 1ª Exposição de Cerâmica Pernambucana, com diversas obras suas. Diversas reportagens sobre o artista foram publicadas no Jornal de Letras em 1953 e na Revista Esso, em 1959 (ITAU CULTURAL, 2010).



FIGURA 38: É uma imagem de uma das esculturas do Mestre Vitalino (1909 a 1963) que mostra o retirante nordestino.

Voltando à literatura, Euclides da Cunha (1901) narra as primeiras impressões que teve sobre o Sertão e diz o seguinte:

Deste modo se tem a cada passo, em todos os pontos, um lineamento incisivo de rudez extrema. Atenuando-o em parte, deparam-se várzeas deprimidas, sedes de antigos lagos, extintos agora em ipueiras apauladas, que demarcam os pousos dos vaqueiros. (CUNHA, 1901, p.23)

Ao falar do vento da seca, Euclides da Cunha (1901) usa os seguintes termos “ uma situação irremediável e crudelíssima” (CUNHA, 1901, p.41).Explica a seca na região, compara com o Saara e nomeia os estados que são atingidos por ela:

De fato, a inflexão peninsular, extremada pelo cabo de S. Roque, faz que para ele convirjam as lindes interiores de seis estados – Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí – que tocam ou demoram distantes poucas léguas. Desse modo é natural que as vicissitudes climáticas daqueles nele se exercitem com a mesma intensidade, nomeadamente em sua manifestação mais incisiva, definida numa palavra que é o terror máximo dos rude patrícios que por ali agitam – a seca. (CUNHA, 1901, p.38)

Ao se referir ao sol ele diz o seguinte: “o sol é o inimigo que é forçoso evitar, iludir ou combater. E evitando-o pressente-se de algum modo, como o indicaremos adiante, a inumação da flora moribunda, enterrando-se os caules pelo solo”. (CUNHA, 1901, p.44). Sobre as caatingas, o autor usa os termos tortura, flora agonizante entre outros:

Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças, e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado: árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, de flora agonizante... (CUNHA, 1901, p.43)

Existe uma frase famosa de Euclides da Cunha no livro Os Sertões é “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. (CUNHA, 1901, p.114). Entretanto essa frase é acompanhada da seguinte descrição detalhada do sertanejo:

É desgracioso, desengonçado e torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. (CUNHA, 1901, p.114)

Ao falar de um sertanejo de aparência cansada, o autor diz que é uma ilusão achar que se trata de um povo fraco, pois se aparecer uma situação que exija ação, aparecem surpreendentes forças e agilidade e diz o seguinte: “Assim todo sertanejo é vaqueiro”. (CUNHA, 1901, P.121). A imagem do vaqueiro tem sido utilizada como um importante arquétipo do Sertão.

Outra forma muito utilizada para falar sobre a região é a música, que tem como um de seus principais representantes Luiz Gonzaga, que nasceu em Exu, Sertão Pernambucano e foi para o Rio de Janeiro e nos anos 1950 tornou-se um dos artistas mais populares do Brasil, devido especialmente à genialidade musical da "Asa Branca" (composição dele com Humberto Teixeira), um hino que narra toda trajetória do sofrido imigrante nordestino (GONZAGÃO,2009).

Na música Asa Branca (LETRAS TERRA, 2010) Luiz Gonzaga diz o seguinte: “Quando oiei a terra ardendo [...] “qualafogueiradeSãoJoão” [...] “Eu perguntei a Deus do céu, ai” [...] “Por que tamanha judiação” Nesta frase aparece a indicação da terra que é quente, o chão vermelho da seca. Luiz gonzaga na mesma música fala na falta de vegetação e na morte dos animais por causa da seca dizendo da seguinte forma: “Nem um pé de prantação” [...] “Por farta d'água perdi meu gado” [...] “Morreu de sede meu alazão”. E diz que irá voltar ao Sertão quando a chuva voltar a cair na região: “Espero a chuva cair de novo” [...] “Pra mim vortar pro meu Sertão”.

Na música intitulada “Vozes da Seca”, composição de Luiz Gonzaga / Zé Dantas são mencionados vários aspectos da seca. Primeiramente diz o seguinte: “Seu doutô os nordestino têm muita gratidão pelo auxílio dos sulista nessa seca do Sertão”.

Este verso fala que o sul do país seria de onde viria ajuda para o Norte. Fala também do tamanho da região da seca dizendo: “Pois doutô dos vinte estado temos oito sem chovê. Veja bem, quase a metade do Brasil tá sem cumê”

Neste trecho o cantor e compositor fala em fome, relacionada à região que comporta quase metade do Brasil. Com uma atitude de pedir ajuda, ele fala em construção de barragem, em ajuda dos outros estados para pôr fim à seca: “Nunca mais nós pensa em seca, vai dá tudo nesse chão. Como vê nosso distino mercê tem nas vossa mãos”.

Essas músicas evidenciam uma dependência do Nordeste para com as outras regiões, mostrando necessidade, carencia e dando a entender que os outros estados do sul precisam prestar ajuda. Nas recentes polêmicas envolvendo o orkut, demonstradas na introdução deste texto, estas pessoas de São Paulo se posicionam numa relação de superioridade em relação ao Nordeste, como se a região viesse pedir esmola e ajuda, conforme as letras dessa música.

As músicas de Luiz Gonzaga são poéticas, de valor artístico, cultural e histórico inestimável e a região onde ele nasceu pode usufruir do seu valor turístico com o parque em homenagem a ele na cidade de Exú. *Os Sertões* de Euclides da Cunha possuem também um valor incalculável e é o único registro de vários aspectos dos acontecimentos daquele momento que envolveu a Guerra de Canudos, os quadros de Portinari, os textos de escritores, romancistas e historiadores ajudam a preservar os acontecimentos ao longo do tempo nas cidades do Sertão, mas isso que faz parte de uma memória a ser preservada se torna reducionista quando os meios de comunicação de massa não dão visibilidade a outras informações sobre outros aspectos não tão diretamente afetados pela seca nos momentos atuais. Constata-se que as regiões estão desenvolvendo suas potencialidades, preservando aspectos de sua cultura local, mas modificando-se no que diz respeito à estrutura de transporte, comércio, indústria, comunicação e comportamento entre outros, que mostram um momento atual singular. Acontecimentos que não precisariam ser invisibilizados pela imprensa nacional, em prol de um Sertão quase mítico da terra rachada, das caveiras, das mulheres com latas de água na cabeça, da religiosidade, do misticismo. O que se percebe são mudanças importantes em praticamente todos os aspectos da região, independente do olhar externo midiático.

Um outro artista que divulgou a realidade dos retirantes nordestinos é o Mestre Vitalino, com suas figuras de barro que mostram um cotidiano intocado e pertencente a um passado que se tenta preservar. O globo possui uma galeria de imagens feitas pelo fotógrafo francês Pierre Verger do Mestre Vitalino.

No próximo capítulo serão analisadas as reportagens especiais disponibilizadas pelo jornal *O Globo* e pela Agência Globo no seu site de notícias. Observar-se-á as fotografias no que diz respeito às técnicas fotográficas; arquétipos utilizados, recorte espaço-temporal e notícias que contextualizam aquela imagem. Também será feito um contraponto com os indicadores de desenvolvimento local.

Albuquerque Junior (2001) cita o texto de Graciliano Ramos (1962) em que fala sobre a seca. Percebe-se que no século passado essas representações da seca já traziam inquietações primeiramente ao que se refere aos autores dos livros sobre a seca. Sem citar nomes,

Graciliano diz que o estrangeiro que não conhecesse o Brasil e lesse na literatura sobre o assunto imaginaria que “aquela parte de terra que vai da serra Ibiapaba a Sergipe, é deserta, uma espécie de Saara”. (RAMOS, 1962 P. 135). O autor fala em época de exageros, na qual, os autores:

contaram tantos casos esquisitos, semearam no Sertão ressequido tantas ossadas, pintaram o sol e o céu com tintas tão vermelhas, que alguns políticos, sinceramente inquietos, pensaram em transferir da região maldita para zonas amenas os restos da gente flagelada. (RAMOS, 1962 P. 135).

Graciliano Ramos culpa a imprensa também e diz que “até a antropofagia serviu para dramatizar a seca, em jornal e em livro”. (RAMOS, 1962 P. 135). Ou seja, não foram somente os ficcionistas da literatura, com sua licença para criar casos e florear as histórias, os responsáveis por essa imagem da seca. O autor diz que a prosa e verso que falava da figura do retirante semeou desprezo para com essas pessoas.

A seca não foi mostrada de forma direta e objetiva, mas caricata quando não era ela a responsável pelas migrações, os culpados são outros como bem explica Graciliano Ramos: Processos rotineiros na agricultura, indústria precária, exploração horrível do trabalhador rural, carência de administração pública, devem ter contribuído, tanto como a seca, para o atraso em que vive a quinta parte da população do Brasil. (RAMOS, 1962).

A seca pode ser uma realidade do Sertão, mas as famílias não morreram de fome, mas cresceram e geraram filhos e a culpa da pobreza existente não é da seca, que tanto foi pintada, retratada, descrita e narrada como um gigante invencível, mas a seca talvez tenha sido uma boa desculpa para políticos e gestores se aproveitarem da carência e da necessidade daquelas pessoas, assim nunca chegavam os investimentos, as pesquisas e as tecnologias a quem precisava.

4. CAPÍTULO III - AS REPRESENTAÇÕES DOS SERTÕES NA MÍDIA BRASILEIRA

Neste capítulo são sistematizadas as imagens que compõem o corpus de análise a partir do recorte metodológico que levará em conta os recursos da técnica fotográfica, arquétipos de pessoas, objetos e vegetação, marcas de identidade estigmatizadas na sociedade para representar o Sertão, o recorte espaço-temporal das imagens, a notícia que contextualiza aquela fotografia rodeada de legenda, título e outros textos, assim como o aparecimento de indicadores de desenvolvimento local. Tudo na perspectiva de analisar esses elementos na produção jornalística considerada de alcance nacional, demonstrando como essas mídias retratam o Sertão ainda reproduzindo aspectos que evocam um sentido do passado construído pelas diferentes manifestações culturais e artísticas produzidas no Nordeste e em outras regiões como a literatura, a música, a escultura conforme tratado no capítulo dois.

Assim a análise das imagens dos jornais segue a mesma metodologia da análise dessas expressões artísticas, só que em relação às galerias se acrescenta um maior refinamento metodológico, a combinação de técnicas de análise fotográfica com elementos de representação nos textos.

De acordo com o que foi definido na metodologia, se analisará as galerias fotográficas do grupo de comunicação O Globo, disponibilizadas no site que são de cunho jornalístico, ou seja, as que se propõem informar aos leitores sobre o Sertão de Pernambuco são as seguintes:

6. A galeria da Agência Globo
7. Seca em Alagoas
8. Quinta-feira Santa pelo mundo
9. Eu-Repórter: Semi-árido
10. Seca no Nordeste

Serão analisadas as temáticas das imagens, os títulos e subtítulos de cada uma delas e sua relação com as fotografias.

As categorias semânticas a serem observadas são as seguintes:

- Arquétipos de pessoas, objetos, vegetação
- Recorte espaço-temporal
- Técnicas fotográficas utilizadas

- A notícia mostrada pela imagem
- O aparecimento de algum dos indicadores de desenvolvimento local

A pesquisa foi iniciada com a busca temática Sertão nas galerias fotográficas do site O Globo, no qual foram identificados 16 grupos de imagens relacionadas ao jornal de mesmo nome e uma única galeria na Agência Globo.

A primeira galeria fotográfica é intitulada seca no Nordeste, postada no site em setembro de 2010, pouco antes das eleições presidenciais. A segunda está composta por imagens fotográficas de Pierre Verger e da obra do Mestre Vitalino, neste contexto, o Sertão acha-se aí vinculado ao artesanato de barro, característico do Alto do Moura em Caruaru. Na terceira galeria, as imagens se relacionam à narração de dois amigos que viajaram em um Gurgel pelo Brasil e o termo “Sertão” aparece por ter sido o lugar onde o motor do carro fundiu. Essa galeria remete à aventura, ao paraíso perdido e às estradas desertas. Na quarta fotogaleria aparece Lula, o Presidente e, com ele Miguel Arraes, José Sarney, Fernando Collor e a referência ao Sertão está relacionado ao espaço onde morreu Carlos Lamarca. Esta galeria não apresenta imagens fotográficas. Outra galeria expressa o Sertão que é mostrado pela câmera do corpo de bombeiros, o Sertão da seca, da miséria, da terra rachada, do arado de boi, do sofrimento do sertanejo. Numa mudança radical de assunto, o Sertão na Playboy: o tema é circo, o cenário é o Sertão do imaginário: uma mulher nua entre galhos secos e uma casa de taipa.

O Sertão no cinema e no teatro são bem expressivos, aparece uma cena de dois jovens que se cruzam no Sertão em um caminho de terra seca e vegetação sem folhas. Uma outra imagem onde um morador local que fala de sua realidade dizendo que difícil é cortar mato e ganhar dinheiro.

A oitava galeria possui lindas imagens de Araquém Alcântara, que retrata o homem e a natureza, mostrando que essa interação é mais forte no Nordeste e Norte do país, de onde saem praticamente todas as imagens. Mulheres carregando água entre galhos secos e sobre uma terra vermelha; a de um vaqueiro correndo entre os galhos sem folhas, depois são expressivas as imagens de crianças brincando com colchas de retalhos em Serrambi sobre um chão de terra vermelha. Na legenda foi detectado um equívoco na localização territorial do acontecimento, afirma que o local é Sertão de Pernambuco, no entanto, Serrambi está localizado no litoral sul do estado aproximadamente a 100 quilômetros de Recife, capital do estado. Depois um índio tocando o mar pela primeira vez e uma menina tomando banho no rio Lençóis na Chapada. É o Sertão exótico, bonito, da vastidão e da beleza natural.

Na nona galeria aparece o Sertão do misticismo, da religiosidade. Pessoas de lençóis brancos em Juazeiro no Sertão da Bahia, com cruzeiros, velas, lugar descampado. Depois o Sertão do fanatismo histórico de Canudos, no teatro. O Sertão do teatro deve a sua representatividade à obra *Os Sertões*, que foi transformada em peça, na qual se destacam o evento em Canudos, momento histórico, da batalha e fanatismo.

Voltando ao Sertão no cinema, na galeria do festival do Rio, aparece uma imagem de Mutum⁵, nome de um lugar isolado no Sertão de Minas Gerais, onde vivem Thiago e sua família. Na foto de divulgação as crianças correm em um lugar aberto, descampado e ensolarado, dessa vez com uma certa vegetação. Ainda no Sertão do cinema, a galeria do filme 'O céu de Suely', filmado no Sertão central do Ceará, apresenta imagens quentes de por do sol, uma cena da protagonista ao telefone em uma cidade pequena, onde a personagem do filme mostra como o lugar é atrasado e entediante, quente como a cena dela encostada na geladeira.

Uma galeria interessante por ser constituída de imagens fornecidas por um leitor do jornal, onde aparece a beleza natural de um lugar que preserva uma natureza intocada no Rio Grande do Norte.

E por fim uma imagem de cemitério, onde a legenda completa a idéia de morte, associada à miséria do Nordeste.

As reportagens sobre Nordeste, seca, Sertão sempre são ilustradas com uma boa quantidade de imagens para “provar” a realidade que aquela matéria quer trazer. Como se o fato de ter sido retratado um recorte daquela realidade, pudesse evidenciar, com isso, o todo do qual está se falando. Pesavento (2008) fala desse poder das imagens de constituir um significado revelador de uma interpretação do mundo.

No conjunto das galerias apareceram duas que são compostas por imagem do espetáculo de teatro *Os Sertões*. Albuquerque Júnior (2001) mostra que o livro *Os Sertões* de Euclides da Cunha, se constitui numa obra que representa um marco no que se refere à construção da identidade nacional e estabelece a dicotomia que coloca em lados opostos o Sertão e o litoral. Essa dicotomia aparece em muitas obras artísticas e o autor argumenta como se tornou uma questão arquetípica da cultura brasileira. O livro traz um Sertão de imagens exóticas, extremamente diferenciada da civilização litorânea marcada pela influência

⁵ MUTUM foi filmado nas chapadas de Minas Gerais, em pleno Sertão mineiro, numa região com poucas estradas e muitos lugares ainda sem energia elétrica. Site oficial do filme: <http://www.mutumofilme.com.br> Acesso 11/01/2011.

européia. Sobre o tema, Albuquerque Junior sintetiza que “A relação entre o Sertão e a civilização é sempre encarada como excludente”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001 p.54)

A seca mostra-se central como tema das fotografias, o êxodo, a terra rachada, o sol quente entre outros símbolos da estiagem, como se o Nordeste pudesse ser reduzido à seca e que a seca fosse responsável por tudo que acontece no Nordeste, quando na verdade, o semi-árido não se constitui no único clima dos sertões do nordeste. Ou seja, “a imagem é fruto de uma ação dotada de significado, participando dessa condição tão humana que é a de refazer o mundo através de um conjunto de sinais”. (PESAVENTO, 2008, p. 100).

4.1. AGENCIA GLOBO

O primeiro grupo de imagens a serem analisadas são as pertencentes à galeria da Agência Globo, composta por cinco fotografias. As primeiras duas imagens foram feitas no mesmo momento, uma sendo vertical e outra sendo horizontal. Ambas datam de 25.04.2006, são de autoria do fotógrafo Hans von Manteuffel, atual fotógrafo do O Globo para coberturas no Nordeste, o local é o Sertão Central de Pernambuco. A legenda diz o seguinte: “Na Caatinga do Nordeste só restam 30 % da vegetação nativa”.

O texto da legenda fala de meio ambiente, de Caatinga, de vegetação perdida. A imagem mostra uma temperatura de cor bem quente.

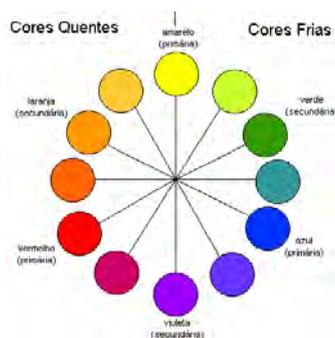


FIGURA 39: mostra a sistematização das cores. As cores quentes são associadas ao sol e ao fogo: amarelo, laranja e vermelho. São aquelas que nos transmitem a sensação de calor. As cores frias, são associadas à água, ao gelo, ao céu, e às árvores: violeta, azul e verde. São aquelas que nos transmitem a sensação de frio (MENDES, 2010).

A imagem analisada ilustra um pôr do sol alaranjado, com tons de amarelos e vermelhos e uma silhueta marrom. A silhueta é formada por um cactus e por uma paisagem longínqua em segundo plano sem muitos detalhes. Não aparece nenhuma pessoa nessa imagem, remete a um local bucólico, um pôr do sol praticamente cinematográfico, dando idéia de um paraíso perdido, que podem produzir sensações de isolamento. O item que se

destaca nessa imagem são o cactos como elemento principal, indicando uma vegetação que suporta a falta de água, mas a legenda reforça a falta de água no Sertão ao afirmar que esta vegetação está desaparecendo, nem eles estão suportando. Tecnologia é um item inexistente na imagem. Evidenciando na prática o que Albuquerque Junior teoriza ao afirmar que “A relação entre o Sertão e a civilização é sempre encarada como excludente”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001 p.54)



FIGURA 40 e FIGURA 41: são fotografias pertencentes à galeria da Agência Globo, datam de 25.04.2006, são de autoria do fotógrafo Hans von Manteuffel. Nelas aparecem um pôr do sol entre a silhueta de um grande cacto.

A plasticidade da imagem é incontestável o que facilita a naturalização do arquétipo regional. No entanto é importante fazer um contraponto sobre o que existe também na região retratada e que não está sendo mostrado, pois a “fotografia tem uma realidade própria que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto, objeto do registro, no contexto da vida passada” (KOSSOY, 1999, p.22). O Sertão Central possui uma área de 9.144,6 km². (Cedro, Mirandiba, Parnamirim, Salgueiro, São José do Belmonte, Serrita, Terra Nova e Verdejante). A região possui mais de 164 mil habitantes (1,9% da população de Pernambuco). A economia do Sertão Central está baseada na agropecuária, com destaque para a caprinovinocultura; na pequena indústria; no comércio e serviços; na apicultura e no turismo. A atividade pecuária é extensiva nas áreas de maior altitude, onde se desenvolve uma produção agrícola diversificada (feijão, cebola, milho e mandioca). A atividade industrial é caracterizada por pequenos estabelecimentos com uma produção voltada basicamente para o mercado local. A região é dotada de Aeródromo, Agência do Trabalho, Universidade de Pernambuco (Estadual), duas Faculdades em Salgueiro e possui um pólo produtor de artesanato em Salgueiro e Serrita. Realidade bem diferente da visão reducionista dos cactos como representação desta região (ADDIPER, 2010 a).

O segundo grupo, na verdade uma única imagem, foi feita em 11.10.2001 pelo fotógrafo: Josenildo Tenório no Sertão do Pajeú. A legenda diz: “Solidão. O desmatamento desordenado na região de Solidão no Sertão do Pajeú contribui para o aumento da desertificação”.



FIGURA 42: é uma fotografia da galeria de imagens da Agência Globo com data de 11.10.2001 feita pelo fotógrafo Josenildo Tenório no Sertão do Pajeú em que mostra um cacto solitário em terra seca.

No texto da legenda já são utilizados os termos ‘solidão’ e ‘desertificação’. Solidão é o nome de uma cidade e aqui aparece como um jogo de palavras da sensação de isolamento, a cidade referenciada não aparece na imagem retratada, parece a foto de uma área rural, que talvez nem seja longínqua e que a capacidade técnica da fotografia de fazer um recorte permitiu dar a idéia do arquétipo vegetativo do que seria o Sertão, a terra seca esbranquiçada, o cactos como único sobrevivente à seca, o céu azul sem uma nuvem que indica a chuva por vir. Novamente a tecnologia se torna inexistente, parece mais um tipo ambiente inabitável devido à aridez territorial.

Nessa foto se destaca um cacto no primeiro plano, plantado em uma terra seca e um céu azul sem nuvens. O cacto e a terra seca são arquétipos presentes na representação imagética do Sertão, indicando único sobrevivente à seca. A fotografia mostra uma luz dura de meio dia em que o sol está bem no meio, a sombra do cacto está bem abaixo dele, assim o chão por ser claro reflete de maneira forte de tão branca que a terra fica. É um local isolado, que indica silêncio, lugar despovoado. Mesmo nos outros planos da imagem não é possível ver outros elementos além de vegetação da caatinga, céu e chão. Não é possível perceber nenhum elemento que indique desenvolvimento local.

Para fazer um contraponto no que se refere às informações textuais e visuais é importante salientar que o Sertão do Pajeú é uma das regiões de desenvolvimento do governo do estado de Pernambuco. A região tem vias de acesso pela BR 232, PE-320, e PE-360 que liga Ibimirim a Floresta e a Petrolina, nas quais circula praticamente toda a produção e

abastecimento. É uma região constituída por 17 municípios e possui mais de 298 mil habitantes. A economia do Sertão do Pajeú baseia-se na agropecuária, na indústria, no comércio, serviços e no turismo. A região é dotada de aeródromo⁶, Agência do Trabalho, Universidade Federal Rural de Pernambuco, duas Faculdades, Unidade de negócios do Sebrae; Unidade operacional do Sesc – Triunfo; Centro experimental de ensino; Escola técnica agrícola. (ADDIPER, 2010 b).

Com relação à cidade de Solidão, especificamente, é importante dizer que Solidão segue os aspectos econômicos da região com a economia baseada na agropecuária. Nas atividades pastoris, a bovinocultura e a caprinocultura recebem destaque. A área rural apresenta uma atividade agrícola mais diversificada, encontrando lavouras de subsistência, algodão, cana-de-açúcar e fruticultura. Os principais produtos agrícolas da região são: feijão, cana-de-açúcar, banana, goiaba, milho, mandioca e castanha de caju. Solidão possui turismo ecológico, na época em que se festeja o São João realizam feiras de artesanato, apresentação de bacarmateiros. O município também realiza a Festa dos Romeiros. O município de Solidão realiza duas festas importantes: o Carnaval e a Festa de Nossa Senhora de Lourdes, padroeira da cidade. Os eventos são marcados por apresentações de grupos folclóricos e pela realização de feiras gastronômicas. (FÉRIAS TURISMO, 2010).

Nestas três imagens se observam arquétipos da seca e do Sertão, que aparecem como sinônimos de um mesmo conceito. Considerando que a representação iguala toda imagem a uma idéia e toda idéia a uma imagem. (MOSCOVICI, 2009): o mundo do Sertão tem como elementos de sua representação o sol, o cactus, o céu azul e a terra seca, ou seja elementos da seca.

As imagens seguintes são semelhantes no quesito luz, formato, cores e assunto. Feitas no dia 11.05.2006 , pelo fotógrafo: Gustavo Stephan no Sertão do Ceará. A legenda da foto diz o seguinte: “Exclusiva. Chuva no Sertão do Ceará”.

⁶ Pequeno aeroporto, de importância regional.



FIGURA 43 e FIGURA 44: são fotografias pertencentes à galeria da Agência Globo, feitas no dia 11.05.2006 , pelo fotógrafo: Gustavo Stephan no Sertão do Ceará. As imagens mostram chuva no Sertão.

Estas duas fotos estão dentro da galeria da Agência Globo e são as únicas que possuem um olhar diferenciado no que se refere às cores e à vegetação. A primeira imagem possui uma estrada asfaltada, provavelmente uma BR, onde não passa nenhum carro, a segunda imagem mostra montanhas e vegetação aparentemente intocada. São duas situações bucólicas, sem presença humana. A temperatura de cor é fria, verdes, azuis e cinzas predominam. Não há referências à presença de tecnologias.

O céu carregado evidencia chuvas, assim como a vegetação verde e abundante. A estrada entra como elemento indicativo de comunicação daquele local com outras regiões. No entanto, a legenda remete à mesma preocupação das outras fotografias: a seca. O texto mostra que trata-se de um grande acontecimento o fato de estar chovendo no Sertão do Ceará, chamando a atenção do leitor com a palavra ‘Exclusiva’.

O que faltou explicar nesta galeria é o fato de que a região não vive somente de chuvas esporádicas e resistência à seca. O Território da Cidadania Inhamuns Crateús (MDA,2010) - CE abrange uma área de 30.795,60 Km² e é composto por 20 municípios: Aiuaba, Ararendá, Arneiroz, Catunda, Crateús, Hidrolândia, Independência, Ipaporanga, Ipu, Ipueiras, Monsenhor Tabosa, Nova Russas, Novo Oriente, Parambu, Pires Ferreira, Poranga, Quiterianópolis, Santa Quitéria, Tamboril e Tauá. A população total do território é de 518.941 habitantes, dos quais 247.632 vivem na área rural, o que corresponde a 47,72% do total. Possui 45.145 agricultores familiares, 3.649 famílias assentadas, 10 comunidades quilombolas e 1 terra indígena.

A região possui o projeto de nome Cidade Digital com o Ministério das Comunicações e possui orelhões nas cidades onde se faz ligações por meio de internet (GUIA DAS CIDADES DIGITAIS, 2010). A região possui grandes feiras de negócios, a Feira da Agricultura Familiar e Economia Popular e Solidária dos Inhamuns; e a Feira de Negócios

da Região dos Inhamuns (Feneri) com mostra de confecções, calçados, construção, artesanato e agronegócios (FETRACE, 2010)

Um questionamento central nessa pesquisa de imagem fotográfica refere-se ao que seria realidade. Dubbois questiona o consenso existente de que o documento fotográfico presta contas do mundo com fidelidade. Foi-lhe atribuída uma credibilidade, um peso de real. O realismo da foto é um problema de convenção, afirma Dubbois. O autor diz ainda que a fotografia de imprensa torna-se um simulacro de uma memória coletiva e que a escolha de um recorte e de um olhar faz calar todas os outros olhares. (DUBBOIS,1993).

O tema da seca mostra-se central como tema das fotografias, o êxodo, a terra rachada, o sol quente entre outros símbolos da estiagem, como se o Nordeste fosse a seca e a seca fosse responsável por tudo que acontece no Nordeste, quando na verdade nem é o único clima dos sertões da região. Ou seja, “a imagem é fruto de uma ação dotada de significado, participando dessa condição tão humana que é a de refazer o mundo através de um conjunto de sinais”. (PESAVENTO, 2008, p. 100).

Essas imagens coincidem com a análise de Albuquerque Junior (2001) quando afirma que as reportagens sobre o Nordeste não são feitas para descobrir algo novo a seu respeito, mas reafirmar a sua imagem já estabelecida.

A imagem do Sertão aparece nessas fotografias reforçando um mesmo sentido de região solitária, estagnada, sem habitantes, sem desenvolvimento, com a questão climática e da seca como tema central a tudo. Esta pesquisa identifica que existem contrapontos quando se fala de Sertão. Essa galeria possui cinco imagens feitas por três fotógrafos diferentes, em áreas diferentes, no entanto todos focam numa única direção com cores, recorte, enquadramento que nos passam a mesma sensação de Sertão da seca. Pouco foi feito para evidenciar os diversos olhares sobre essa região, reforçando estereótipos e preconceitos negativos sobre essas áreas, como é o exemplo dos 281 membros da comunidade “eu odeio nordestinos”. Mostrando assim como essas imagens estão ligadas ao conceito de produtividade e reiteram processos já cristalizados, em vez de produções verdadeiramente criativas, que põem em conflito o já produzido e o que vai instituir-se.

Como se explica na metodologia, ancorar é classificar e dar nomes a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nomes são estranhas. Moscovici explica que “nós experimentamos uma resistência, um distanciamento, quando não somos capazes de avaliar algo, de descrevê-lo a nós mesmos ou a outras pessoas”. (MOSCOVICI, 2009, p.561-562). Para que se possa inseri-lo no universo de conhecimento se rotula com nomes, categorias, símbolos.

A objetivação , por sua vez tira conceitos e imagens existentes para juntá-los e reproduzi-los, formando novos conceitos a partir do que já existe. É o que tem sido feito com o Sertão, colocado nas categorias mencionadas anteriormente, como se toda a multiplicidade de informações sobre a região estivesse presa em uma camisa de forças.

4.2. SECA EM ALAGOAS

A quinta fotogaleria é feita por fotos do corpo de bombeiros. São sete imagens com baixa resolução e uma nitidez comprometida provavelmente feita com máquina compacta simples ou celular. A fotogaleria começa com a frase: “a seca mais uma vez castiga os sertanejos”. Além da terra seca e uma poça de água suja que aparece em quase todas fotos e alguma pessoa do corpo de bombeiros ou o carro, aparece nas imagens este homem em mais de uma foto falando que a lavoura está perdida, mas não diz o nome dele ou a situação dele especificamente, provavelmente ele passou na hora que os bombeiros estavam fazendo as imagens.

A galeria intitulada Seca em alagoas é composta por imagens produzidas pelo corpo de bombeiros de Alagoas em 2008. O texto geral introduzindo a galeria diz o seguinte: “ Seca em Alagoas. Emergência. As crianças estão sem estudar; consultórios médicos fecharam por falta de água Os efeitos da falta de chuva no Sertão de Alagoas Os postos de saúde não param de receber pessoas desidratadas e com diarreia. As cidades esperam agora ajuda do governo”.

Esta galeria traz elementos para reafirma o assunto principal que está no título de todas as fotos: a seca. Como diz Aumont as imagens podem ser utilizadas para certos efeitos sociais.

“A imagem só existe para ser vista, por um espectador historicamente definido (isto é, que dispõe de certos dispositivos de imagem), e até as imagens mais automáticas, as das câmeras de vigilância, por exemplo, são produzidas de maneira deliberada, calculada, para certos efeitos sociais. Pode-se perguntar a priori se, em tudo isso, a imagem tem alguma parte que lhe seja própria: será tudo na imagem produzido, pensado e recebido como momento de um ato social, comunicacional, expressivo, artístico, etc?” (AUMONT, 1994, 197).

As imagens podem servir para afirmar um ponto de vista sobre a região ou a realidade, Aumont, 1994, diz que o enquadramento é a materialização de um ponto de vista.

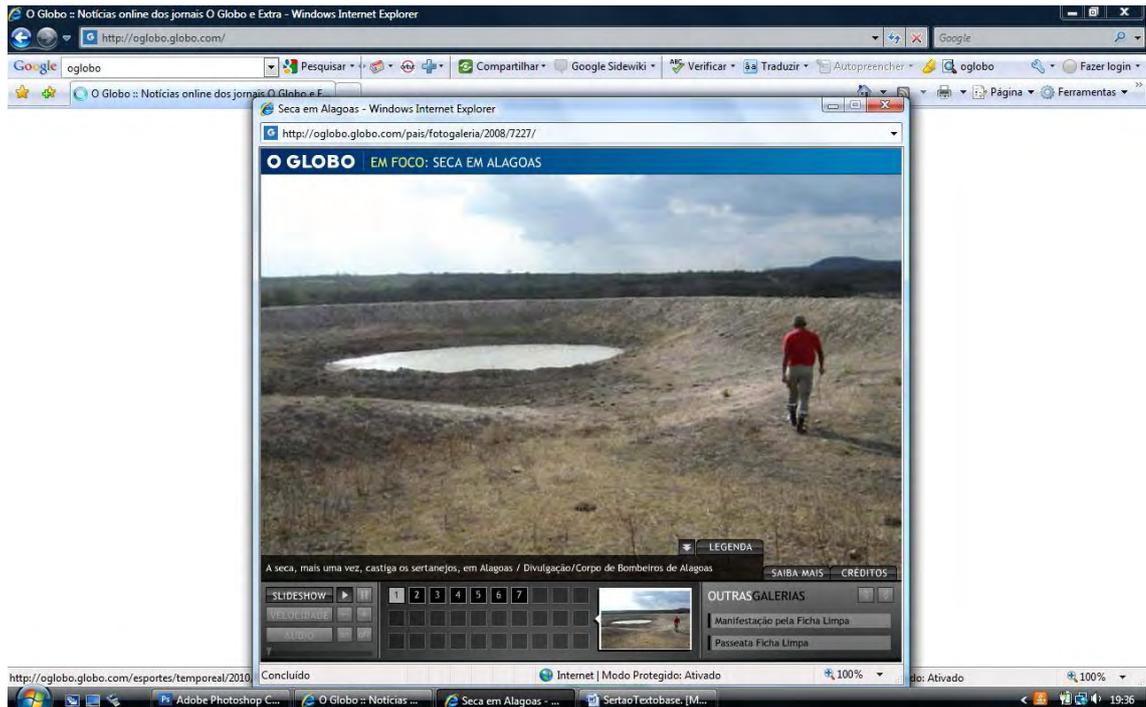


FIGURA 45: é uma reprodução da imagem na internet da galeria Seca em Alagoas do jornal O Globo . Imagem de Divulgação/ Corpo de Bombeiros de Alagoas, onde aparece um bombeiro se aproximando de uma poça de água.

Esta imagem que inicia a galeria possui a seguinte legenda: “A seca, mais uma vez, castiga os sertanejos, em Alagoas/ Divulgação/ Corpo de Bombeiros de Alagoas”. A imagem possui três elementos principais a terra seca e sem vegetação, uma poça de água pequena e um homem do corpo de bombeiros supostamente indo em direção à água. O elemento principal dessa imagem e do texto que o acompanha é a seca, mostrada na terra, na pequena quantidade de água e na legenda. A imagem traz o arquétipo da terra seca e dos galhos secos para evidenciar que está se falando de uma região de seca.

O espectador dessa foto pode ser diferenciado por pessoas que conhecem a região fotografada, que possuem informações extras sobre essa realidade mostrada, esse leitor se diferencia de quem não é da região e nunca passou por lá que por sua vez pode se diferenciar do leitor que mesmo não conhecendo a região procurou informações, levantou dados para possuir um conhecimento extra ao mostrado nessas imagens.

A princípio o foto-jornalismo traz para si uma característica específica dentro da fotografia, a idéia de realidade. A imagem, mesmo sendo realista “a imagem que fornece, sobre a realidade o máximo de informação”. (AUMONT, 1995, P.207) ela é resultado de escolhas no que diz respeito ao enquadramento, mas como diz Barthes (1984) o referente adere. Em um olhar rápido e menos atento a realidade que aparece ali é absorvida como a única que explica aquela determinada situação.

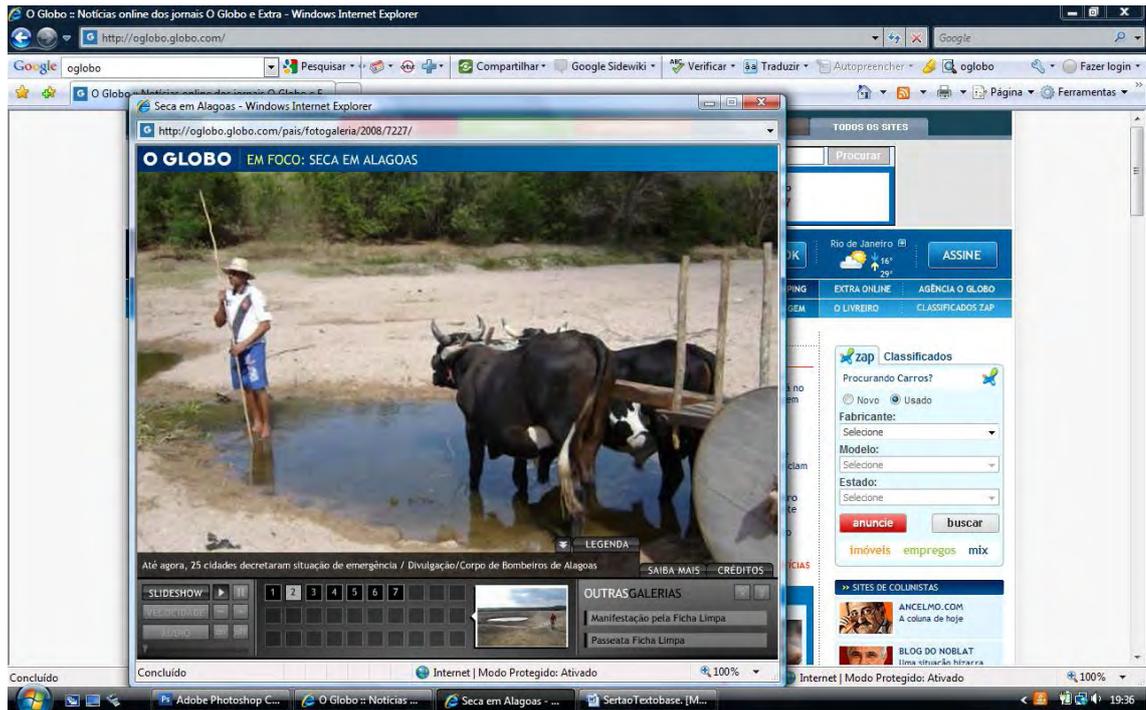


FIGURA 46: é uma reprodução da imagem na internet da galeria Seca em Alagoas do jornal O Globo . Imagem de Divulgação/ Corpo de Bombeiros de Alagoas, onde aparece uma carroça de boi e um homem da região em uma pequena poça de água.

A frase feita como legenda para esta imagem diz o seguinte: “Até agora, 25 cidades detectaram situação de emergência/Divulgação/Corpo de Bombeiros”. Na imagem aparecem vários elementos. Um homem de camiseta e bermuda e chapéu com uma vara dentro de uma área com água, onde também aparece uma carroça puxada por dois bois e a estrutura dela, inclusive as rodas são de madeira. Atrás da imagem uma vegetação verde com algumas plantas secas, o chão é de areia bem clara que reflete muito a luz nela. A partir das categorias de análises se observa uma terra seca, um espaço de água razo que indicam seca, assim como a legenda que não está diretamente em harmonia com a imagem porque fala em cidades no texto e na foto aparece uma região aparentemente quase desabitada. O sistema de transporte da pessoa é uma carroça rudimentar, aparentemente antiga e simples, mostrando tecnologia rudimentar, e não aparecem elementos que indicam desenvolvimento local nessa imagem.

O transporte, elemento que chama a atenção nesta imagem reflete um dos muitos tipos utilizados, o fenômeno das motos que estão ocupando a região do Nordeste inteira. No caderno especial O caminho sem volta, o Diário de Pernambuco mostrou o Nordeste sobre duas rodas e traz as seguintes informações:

A moto chegou ao interior do Nordeste como redenção. Surgiu como equipamento da pecuária; meio de transporte rápido e independente onde as opções, quando existem, são escassas; possibilidade de trabalho e, claro, de renda. Logo saiu do patamar de alternativa e entrou no rol das soluções. Aos olhos do homem do campo, virou necessidade. Básica. Imediata.

E é nas cidades pequenas que esse papel de protagonista se torna mais evidente. Mais de 80% da quantidade de motocicletas e motonetas registradas no Nordeste está fora das capitais. Em 12 municípios nordestinos elas já representam 90% ou mais da frota total de veículos, incluindo ônibus, caminhões e até tratores. Todos com menos de 30 mil moradores. Deles, o mais populoso é Buriti, no Maranhão, com 26.202 habitantes. Em todos os outros, moram menos de 11 mil pessoas. A que tem mais motocicletas e motonetas em relação à frota total, com 95%, é Morro Cabeça no Tempo, no Piauí, onde residem apenas 4.378 pessoas. (Diário de Pernambuco (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2011).

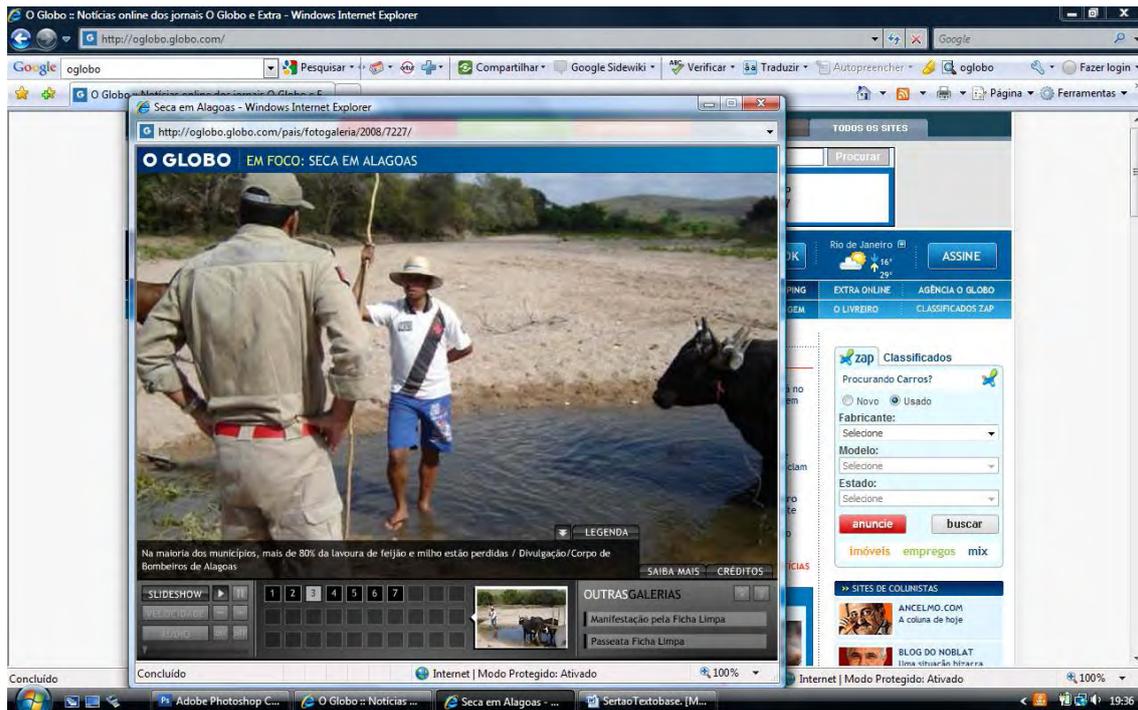


FIGURA 47: é uma reprodução da imagem na internet da galeria Seca em Alagoas do jornal O Globo . Imagem de Divulgação/ Corpo de Bombeiros de Alagoas, onde aparece um bombeiro conversando com uma pessoa da região em uma área seca com uma poça de água.

Com a legenda: “Na maioria dos municípios, mais de 80% da lavoura de feijão e milho estão perdidas” esta imagem mostra o mesmo homem da imagem anterior conversando com alguém do corpo de bombeiros, dentro da mesma poça de água e aparece somente uma parte de um boi. A legenda fala em lavouras de milho e feijão que não aparecem nas imagens e que seriam indicativos da atividade produtiva local. O fato do corpo de bombeiros estar presente significa instituição governamental presente, mas não evidencia que a população está indo atrás de recursos e soluções, mas a espera de um governo que tome providências.

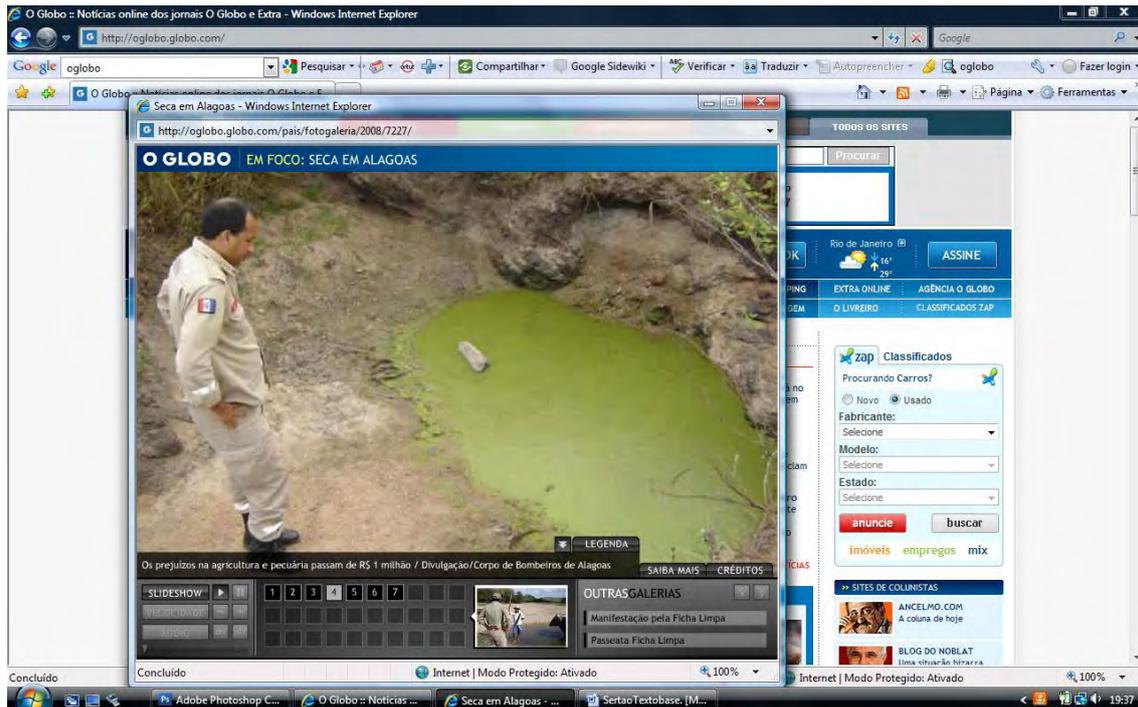


FIGURA 48: é uma reprodução da imagem na internet da galeria Seca em Alagoas do jornal O Globo . Imagem de Divulgação/ Corpo de Bombeiros de Alagoas, onde aparece um bombeiro próximo a uma poça de água suja.

A frase que aparece acompanhando esta imagem diz o seguinte : “Os prejuízos na agricultura e pecuária passam de R\$ 1 milhão”. Mais uma vez a imagem fala em agricultura e pecuária que seriam indicativos de desenvolvimento local, mas não mostra nenhuma dessas coisas, mas uma água verde, aparentemente suja, indicando situação de calamidade extrema, assim como uma pessoa do corpo de bombeiros avaliando a situação.

As imagens partilham com as outras formas de linguagem a condição de serem simbólicas, isto é, são portadoras de significados para além daquilo que é mostrado. (PESAVENTO, 2008, p. 99).

A água verde pode proporcionar possivelmente sensações ao leitor de nojo e revolta com a situação, a falta de dados sobre a foto permite ao espectador da imagem suprir o não representado, as lacunas da representação (AUMONT, 1995).

Uma das características da imagem, segundo Dubbois, é a designação: ou seja o posicionamento da câmera, a escolha das lentes, o contraste dos elementos fazem com que o fotógrafo ao menos tente indicar ao leitor em que direção olhar e prestar atenção, o fotógrafo aponta, neste caso pode-se dizer que a foto aponta para a água.

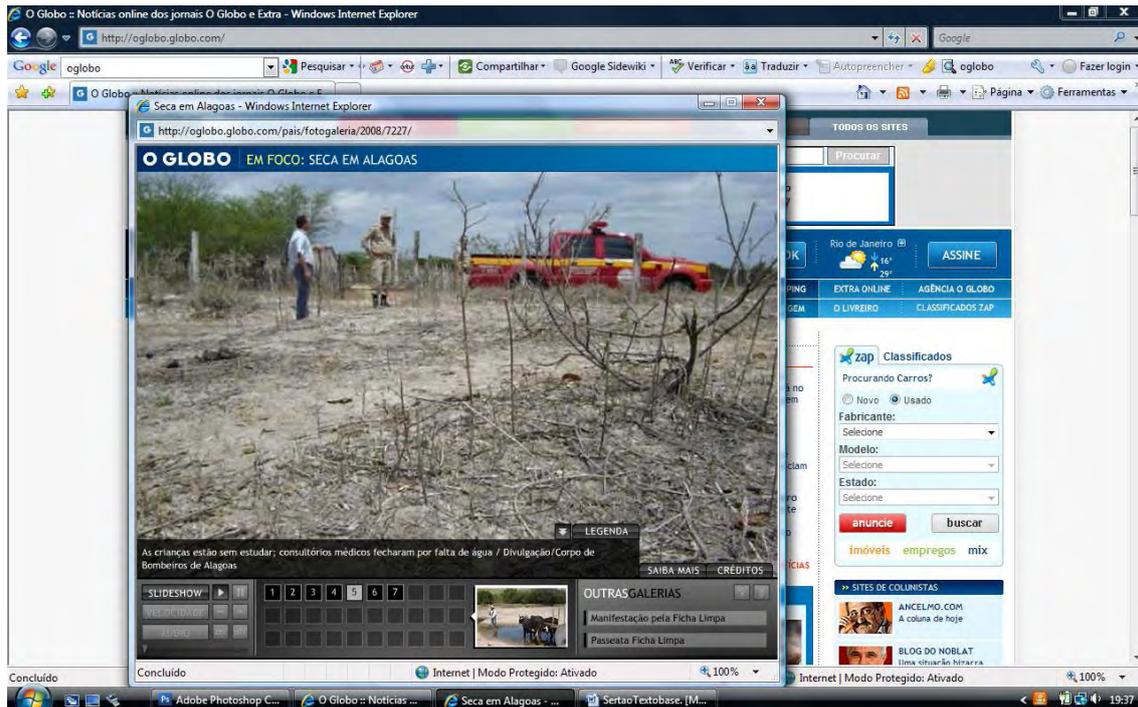


FIGURA 49: é uma reprodução da imagem na internet da galeria Seca em Alagoas do jornal O Globo . Imagem de Divulgação/ Corpo de Bombeiros de Alagoas, onde aparece um bombeiro, um carro do corpo de bombeiros, um homem conversando com o oficial e a terra bem seca sem vegetação.

A imagem vem acompanhada da frase: “As crianças estão sem estudar; consultórios médicos fecharam por falta de água”. Na imagem não aparecem nem médico ou crianças nas escolas, ou sequer escolas fechadas. Aparece o arquétipo vegetativo da seca: os galhos sem folhas e a terra seca e sem cor. Aparece também o corpo de bombeiros dialogando com alguém ao longe.

Barthes afirma que “uma das marcas de nosso mundo talvez seja essa inversão: vivemos segundo um imaginário generalizado”. (BARTHES, 1984, P.173). A terra seca, assim como os galhos sem folhas reafirmam o imaginário de seca e reforça o que já se conhece, articula o reconhecimento e a lembrança de Aumont (1995) , ao reconhecer os elementos explicativos da seca de sempre ocorre uma satisfação psicológica na imagem repetitiva, condensada e dominável.

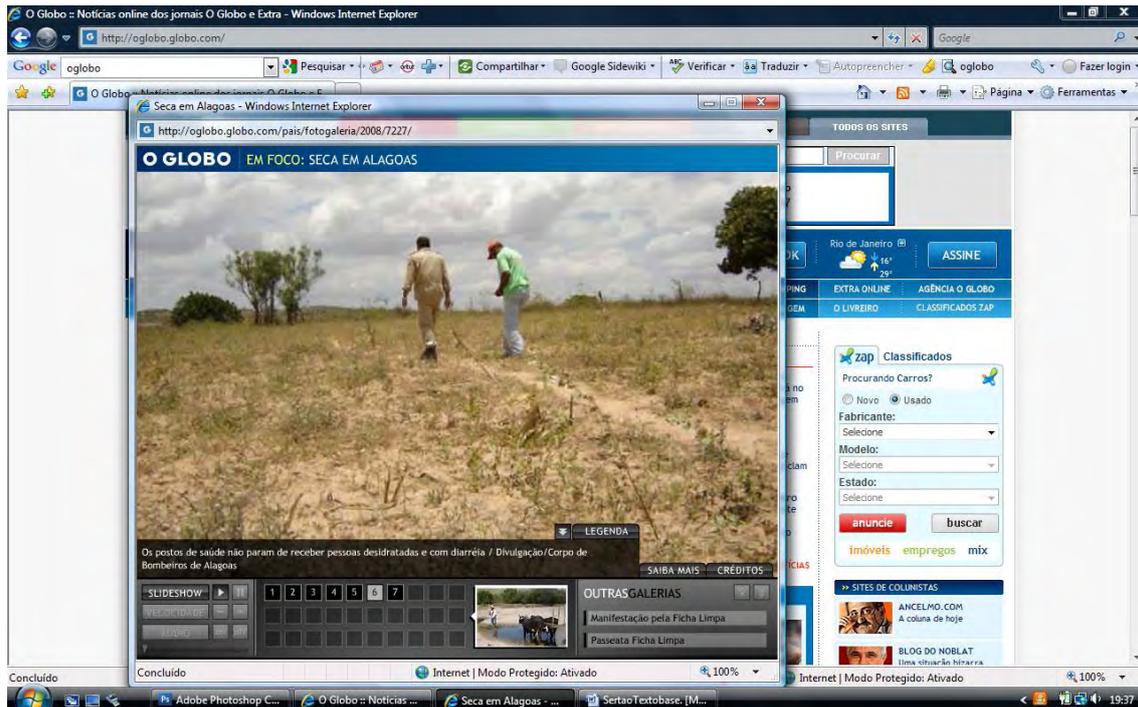


FIGURA 50: é uma reprodução da imagem na internet da galeria Seca em Alagoas do jornal O Globo . Imagem de Divulgação/ Corpo de Bombeiros de Alagoas, onde aparece um bombeiro e um homem conversando em uma área de terra e vegetação secas.

Esta imagem vem acompanhada de uma frase que diz que : “Os postos de saúde não param de receber pessoas desidratadas e com diarreia”. O estranho é o fato da imagem anterior ter vindo acompanhada da frase que dizia que os postos estavam fechados e nesta aparecer que estão chegando nos postos pessoas doentes, o que significa que nem todos os postos estão fechados. Esta imagem parece ser um local desabitado, praticamente sem vegetação, sem indicativos da presença de tecnologia, sem ruas, casas ou outros elementos que indiquem qualquer tipo de desenvolvimento, parece um local desabitado, a não ser pelo homem que aparece junto a um representante do corpo de bombeiros conversando.

Assim como a imagem anterior, esta fotografia traz elementos como terra seca e escassa vegetação, trazendo o que Dubbois (1993) chama atestação; ou seja a fotografia neste caso assume a característica de evidência ou testemunha, assim ela certifica, ratifica e autentica.

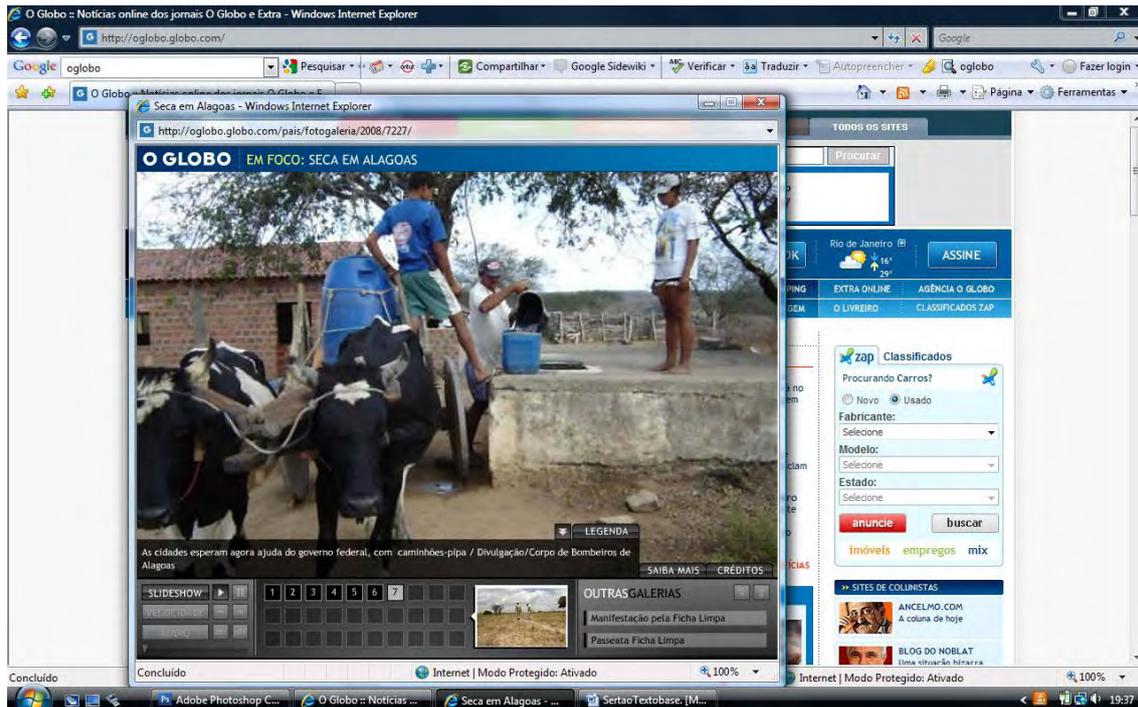


FIGURA 51: reprodução da imagem na internet da galeria Seca em Alagoas do jornal O Globo . Imagem de Divulgação/ Corpo de Bombeiros de Alagoas, onde aparece três pessoas tirando água de uma cisterna e enchendo baldes para serem transportados em carros de boi.

Por fim, a última imagem que aparece nessa galeria diz o seguinte: “As cidades esperam agora ajuda do governo federal, com caminhões-pipa”. A foto mostra três pessoas pegando água de um poço, dois bois, árvores e uma casa. Não aparece o corpo de bombeiros, mas elementos que registram que a região é habitada, as pessoas não possuem aspectos que indiquem fraqueza, desidratação, desnutrição ou outros elementos que as legendas anteriores mostraram. O sistema de transporte é rudimentar, o chão demonstra que não se trata de uma rua, mas de um ambiente rural e observa-se que a região possui uma casa, os animais, o poço e as pessoas.

Esta galeria mostrada acima possui 07 imagens de um Sertão isolado, sem água, que sofre de seca e sem marcadores de cidades, ruas, produção agrícola, transporte coletivo, escolas ou hospitais. A ideia desta galeria é alertar para a seca no Sertão, são imagens feitas pelo corpo de bombeiros, não por equipe jornalística do O Globo, no entanto está colocado no site como informação para divulgar a situação do Sertão Alagoano. Não aparecem informações precisas de onde foram feitas essas imagens, somente há informação de que se trata do Sertão de Alagoas. As imagens são de 2008. Depois disso o site não publicou outras imagens correspondentes a essa região. O corpo de bombeiros mostra o Estado como tutor, assistencialista e observando a situação para ajudar em questões imediatas.

A seca no Sertão é um assunto que aparece inevitavelmente porque de fato existe e tem sido tema de ações políticas, de cobranças das populações e assim deve estar na pauta dos meios de comunicação de massa. No entanto rotular o Sertão com a seca é reforçar um sentido em detrimento de outro sentido, é fazer exatamente o que Moscovici diz ao conceituar objetivação: “Comparar é já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância”. (MOSCOVICI, 2009, p.72).

Nenhuma cultura, contudo, possui um instrumento único, exclusivo. E devido ao fato de que o nosso instrumento está relacionado com os objetos, ele nos encoraja a objetivar tudo que encontramos. Nós personificamos, indiscriminadamente, sentimentos, classes sociais, os grande poderes, e quando nós escrevemos, nós personificamos a cultura, pois é a própria linguagem que nos possibilita fazer isso. (MOSCOVICI, 2009, p.76).

As teorias do desenvolvimento local contemplam as mudanças que estão ocorrendo nas regiões e tem como preocupação a presença de equipamentos sociais como meios de comunicação, postos de saúde, hospitais, rodovias, escolas, universidades, inclusão digital, tecnologias aplicadas à agricultura e pecuária, associativismo e cooperativismo, atividades produtivas agrícolas e não agrícolas, capital social, novos modos de produção, igualdade de gênero, racial e geracional são alguns dos aspectos que foram ignorados nesta reportagem e mostram um Sertão alagoano reduzido a poucos elementos que se reduzem a seca. O corpo de bombeiro seria de fato uma instituição integrada ao desenvolvimento local se estivesse exercendo uma mediação para empoderar e consolidar as organizações e instituições locais (JARA, 2001).

Em sites oficiais de municípios e governo de Alagoas se encontram informações sobre obras estruturais na região como o Canal do Sertão e nova adutora. Considerada pelo Ministério da Integração Nacional, a principal obra de recursos hídricos em Alagoas, o Canal do Sertão é o carro-chefe das ações estaduais de infra-instrutora na região.

De acordo com falas oficiais de secretarias governamentais:

quando estiver concluído, o Canal do Sertão se estenderá por 250 quilômetros, passando por 42 municípios e atendendo a cerca de um milhão de alagoanos, que sofrem anualmente com a seca. Até agora, a obra já empregou cerca de 900 trabalhadores, a maioria sertanejos. Além do Canal, está em construção a adutora do Médio Sertão, que deve atender aos municípios de Piranhas, São José da Tapera, Senador Rui Palmeira, Carneiros, Maravilha e Ouro Branco. Orçada inicialmente em R\$ 180 milhões, a adutora está em fase de projeto e deve ser iniciada em 2011. Além da adutora, o município de Piranhas também deve receber outra obra para ampliação da rede de abastecimento de água, prevista para ser iniciada ainda em 2010 (SERTÃO24HORAS, 2010)

Mesmo a seca sendo um assunto necessário de ser discutido pela opinião pública, vale a pena salientar outros aspectos do Sertão alagoano como é o caso da Universidade Federal de Alagoas que possui campus no Sertão com oito cursos: Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Pedagogia, Letras (Português), Licenciatura em História e Geografia, ofertados em Delmiro Gouveia. Os cursos de Ciências Econômicas e Ciências Contábeis funcionarão em Santana do Ipanema. Ao todo, são ofertadas 560 vagas, nos turnos diurno e noturno (UFAL, 2010).

Outra informação interessante é o fato de que alguns municípios do Sertão de Alagoas estão incluídos no Programa de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (Pais), vinculado ao Programa Alagoas Mais Alimentos para a produção de alimento saudável, sem uso de agrotóxicos, com o objetivo de garantir a segurança alimentar das famílias e também a comercialização (GOVERNO DE ALAGOAS, 2010)

A Teoria das Representações sociais diz que “categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele”. (MOSCOVICI, 2009, p.63). Nesta galeria se observa que a seca e o Sertão são realimentados como elementos que se complementam e a seca se transforma em categoria explicativa do Sertão.

4.3. QUINTA-FEIRA SANTA PELO MUNDO

A seguinte galeria que aparece intitula-se “Quinta-feira Santa pelo mundo” e nela aparecem 11 imagens, 8 das quais são da agência de notícias internacional Reuters, na qual aparece o Papa Bento XVI celebrando a data no Vaticano. Depois estão expostas duas imagens em Juazeiro no Sertão da Bahia da Agência *A Tarde*. Em ambas as pessoas fazem um ritual carregando uma cruz e vestidas de Lençóis brancos. E a última foto é um espetáculo na cidade de Goiás, foto do jornal *O Popular*. Dessa galeria se analisa, conforme estabelecido na metodologia e na definição do corpus, as duas imagens feitas no Sertão da Bahia.

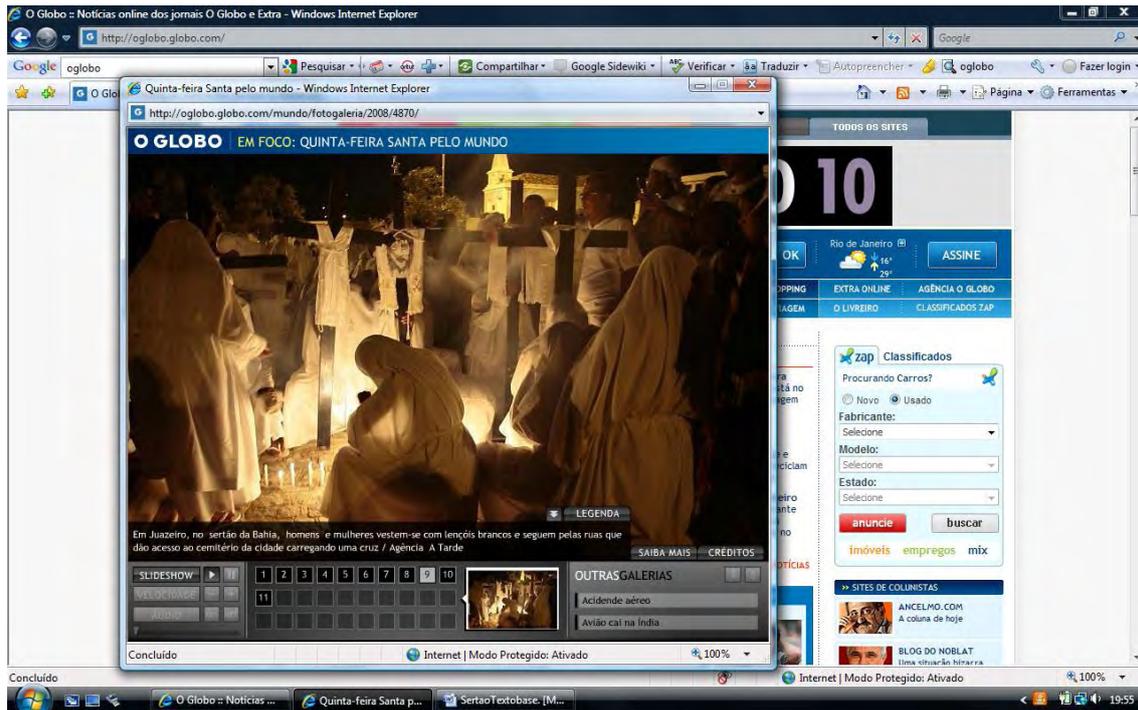


FIGURA 52: fotografia no Sertão da Bahia, onde homens e mulheres vestem-se com lençóis brancos e seguem pelas ruas que dão acesso ao cemitério da cidade carregando uma cruz/ Agência A Tarde disponível na galeria de imagens do jornal O Globo.

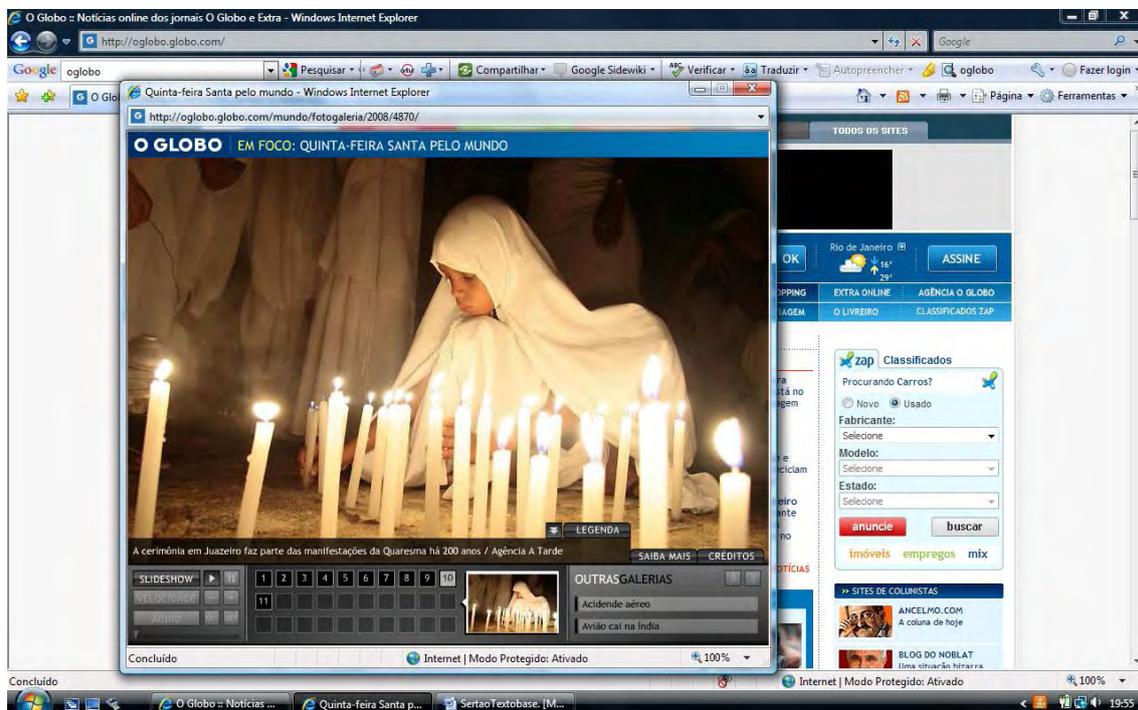


FIGURA 53: fotografia no Sertão da Bahia, onde aparece uma criança vestida com lençol branco e rodeado de velas . Imagem da Agência A Tarde disponível na galeria de imagens do jornal O Globo.

O texto que acompanha a primeira foto diz o seguinte: “Em Juazeiro, no Sertão da Bahia, homens e mulheres vestem-se com lençóis brancos e seguem pelas ruas que dão acesso ao cemitério da cidade carregando uma cruz/ Agência A Tarde”.; a segunda legenda diz que : “A cerimônia em Juazeiro faz parte das manifestações da Quaresma há 200 anos/Agência A Tarde”. Diferentemente de todas as outras imagens analisadas anteriormente, estas fotografias são noturnas, com pouca luz, sem dar nenhuma informação sobre elementos vegetativos ou qualquer relação no texto ou na imagem no que diz respeito à seca. No entanto, estas duas fotografias mostram outros aspectos arquetípicos do sertanejo que é a tradição e a religiosidade. Uma religiosidade vista como forma de resistência às condições impostas pela aridez do meio. Imagem disseminada em *Os Sertões* onde Euclides da Cunha diz que no Sertão existe uma insurreição da terra contra o homem e, para enfrentar esta batalha, Cunha (1901) diz que “A princípio este reza, olhos postos na altura. O seu primeiro amparo é a fé religiosa. Sobreçando os santos milagreiros, cruzeiros alçadas, andores erguidos, bandeiras do Divino ruflando” (CUNHA, 1901, p.134).

Ao se referir ao povo que segue as procissões, Euclides da Cunha os descreve como velhos combalidos e enfermos claudicantes, que carregam aos ombros e à cabeça as pedras dos caminhos, mudando os santos de uns para outros lugares. “Ecoam largos dias, monótonas, pelos ermos, por onde passam as lentas procissões propiciatórias, as ladainhas tristes. Rebrilham longas noites nas chapadas, pervagantes, as velas dos penitentes... “(CUNHA, 1901, p.134). A frase mais impactante é a que diz que mesmo com tanta reza e procissão os céus continuam sem chuvas e o sol fulmina a terra, a frase é a seguinte: “Mas os céus persistem sinistramente claros; o sol fulmina a terra; progride o espasmo assombrador da seca”. (CUNHA, 1901, p.134). Este trecho citado de *Os Sertões* mostra de onde vem a representação, a formação coletiva do imaginário do que é o Sertão brasileiro.

4.4. EU-REPORTER: SEMI-ÁRIDO

A seguinte galeria a ser analisada chama-se: Eu-Repórter. Com o título: Semi-árido. aparecem três fotografias enviadas pelo leitor Lucio Flavio Ferreira Moreira. Elas foram feitas na Estação Ecológica do Seridó, na Serra Negra do Norte (RN). O texto legenda, que acompanha as três imagens, diz seguinte na primeira fotografia: “A beleza do semi-árido nordestino explode em luz”. Na segunda foto: “O Leitor Lucio Flavio Ferreira Moreira enviou estas fotografias. Elas foram feitas na Estação Ecológica do Seridó, na Serra Negra do Norte (RN)”. Na terceira imagem: “ O Sertão está sempre se renovando, diz o leitor”.

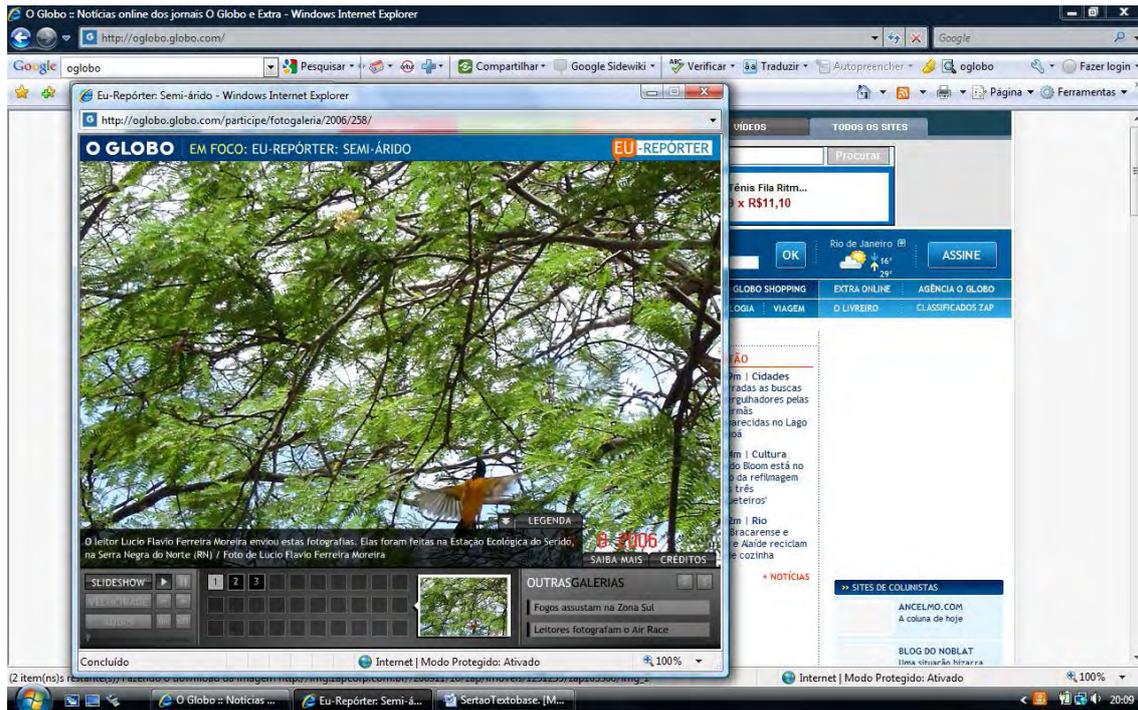


FIGURA 54: fotografia do leitor Lúcio Flávio Ferreira Moreira, disponível na galeria de imagens do jornal O Globo. A imagem mostra a Estação Ecológica do Seridó, na Serra Negra do Norte (RN).

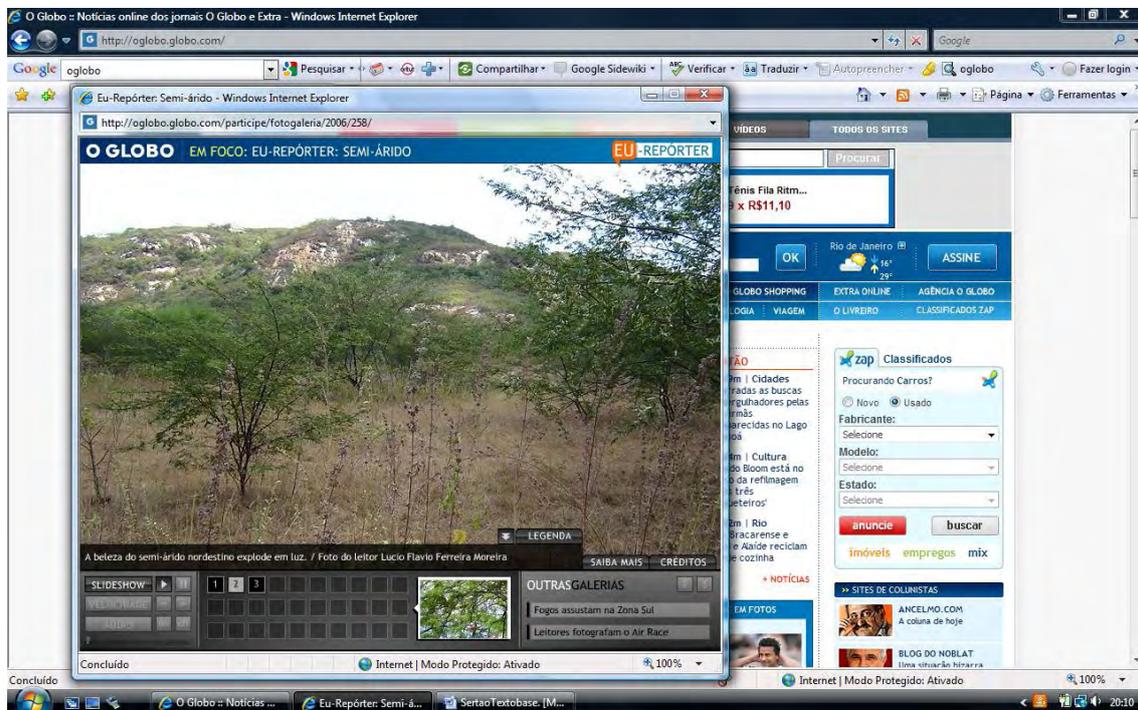


FIGURA 55: fotografia do leitor Lúcio Flávio Ferreira Moreira, disponível na galeria de imagens do jornal O Globo. A imagem mostra a Estação Ecológica do Seridó, na Serra Negra do Norte (RN).

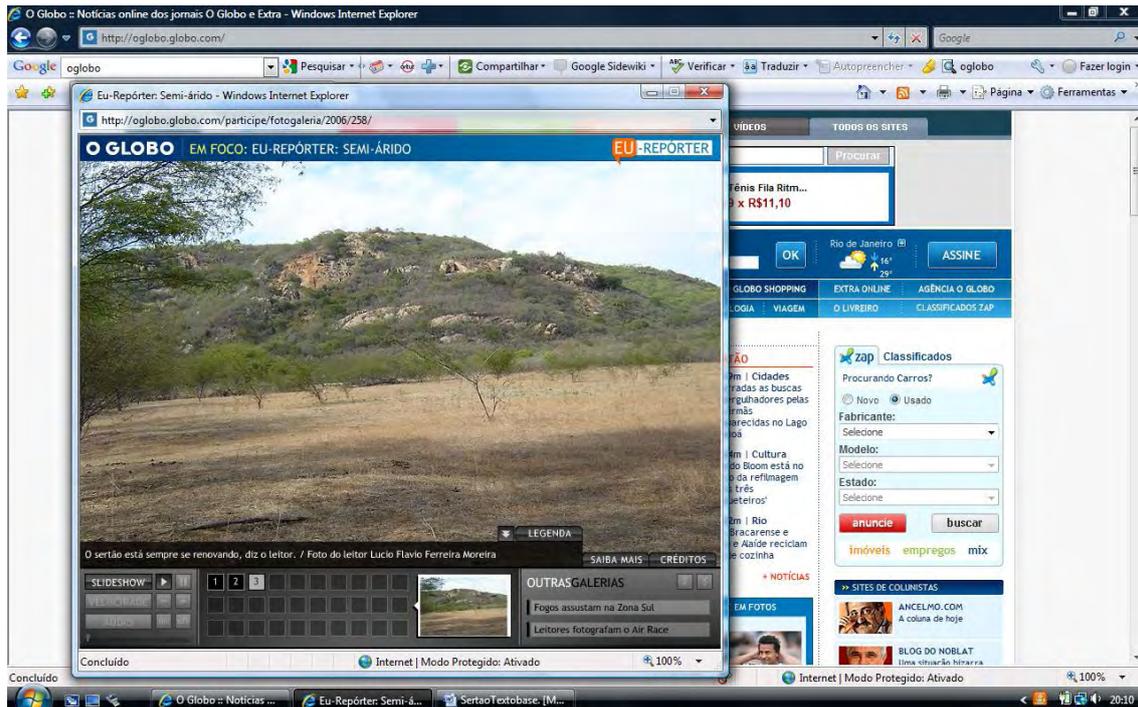


FIGURA 56: fotografia do leitor Lúcio Flávio Ferreira Moreira, disponível na galeria de imagens do jornal O Globo. A imagem mostra a Estação Ecológica do Seridó, na Serra Negra do Norte (RN).

Além do que aparece nas imagens e na legenda, vale a pena explicar que a Estação Ecológica do Seridó foi criada para preservar o ecossistema da Caatinga, apresentando como peculiaridade a semi-aridez do clima e a vegetação típica do Sertão nordestino. Está localizada no sudoeste do estado do Rio Grande do Norte, no município de Serra Negra do Norte.

Segundo informações oficiais do IBAMA:

A região do Seridó é a mais seca de todas as regiões do semi-árido. O Seridó apresenta um tipo peculiar de caatinga, seca e esparsa, com arbustos e árvores de até 2 m de altura isolados. O estrato mais baixo é formado por pereira, faveleira e catingueira, enquanto o estrato mais alto apresenta raras umburanas. Devido à aridez da região a fauna é pobre em espécies e em quantidade, tendo os insetos como grupo de maior representatividade. Alguns mamíferos como: raposa, gato-maracajá, tatus, cotias, mocós e preás, habitam esta região. Para as aves, foram observadas até o momento 57 espécies. A caça ilegal ainda é um dos principais problemas que ameaça a fauna da unidade. A invasão de animais na unidade é outro problema enfrentado. Embora a Estação esteja toda cercada, ainda existe evasão esporádica do gado das fazendas vizinhas para alimentarem-se na unidade, trazendo danos para o ecossistema local (AMBIENTEBRASIL, 2010)

O interessante desta galeria é o leitor, que não se sabe quem é exatamente. Não há certeza se ele é da região que retrata, se é um turista de fora e que fotografou essa área ao visitá-la ou até mesmo se é uma pessoa que nasceu nessa localidade, saiu e retornou a ela e assim conta a experiência que teve. As imagens são de natureza. A primeira fotografia apresenta vegetação verde e um passarinho em movimento. A segunda imagem mostra uma

terra seca, sem grama no chão, sem estradas, animais ou indícios de desenvolvimento local, tecnologia ou pessoas habitando a região. No entanto é importante a contribuição das legendas dessas imagens que dizem ser fotografias de um parque de preservação ecológica, o que seria um indício de preocupação com o desenvolvimento local, pela preocupação com a preservação das espécies animais e vegetais da região, evidenciando que se trata de uma região com consciência ambiental. Ao falar especificamente das imagens, mostra os arquétipos da região de local bucólico, isolado, vegetação sofrida e região sem habitação, casas, estradas ou formas de comunicação com outros locais, que de fato não existem pela proposta do parque de ser isolado para preservação ambiental.

Nas galerias mostradas até agora foi possível observar a intenção de colocar a fotografia como uma prova da realidade que se pretende passar. Parece que muitas vezes o foto-jornalismo e os meios de comunicação trazem para si essa qualidade de atestação da realidade.

Mesmo a fotografia sempre trazendo consigo seu referente (BARTHES, 1984), é importante lembrar que os primeiros discursos sobre a imagem, no século XIX, que a colocavam como espelho do real e imitação mais perfeita da realidade são hoje questionados por diversos autores. Dubbois (1993) diz que a foto é eminentemente codificada (sob todos os pontos de vista técnico, cultural, sociológico, estético etc) e que:

Por sua gênese automática, a fotografia testemunha irredutivelmente a existência do referente, mas isso não implica a priori que ela se pareça com ele. O peso do real que a caracteriza vem do fato de ela ser um traço, não de ser mímese.(DUBBOIS, 1993, P.35)

O texto das legendas por sua vez são capazes, em alguns casos, de “insuflar-lhe” um ou vários segundos significados (BARTHES, 2009, p.21). Pesavento (2008 p. 104) afirma que “as imagens, como representação, partilham dessa condição de ambivalência, de ser e não ser a coisa representada” o que mostra que a fotografia apresenta e se coloca para a sociedade com intenções, no caso da fotografia de imprensa com intenções informativas do autor da imagem, do jornal que publica, do editor que edita e legenda; além do momento histórico em que é produzida e publicada e por fim e não menos importante da relação que essa imagem vai estabelecer com outras imagens e informações do leitor e receptor da foto.

4.5. SECA NO NORDESTE

Esta galeria foi incluída no corpus de análise depois, foi publicada no site em 03 de setembro de 2010 e mesmo não tendo sido considerada anteriormente no levantamento de dados, ela possui imagens marcantes e ilustram uma realidade atual e que aparentemente serviu para a disputa política, porque foi postada um mês antes das eleições presidenciais.

Esta galeria que retrata o sofrimento das populações do Nordeste ainda com a seca foi feita para ser publicada um mês antes das eleições presidenciais, o que mostra motivações políticas do jornal *O Globo*.

A materialização de uma abstração, como diz Moscovici (2009) é uma característica misteriosa do pensamento e da fala. Nesta galeria, a seca é materializada em imagens arquetípicas da seca: caveira, carroça, terra batida, sol quente, plantação seca e carros pipa como única alternativa.

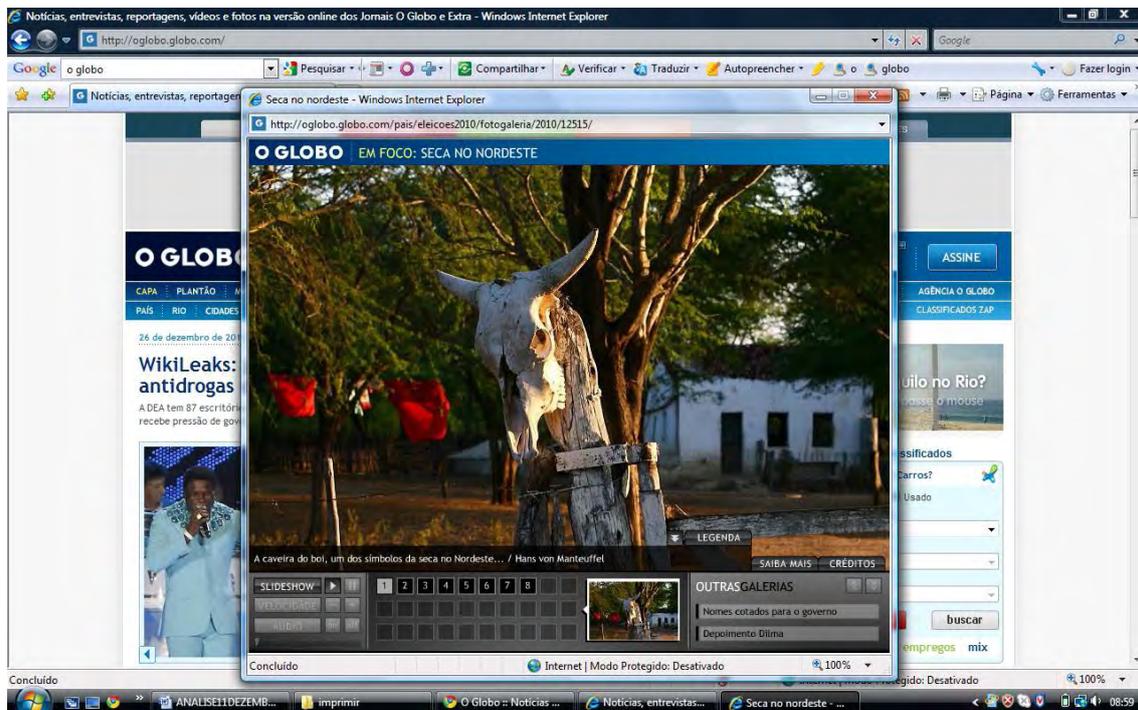


FIGURA 57: ilustra a caveira de um animal em uma cerca. A imagem é de 03 de setembro de 2010 e foi feita pelo fotógrafo Hans Von Manteuffe pertencente à galeria do jornal O Globo

A primeira imagem possui a seguinte legenda: “A caveira do boi, um dos símbolos da seca no Nordeste/ Hans Von Manteuffel”. Talvez não exista imagem mais arquetípica da seca no Sertão do que a caveira, ou a ossada de um animal, é uma comparação direta com a morte.

Esta imagem da caveira extrapola as expectativas de quando foram elaboradas as hipóteses deste projeto de pesquisa, o imaginário da caveira e sua simbologia tem uma força dentro da sociedade como uma explicação do Sertão Barthes afirmou que “o homem adora os signos e adora-os de preferência claros” (BARTHES, 2009, p.24).

O sol de fim de tarde ilumina tudo e aquece a imagem com seus tons amarelados. Mesmo existindo uma casa ao fundo, parece que a região foi abandonada, pelo menos o local onde a imagem foi feita. Mesmo a vegetação estando verde, a ideia principal dessa fotografia é a caveira em primeiro plano, ela se torna o principal elemento ao qual todos os outros ficam subjugados. A legenda reforça a caveira como símbolo da seca no Nordeste.

No que se refere ao conceito de imagem, Moscovici (2009) diz que se as imagens possuem uma realidade encontrada para elas, seja qual for. Assim como a realidade existente é inegável, a caveira existe de fato e essa é a questão principal do poder da imagem de trazer uma realidade para si, de nos esquecermos dos seus aspectos de convenção e, por que não, de manipulação, o recorte escolhido, o horário da imagem, o ângulo, enquadramento parecem ser elementos da linguagem fotográfica que ficaram para trás. A realidade foi criada imageticamente com elementos disponíveis e existentes naquela localidade, mas com um propósito de explicação da seca no Nordeste, as imagens se tornaram essenciais para a comunicação e para a compreensão social que era interessante nesse momento.

Interessante como as Representações Sociais obrigam comportamentos, como diz Moscovici dar nome a uma pessoa ou coisa é precipitá-la (como uma solução química é precipitada). O autor explica que uma vez nomeada, a pessoa ou coisa pode ser descrita e adquire certas características, tendências etc.[...] a pessoa ou coisa torna-se o objeto de uma convenção entre os que adotam e partilham a mesma convenção. (MOSCOVICI, 2009, p.67). Nesta imagem isto é bem claro, os moradores colocaram esta caveira de animal na cerca de sua casa, o sertanejo, neste caso, adquiriu o formato de identificação que os demais esperam dele. A partir disso: “os que falam e os de quem se fala são forçados a entrar em uma matriz de identidade que eles não escolheram e sobre a qual eles não possuem controle”. (MOSCOVICI, 2009, p.68).

Considerando o que diz Aumont (1995) que o espectador também constrói a imagem emocional e cognitivamente pode-se dizer que essas informações imagéticas irão chegar ao leitor e conversar com seu arquivo de memória, que “varia em extensão e qualidade de acordo com os referenciais de tempo e espaço, importando em experiência de vida, formação profissional, universo cultural, geração, territorialidade, etc. (PESAVENTO, 2008, p. 101) como foi dito no primeiro capítulo.

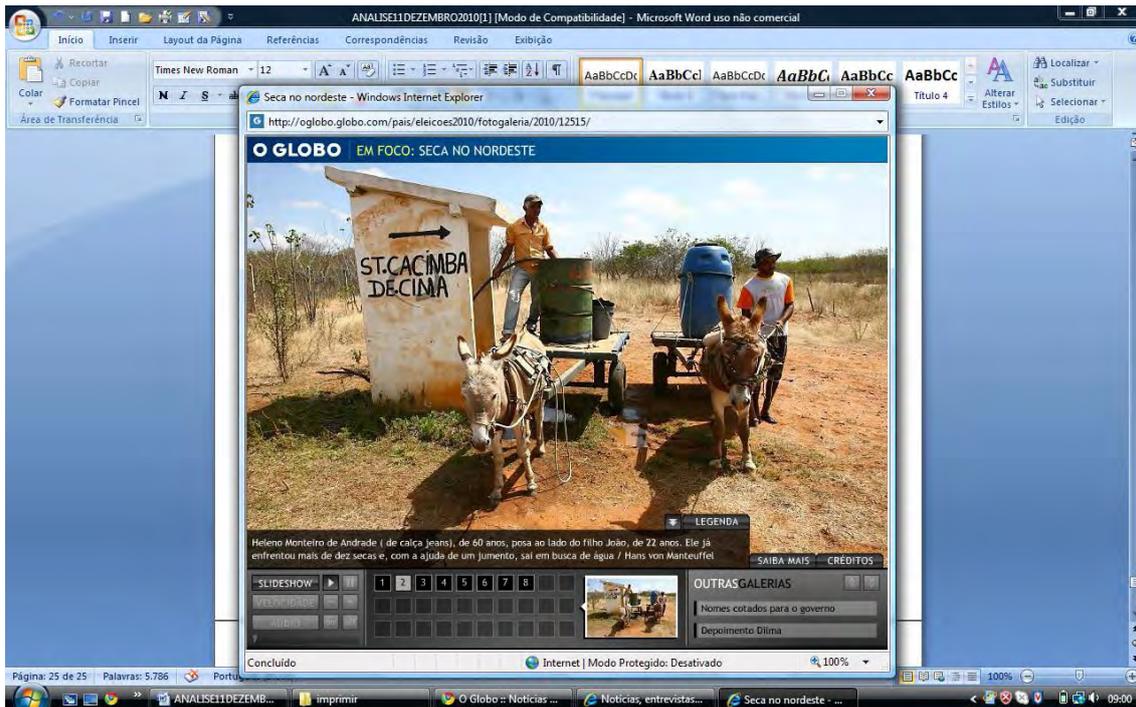


FIGURA 58: data no site do O Globo de 03 de setembro de 2010 e é de autoria de Hans Von Manteuffel. A imagem mostra duas pessoas pegando água em uma região árida e enchendo tonéis para serem transportados em carroças.

A segunda imagem apresenta duas pessoas enchendo cacimbas de água, a frase que acompanha diz o seguinte: “Helena Monteiro de Andrade (de calça jeans), de 60 anos, posa ao lado do filho João, de 22 anos. Ele já enfrentou mais de dez secas, com a ajuda de um jumento, sai em busca de água / Hans Von Manteuffel”. O chão é de terra batida e reflete um sol provavelmente de meio dia pelo que se pode perceber as sombras bem abaixo das pessoas e objetos. A hora mais quente do dia o que deixa a luz forte e dura e o chão aceso, os dois utilizam jumentos e carroças como meios de transporte, a vegetação é seca e o céu azul que possui nuvens espaciais ao fundo.

Essa imagem registra a falta de água com todos os elementos, o chão está seco, a vegetação está seca, a hora do sol mostra que está quente e as pessoas estão precisando de água. Na legenda aparece que a localidade já enfrentou mais de dez secas. O texto evidencia a seca no Nordeste, título da galeria de imagens. Aumont (1995) explica que além de sua relação mimética mais ou menos acentuada com o real, a imagem veicula, de forma codificada, o saber sobre o real; idéia que conversa com o que Dubbois () diz sobre a existência de uma convenção no que se refere à realidade. O olhar pode ser direcionado por meio do recorte do enquadramento, o horário do registro, o local escolhido para ser fotografado são elementos que atuam sobre esse suposto real.

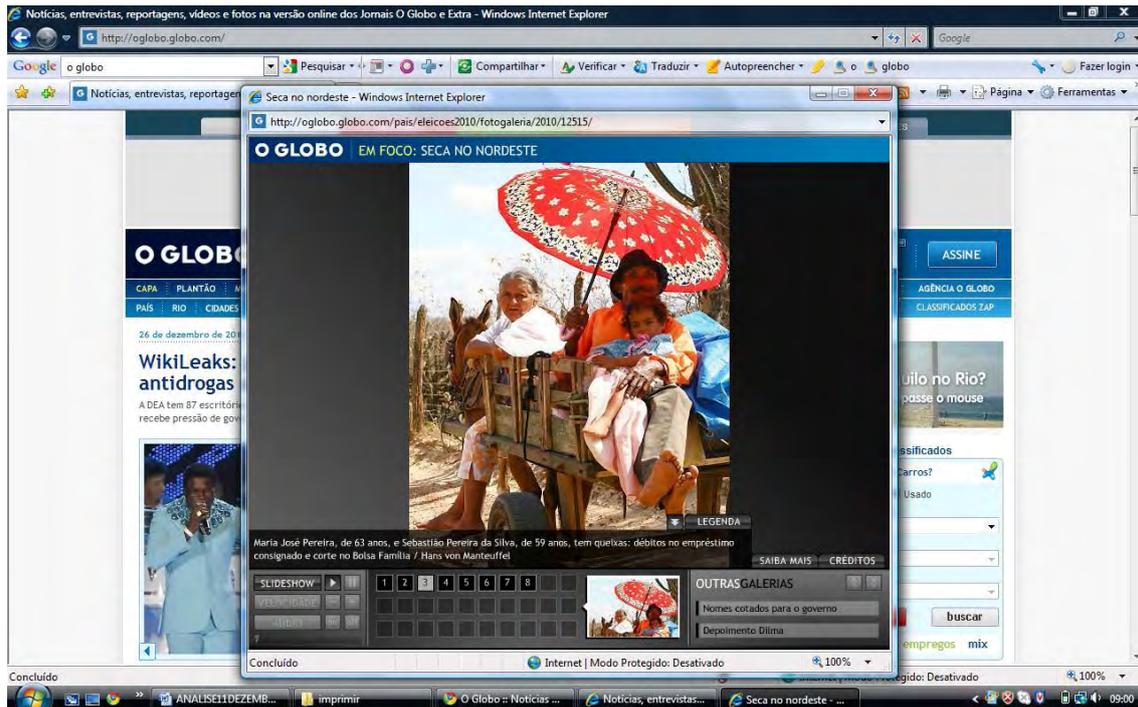


FIGURA 59: data no site do O Globo de 03 de setembro de 2010 e é de autoria de Hans Von Manteuffel. A imagem mostra uma família se locomovendo em uma carroça levada por um cavalo.

A legenda diz: “Maria José Pereira, de 63 anos, e Sebastião Pereira da Silva de 59 anos, tem queixas: débitos no empréstimo consignado e corte no Bolsa Família / Hans Von Manteuffel”. Esta imagem faz parte da galeria seca no Nordeste, não mostra exatamente imagens de seca, mas registra uma família humilde, sendo transportada por uma carroça, tudo indica que a seca os deixou endividados. Não existem muitas explicações, somente informações soltas. O corte do Bolsa Família é um dado de crítica política, pois a candidata ao governo Dilma Houssef faz parte do grupo do PT que com o presidente Lula teve como elemento principal de sua gestão o auxílio econômico aos mais pobres por meio de uma bolsa família, que é fornecido às famílias com crianças. O valor da bolsa varia entre R\$ 62,00 e R\$200.

O leitor da imagem observa a vegetação seca, a charrete, a sombrinha que protege da queimadura do sol e esses dados visuais serão somados à informação de “corte do bolsa família”, essas informações trazem uma realidade para a imagem considerando que os pontos que são fixados no momento da percepção da foto serão somados aos dados da legenda. Aumont (1995) explica que os pontos que fixam o olhar estão vinculados à atenção e à informação.

Como o exemplo de uma colina trazida no texto, onde essa busca será feita de diferente ritmo com pontos de fixação também diferentes por um geólogo e um agricultor, mesmo os dois estando diante de uma mesma imagem (AUMONT, 1995, P.60).



FIGURA 60: data no site do O Globo de 03 de setembro de 2010 e é de autoria de Hans Von Manteuffel. A imagem mostra uma mulher grávida, rodeada de crianças enchendo um balde com água.

Esta legenda faz novamente alusão à bolsa família: “Com 7 filhos, sem Bolsa Família, sem cisterna e só com depósitos para guardar água, Maria do socorro Pereira, de 35 anos, diz que os filhos vivem doentes / Hans Von Manteuffel”. A imagem mostra crianças, uma mulher grávida, cerca rudimentar, chão batido e um balde derramando bem pouquinha água. Na legenda a reclamação de que a falta de água traz doenças e dá a entender a omissão dos poderes públicos.

Barthes (2009) diz que:

o texto sobrecarrega a imagem, confere-lhe uma cultura, uma moral, uma imaginação; antigamente, havia redução do texto à imagem, hoje há amplificação da imagem ao texto: a conotação já não é vivida senão como a ressonância natural da denotação fundamental constituída pela analogia fotográfica; estamos, pois, perante um processo caracterizado de naturalização do cultural. (BARTHES, 2009, p.21)

A imagem mostra crianças, uma delas sorrindo em primeiro plano, pode ser que alguma esteja doente, a foto não mostra, o depósito onde ela guarda água para tanta gente é pequeno, o texto diz que não existe cisterna e diz também que falta Bolsa Família, vários dados da legenda não estão aparecendo na fotografia. A água é um elemento presente para que a linha da reportagem que fala sobre Seca no Nordeste não perca o foco, e o fio de água que cai no balde indica escassez, a legenda deixa de trazer informação sobre a realidade da família mostrada. Uma diferença das outras imagens é que neste caso o isolamento não geográfico de uma casa perdida no meio do nada não aparece, a cerca mostrando uma vizinha na casa ao lado indica que se trata de uma região habitada por pessoas e não somente região de cactos.

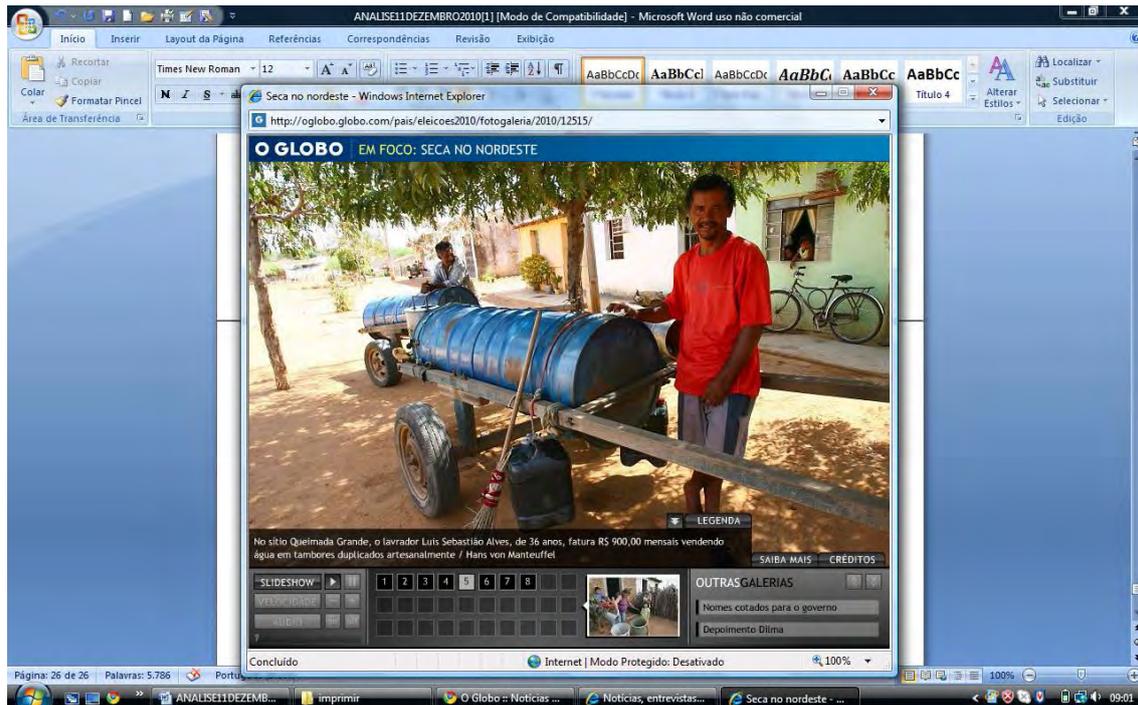


FIGURA 61: data no site do O Globo de 03 de setembro de 2010 e é de autoria de Hans Von Manteuffel. A imagem mostra dois homens que comercializam água em tonéis.

Uma imagem que mostra um homem carregando um tonel pequeno de água e feliz por que a seca dá a ele emprego. A legenda diz: “No sítio Queimada Grande, o lavrador Luis Sebastião Alves, de 36 anos, fatura R\$ 900,00 mensais vendendo água em tambores duplicados artesanalmente / Hans Von Manteuffel”. Nessa imagem aparece a idéia de cidade, é possível ver três casas, uma bicicleta, outro homem com tonel, parece uma região mais habitada, não se sabe exatamente de que local se trata.



FIGURA 62: data no site do O Globo de 03 de setembro de 2010 e é de autoria de Hans Von Manteuffel. A imagem mostra um homem em meio a uma plantação seca.

A imagem identifica em primeiro plano uma plantação bem seca, uma casa ao fundo, céu azul e a legenda mostra que mesmo que a vida tenha melhorado, as perdas foram iguais a outras secas.

A legenda diz: “José Vlaney dos Santos, de 36 anos, no sítio Tanque. Ele diz que a vida dos sogros é melhor do que em 1998, mas as perdas de lavoura foram as mesmas da última grande seca / Hans Von Manteuffel”. A imagem arquetípica da seca é vista nas plantas secas e mortas, o meio de transporte que indica falta de transporte, o único elemento de desenvolvimento na localidade é um poste que indica que existe iluminação elétrica na localidade.

A imagem fotográfica possui como uma característica importante o recorte, a possibilidade de deixar de mostrar uma série de informações, o fotógrafo escolhe dentre os objetos e pessoas da cena o que vai ser mostrado e registrado e o que será excluído da sua fotografia. Para Barthes, “a leitura da fotografia depende do ‘saber’ do leitor” (BARTHES, 2009, p.23); pode-se dizer então que alguns elementos externos que também fazem parte dessa região e decidiram não ser mostrados na imagem, somente serão conhecidos por leitores que tenham informações extra sobre o Sertão. O texto fala também em “perda de lavoura” + “grande seca”. Neste caso é possível compreender Barthes quando diz que “a legenda, pela sua própria disposição, pela sua medida de leitura, parece duplicar a imagem, isto é, participar na sua denotação”. (BARTHES, 2009, p.22). A galeria fala de Nordeste e a imagem mostra sofrimento, tristeza e relaciona às grandes secas que permeiam o imaginário do leitor e lembra dos quadros de Portinari, por exemplo, mostrados no capítulo anterior.

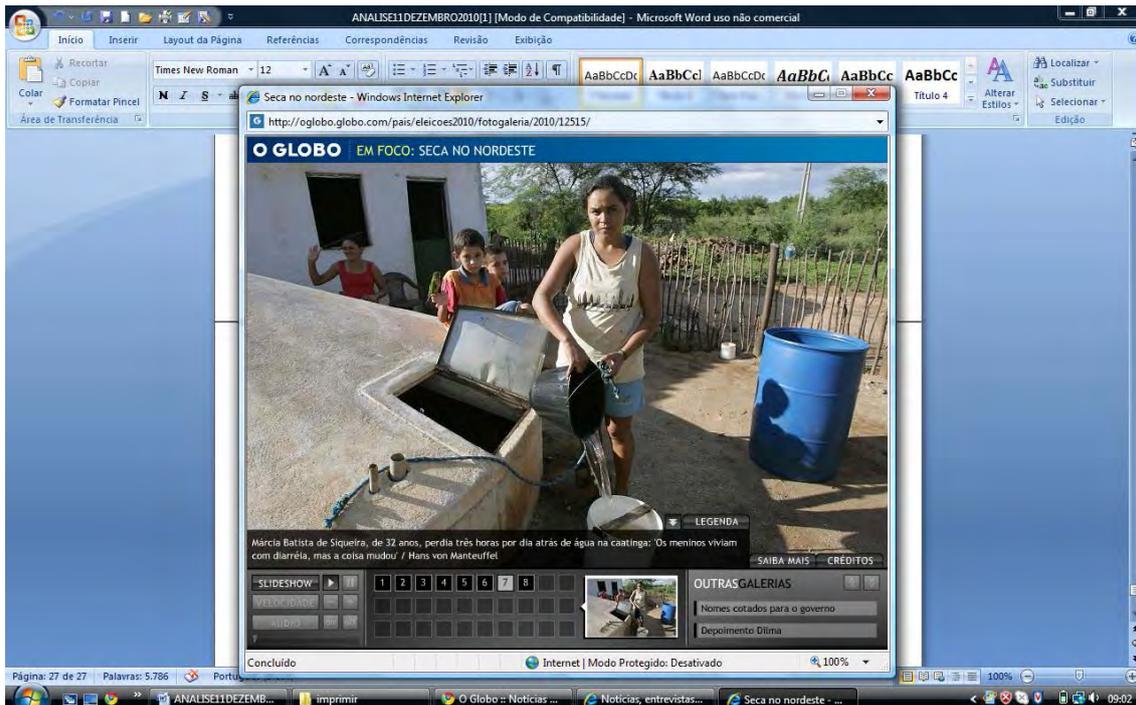


FIGURA 63: data no site do O Globo de 03 de setembro de 2010 e é de autoria de Hans Von Manteuffel. A imagem mostra uma mulher tirando água de uma cisterna.

Finalmente uma legenda que indica uma história de que está melhor: “Márcia Batista de Siqueira, de 32 anos, perdia três horas por dia atrás de água na caatinga: os meninos viviam com diarreia, mas a coisa mudou / Hans Von Manteuffel”. Na imagem registra uma caixa de água e a dona da casa e personagem da matéria derramando água que tirou em abundância. Mostra que se trata de um sítio, e de um local com água suficiente que tem proporcionado saúde para as pessoas. Mostra saneamento básico, água, higiene, segurança alimentar, qualidade de vidas, indicativos de um possível desenvolvimento local.

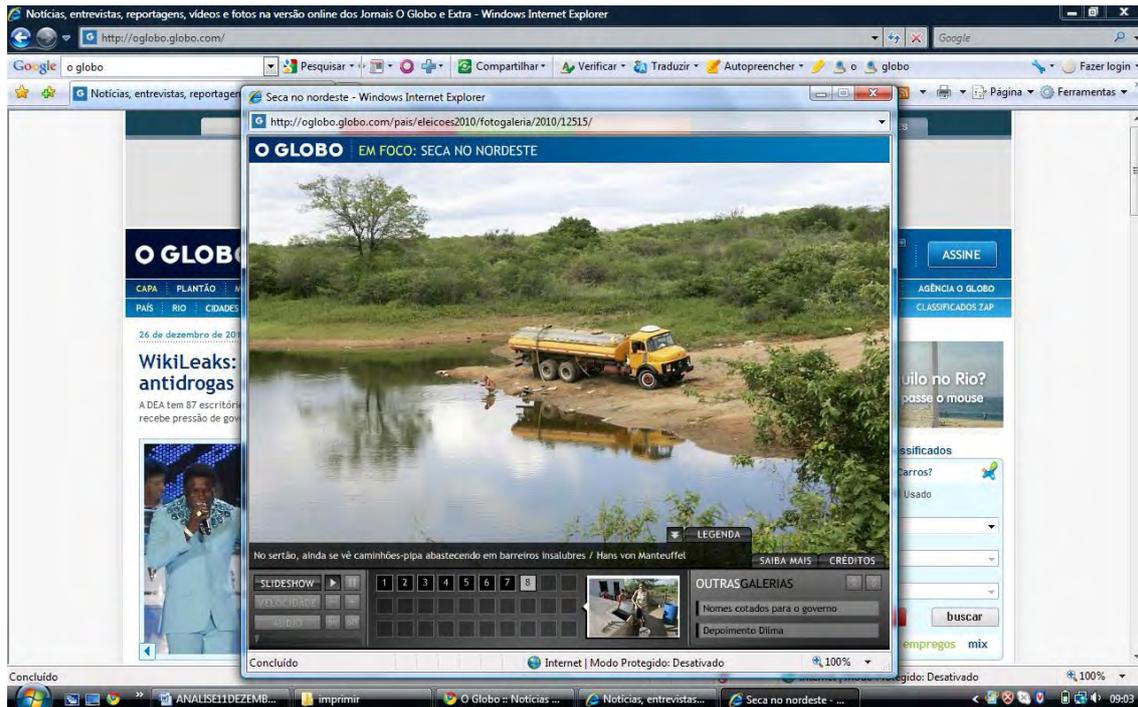


FIGURA 64: data no site do O Globo de 03 de setembro de 2010 e é de autoria de Hans Von Manteuffel. A imagem mostra um caminhão pipa próximo a um rio.

A última imagem desta galeria diz o seguinte: “No Sertão, ainda se vê caminhões-pipa abastecendo em barreiros insalubres / Hans Von Manteuffel”. Na imagem de uma região com água e um caminhão pipa próximo, a legenda indica que a água é insalubre. O que mostra poderes públicos ausentes, falta de fiscalização, assim como necessidade ainda existente em muitas cidades de saneamento básico o que afeta diretamente à higiene básica e saúde. A legenda neste caso é o elemento da linguagem que trouxe informações tais como “Sertão” + “ainda”+ “insalubre”. Barthes(2009) ao falar de texto e imagem diz que:

Em primeiro lugar, esta: o texto constitui uma mensagem parasita, destinada a conotar a imagem, isto é, a “insuflar-lhe” um ou vários segundos significados. Por outras palavras, e é uma inversão histórica importante, a imagem já não ilustra a palavra; é a palavra que, estruturalmente, é parasita da imagem. (BARTHES, 2009, p.21)

Neste caso algumas informações não são possíveis de saber somente olhando atentamente a foto, mas a legenda direciona o olhar, coloca uma informação aos olhos e fazem com que se complete a informação com o que está para além dela e que passa a fazer parte a partir dos dados do texto.

Moscovici diz que “um enorme estoque de palavras, que se referem a objetos específicos, está em circulação em toda sociedade e nós estamos sob constante pressão para provê-los com sentidos concretos equivalentes” (MOSCOVICI, 2009, p.72).

5. CONCLUSÃO

Esta pesquisa objetivou analisar as representações sociais que a imprensa de circulação nacional faz dos sertões do Nordeste nas reportagens de alcance nacional e assim identificar os símbolos que fazem parte do imaginário e do discurso jornalístico que mostram o Sertão ao resto do país.

Por meio do estudo das representações sociais, da imagem fotográfica e do desenvolvimento local observou-se como o jornal O Globo e a Agência Globo mostram o Sertão do Nordeste do Brasil em fotogalerias no seu site de informação.

Encontraram-se imagens arquetípicas da vegetação do Sertão tais como cactos, folhas secas e nenhuma menção à agricultura extensiva ou familiar. Inicialmente não aparece qualquer tipo de flores ou frutos, somente aspectos de uma região seca. Destacou-se, entre as imagens arquetípicas do Sertão, a ossada de um animal morto na cerca de uma casa, associando a região à seca e, sobretudo, à morte.

Chama atenção o reducionismo temático nas imagens fotográficas, como se fosse possível tal uniformidade na identificação de uma região tão múltipla como é o Sertão do Nordeste. Identificou-se que o céu das galerias fotográficas é predominantemente azul e sem nuvens. O sol, que quando aparece em destaque é quente, amarelo e indicando calor intenso. As únicas duas imagens que se diferenciam deste aspecto de forte temperatura mostram uma situação inusitada de chuvas, evidenciadas como um acontecimento tão esporádico que a notícia é dada como uma exclusiva do jornal *O Globo*, sobrecarregando um sentido à imagem, como disse Barthes (2009), conferindo uma cultura, uma moral, uma imaginação que indicam que é impossível chover no Sertão.

A água, que aparece como tema relacionado diretamente à seca, é mostrada como escassa, sempre por meio de depósitos como cacimbas e tonéis, registrando a dificuldade do acesso à ela. Aparecem também fotografias de água suja, caminhões pipas rudimentares e poças de água imprópria para o consumo. A escassez de água e a seca ainda se constituem nas imagens como a identificação do Sertão com a pobreza, subdesenvolvimento, miséria.

As pessoas que apareceram nas imagens são carentes, utilizam transporte rudimentar, estão à espera da ajuda do corpo de bombeiros e dos poderes públicos, sofrem com a falta de água, com a falta do Programa Bolsa Família e principalmente ainda sofrem com a seca. Não aparecem escolas, hospitais, não se faz menção a organizações sociais como cooperativas ou associações.

O transporte que as imagens mostram são sempre as carroças, animais, que levam charretes e ruas sem asfalto. Apenas em duas fotografias aparece uma estrada, em todas as

outras o chão é de terra batida , sem sinalizar a existência das rodovias Federais e Estaduais, tampouco a construção da ferrovia Transnordestina, uma ferrovia que liga o Porto de Suape, no Recife, ao Porto de Pecém em Fortaleza. Outro fenômeno ausente nas galerias são as motos, que tem se constituído o principal veículo de locomoção para agricultores e comerciantes da região.

A galeria que faz menção à religiosidade, registra uma procissão, em um lugar isolado, umas cruzes, velas e lençóis que indicam misticismo religioso e tradicionalismo, como se as festividades religiosas fossem exclusividade do misticismo sertanejo.

Foi possível observar que a representação do Sertão na mídia segue um caminho convencional e legitimado por Euclides da Cunha, Portinari, entre outros escritores e artistas, pertencentes a um determinado momento histórico do Brasil. Na problematização da pesquisa foi apontada a existência de imagens estigmatizadas do Sertão do Nordeste, no entanto, a coleta e sistematização dos dados surpreenderam pela quantidade delas e a falta total de fotografias, nas galerias consultadas, que se contrapusessem àquela imagem da seca como única representação do Sertão.

Essas imagens suprem a necessidade da sociedade de enquadrar a seca ao Sertão, à miséria, ao imaginário que ronda essa região há tantos anos. Anos depois ainda são válidas as considerações de Graciliano Ramos ao dizer que se o estrangeiro se informasse sobre o Sertão em livros, pensaria que se trata de uma espécie de Saara. O autor culpa não somente o que os romancistas com seus exageros expressam, mas os jornais também: “pois até a antropofagia serviu para dramatizar a seca, em jornal e em livro”. (RAMOS, 1962 p. 135). Parece que estas críticas feitas há quase cinquenta anos ainda estão sendo desconsideradas pela imprensa no Brasil.

Uma das reflexões desta pesquisa foi apontar a perspectiva de que a realidade do Sertão pode ser mostrada de outra forma, com outros conceitos e imagens que ponham em evidência as potencialidades da Região. A fotografia, por exemplo, assim como outras formas artísticas de representar a realidade podem lidar com o estranhamento, trazendo à tona questões nunca antes discutidas, em vez de trazer à sociedade uma sucessão reducionista de imitações já vistas, reforçando uma representação de um imaginário que pertenceu a uma época e não abriga a diversidade dos dias de hoje.

A fotografia é uma linguagem que comunica a partir de interesses diversos, não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro social (CHARAUDEAU, 2006). A realidade do Sertão faz parte de uma construção em que elementos foram escolhidos dentro de um universo muito mais amplo, fazendo uso da característica essencial da fotografia que é

a de ser polissêmica, possuir significados flutuantes dos quais uns são escolhidos em detrimento de outros (Barthes, 2009). Assim a imagem do Sertão, identificada nesta pesquisa, é um objeto que foi trabalhado, escolhido, composto, construído, tratado segundo normas profissionais, estéticas ou políticas.

O jornal possui sua credibilidade na sociedade. O jornalista possui um papel específico, como visto no capítulo primeiro, de evitar a promoção da discriminação. O jornalismo pode contribuir para mostrar as vocações locais de cada região, cobrar a descentralização da gestão pública; formar parcerias entre o estado local e a sociedade civil, com adensamento das energias sociais; ter maior eficácia na implementação dos objetivos e das metas; assim como cobrar a inserção estrutural das mulheres rurais nas atividades produtivas e nas esferas de decisão; divulgar as possibilidades de que se crie uma maior auto-suficiência e menos dependência de apoios externos.

Dessa forma, o jornalismo que não rompe com processos estereotipados perde a oportunidade de contribuir para a construção do desenvolvimento local da região e, em última análise, do país. A fotografia como notícia é capaz de mobilizar, trazer à tona a reflexão, questionar o que está estabelecido, no entanto o foto-jornalismo no tema em pauta mostra um ciclo vicioso de imagens iguais, parece que o Sertão que os fotógrafos encontraram nas grandes secas dos séculos passados continua o mesmo, preso a uma memória social da representação fotográfica. Constatou-se que os repórteres reproduzem a mesma concepção de Sertão, situando o seu foco numa realidade idealizada, revelando um tempo e um espaço predominantes no imaginário coletivo. Assim a mídia trabalha com estereótipos, na medida em que identifica nas imagens um Sertão, seco, quente, improdutivo, miserável, arcaico e sem perspectiva de futuro, o que contribui para agendar uma imagem no cenário nacional longe de uma perspectiva de desenvolvimento local.

Futuras pesquisas podem ser feitas no sentido de perceber como se dá a recepção pelas comunidades e grupos sociais mostrados pela mídia, até que ponto estes se vêm afetados por essa representação reducionista. A teoria das Representações sociais tem como preocupação o grupo de pessoas que foi classificado pela sociedade e que entraram em uma matriz de identidade que não escolheram e não controlam e assim adquirem características e tendências por tornarem-se objetos de uma convenção social. Cabe aos Estudos de Recepção combinados com a teoria das Representações Sociais observarem como se dá esse processo que envolve estereótipos e preconceitos solidificados na sociedade, assim, como interesses, desejos e aspirações.

REFERÊNCIAS

- A UNIÃO; Sucesso de uma indústria Têxtil; 2006; disponível em: http://www.auniao.pb.gov.br/v2/index.php?option=com_content&task=view&id=2704&Itemid=44; acesso 29 nov. 2010.
- ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das Representações sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes (org.), OLIVEIRA, Denize Cristina de. **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: AB, 1998.
acesso 11 jul. 2010 b.
- ADDIPER; Sertão Central; disponível em : http://www.addiper.pe.gov.br/site/page.php?page_id=36; acesso 26 dez. 2010 a.
- ADDIPER; Sertão do Pajeú; disponível em: <http://www.addiper.pe.gov.br/rd-sertaoPajeu.php>;
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. -2. Ed – Recife: FJN, ED. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- ALEGRE, Maria Sylvia Porto. Reflexões sobre iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual. In FELDMAN-BIANCO Bela, MOREIRA LEITE ,Mirian L. (orgs.). **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- AMBIENTEBRASIL; Estação Ecológica de Seridó; disponível em: http://ambientes.ambientebrasil.com.br/unidades_de_conservacao/estacao_ecologica/estacao_ecologica_do_serido.html; acesso 26 dez. 2010.
- AUMONT, Jacques. **A Imagem**. 2ªed. Campinas – SP: Papirus, 1994 – Coleção Ofício de Arte e Forma.
- BARTHES, Roland. **A Câmera Clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, Edições 70, LDA, 2009.
- BATISTA ,Micheline. Lula está de volta ao Sertão; 2010; disponível em : http://www.diariodepernambuco.com.br/2010/08/17/economia4_0.asp; acesso 13 de fev. de 2011
- BOM SINAL; VLT Mobile: veículos leves sobre trilhos; disponível em: <http://www.bomsinal.com/vlt/pt/index.php>; acesso 29 nov. 2010.
- BORGES, Giovana. **Jornalismo e Desenvolvimento Local: Análise do Jornal do Commercio Agreste, PE**. Recife: UFRPE, 2009 105 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrárias) – Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, Departamento de Educação, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CLICA PICOS; Picos é o maior produtor de mel do Brasil; disponível em: <http://www.clicapicos.com/economia/772/picos-e-o-maior-produtor-de-mel-do-brasil.html>; acesso 29 dez. 2010.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

DEL GROSSI, Mauro Eduardo e GRAZIANO DA SILVA, Jose. **O Novo Rural**: uma abordagem ilustrada. Londrina: Instituto Agrônômico do Paraná. 2002.

DESENVOLVIMENTO; disponível em: <http://escadaedevolvimento.wordpress.com/2010/08/18/inaugurada-maior-fabrica-de-dormentes-do-mundo-em-pernambuco/>; acesso 29 nov. 2010.

DIARIO DE PERNAMBUCO: Orkut: preconceito contra nordestinos; disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/2010/07/08/urbana3_0.asp ; acesso 10 jul. 2010a.

DIARIO DE PERNAMBUCO; disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/2010/01/28/politica3_0.asp; acesso 29/11/2010 c.

DIARIO DE PERNAMBUCO; Duas novas fábricas para o Sertão; disponível em http://www.diariodepernambuco.com.br/2010/01/28/politica3_0.asp; acesso 29 nov. 2010b.

DIARIO DE PERNAMBUCO; O Nordeste sobre duas rodas; http://www.diariodepernambuco.com.br/caminhosenvolta/duas_rodas.shtml; acesso 11 jan.2011.

DUBBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico e Outros Ensaios**. São Paulo: Papyrus, 1993.

FROEHLICH, José Marcos. **Turismo rural e agricultura familiar**: explorando (criticamente) o cruzamento de abordagens e estratégias para o desenvolvimento local. In: _____. Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento. Bauru: EDUSC, 2000. p.1. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/desenvolvimentorural/textos/25.pdf>>. Acesso em: 8 agos.2009.

FÉRIAS TURISMO; Solidão; disponível em : <http://www.ferias.tur.br/informacoes/5461/solidao-pe.html>; acesso 11 jul. 2010.

FETRACE; Feira mobiliza pequenos produtores dos Inhamuns; disponível em: <http://www.fetraece.org.br/imprensa/texto.php?Id=1194&Aba=FETRAECE>; acesso 11 jul. 2010.

FRANCO, Augusto de. Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável. Dez Consensos. In: **Proposta: revista Trimestral de Debate da FASE**, Rio de Janeiro, N°78, Ano 27, p 6 – 19, Setembro/Novembro 1998.

GONZAGÃO; História; disponível em: <http://www.gonzagao.com.br/historia.php>; acesso 05 dez. 2009.

GOOGLE; Região Nordeste: disponível em: <http://images.google.com.br/images?hl=pt-BR&q=sert%C3%A3o&um=1&ie=UTF-8&sa=N&tab=wi>; acesso 02 nov. 2009.

GOVERNO DE ALAGOAS - Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Agrário; Inclusão produtiva e autossustentável no Sertão de Alagoas; disponível em: <http://www.agricultura.al.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/2010/outubro/inclusao-produtiva-e-autossustentavel-no-sertao-de-alagoas>; acesso 13 dez. 2010.

GRAZIANO DA SILVA, Jose. **O Novo Rural brasileiro**. – 2ed. Ver.-1^a reimpr. Campinas, SP: UNICAMP, 2002. (Coleção Pesquisas,1).

GUIA DAS CIDADES DIGITAIS; A união da tecnologia com a criatividade; <http://www.guiadascidadesdigitais.com.br/site/pagina/tau-no-serto-cearense-une-tecnologia-e-criatividade>; acesso 06 jul. 2010.

ITAU CULTURAL; disponível em: <http://www.itaucultural.org.br>; acesso 05 dez. 2010.

JARA, Carlos Julio. **As dimensões intangíveis do desenvolvimento sustentável**. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a agricultura (IICA), 2001.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**: Norte e Sul: manual de Comunicação. Tradução Rafael Varela Jr. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LETRAS TERRA; Luiz Gonzaga; disponível em: <http://letras.terra.com.br/luiz-gonzaga/>; acesso 12 out. 2010.

MDA: Ministério do Desenvolvimento Agrário – Secretaria de Agricultura Familiar – Comunidades; disponível em: <http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf>; acesso 02 de out. 2009.

MDA: Ministério do Desenvolvimento Agrário; Território da Cidadania Inhamuns Crateús – CE; disponível em http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlrn/clubs/territoriosrurais/inhamunscratesce/one-community?page_num=0; acesso 13 nov. 2010.

MENDES, Nuno; TEORIA DAS CORES; disponível em : <http://www.ffcomputadores.com/hst/TEORIA%20da%20COR%20CFPF.htm>; acesso 26 dez. 2010.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 6ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MUTUM; disponível em: <http://www.mutumofilme.com.br>; acesso 11 jan. 2011.

O GLOBO; Seca no Nordeste; disponível em <http://oglobo.globo.com/pais/eleicoes2010/fotogaleria/2010/12515/>; acesso 26 dez. 2010.

OLIVEIRA, Xeyla; Apicultores do Piauí ganham selo de comércio justo; disponível em: <http://www.agenciasebrae.com.br/noticia.kmf?canal=199&cod=9501168>; acesso 29 dez. 2010.

ORDAZ, Olga; VALA, Jorge. Objectivação e ancoragem das Representações Sociais do Suicídio na Imprensa Escrita. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes (org.), OLIVEIRA, Denize Cristina de. **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: AB, 1998.

PESAVENTO Sandra Jatahy. O mundo da Imagem: território da história cultural. In: PESAVENTO Sandra Jatahy, Nádia Maria Weber Santos, Miriam de Souza Rossini; **Narrativas, imagens e praticas sociais: percursos em historia cultural**. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008.

PLANETA SUSTENTÁVEL; Entrando nos trilhos; disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/desenvolvimento/versao-compacta-metro-veiculos-leves-trilhos-veja-535745.shtml>; acesso 29 nov. 2010.

PORTINARI; Os Retirantes; disponível em: <http://www.portinari.org.br/ppsite/ppacervo/thumb.asp?tema=0007&totObras=86>; acesso 20 mai. 2010.

PREFEITURA DE SOLIDÃO; Solidão; disponível em: <http://www.prefeiturasolidao.com.br/>; acesso 11 jul. 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PICOS; disponível em <http://www.picos.pi.gov.br/>; acesso 29 nov. 2010.

PROJETO CAATINGA; disponível em: <http://www.projetocaatinga.com.br/oprojeto.asp>; acesso 02 out. 2009.

RAMOS, Graciliano. **A propósito da seca in: Linhas Tortas**. (obra póstuma). São Paulo: Livraria Martins Editora, 1962.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo Central das Representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SANTOS, Maria Salett Tauk. Comunicação Rural: do difusionismo Tecnológico ao desenvolvimento local. In: **Extensão e o Novo Espaço Rural no Nordeste Brasileiro**. Coletânea de Palestras. Organização PRORENDIA RURAL- PE. Seminário Internacional. Recife: Edições Bagaço, 2003.

SERPA, Egídio; Metrô do Cariri tem VLT de padrão mundial; disponível em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/egidio/metro-do-cariri-tem-vlt-de-padrao-mundial>; acesso em 29 out. 2010.

SERTÃO24HORAS; disponível em: <http://www.sertao24horas.com.br>; acesso 15 dez. 2010.

TERRA; Eleições; disponível em <http://noticias.terra.com.br/eleicoes2006/interna/0,,OI1032100-EI6652,00.html>; acesso 02 jan. 2011.

TERRA; Preconceito contra nordestino; disponível em : <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI4556090-EI5030,00-MPE+investiga+preconceito+contra+nordestinos+na+internet.html>; acesso 10 julho 2010

UFAL; Campus Sertão; disponível em: <http://www.ufal.edu.br/ufal/institucional/campus-sertao>; acesso 02 dez. 2010.

VEIGA, José Eli da. **1948 - Cidades Imaginarias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. 2.ed. Campinas,SP: Autores Associados, 2003.

VICELMO, Antônio; Metrô do Cariri é inaugurado; disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=699863>; acesso 29 nov. 2010.

VIZEU, Alfredo. **Rede Globo Nordeste: as representações sociais de Pernambuco nas notícias do Jornal Nacional**. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/dados/grupos/rede-globo-nordeste-as-representacoes-sociais-de-pernambuco-nas-noticias-do-jornal-nacional%5B54%5D.pdf> Acesso em 10 abril 2011.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
